



A VIDA
INVISÍVEL
DE EURÍDICE
GUSMÃO

**MARTHA
BATALHA**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



MARTHA BATALHA

A vida invisível de Eurídice Gusmão



COMPANHIA DAS LETRAS

Para Juan, que acreditou desde o primeiro dos quatro livros sacrificados em nome de Eurídice.

Para meus pais, cuja presença em tudo o que faço vai muito além do sobrenome.

E para a melhor professora de português que alguém poderia ter: Solveig, esta é a menina de doze anos retribuindo o que você me ensinou.

Cara leitora, prezado leitor,

Muitas das histórias descritas neste livro de fato aconteceram. Já houve no Rio de Janeiro corpos empilhados nas ruas, por causa da gripe espanhola. Os versos que saíam da boca de Maria Rita foram adaptados de Olavo Bilac, e o anúncio publicado depois que ela se trancou no quarto apareceu no Jornal do Commercio.

O Rio teve um livreiro muito francês e muito avaro, que deixou seu negócio para o irmão, em vez da mulher. Um moço muito pobre ficou muito rico produzindo cerveja, como aconteceu com o criador da cerveja Tupã (esse moço foi meu tataravô). E alguém teve o peculiar destino ao qual submeti este moço, como contou Luiz Edmundo em seus livros de recordações.

Heitor Cordeiro, Bebé Silveira e Raul Régis organizavam os mais finos salões do início da Nova República. Ernesto Nazareth não tinha piano próprio. Treinava na casa de amigos ou em lojas de instrumentos musicais na rua da Carioca. Villa-Lobos percorria escolas divulgando as maravilhas do canto orfeônico, e havia uma professora muito boazinha na Escola Municipal Celestino Silva, como contou meu avô.

Mas o mais real deste livro está na vida das duas protagonistas, Eurídice e Guida. Elas ainda podem ser vistas por aí. Aparecem nas festas de Natal, onde passam a maior parte do tempo sentadas, com o guardanapinho nas mãos. São as primeiras a chegar e as primeiras a ir embora. Comentam sobre os temperos do bolinho de bacalhau, sobre os calores ou chuvas do dia, sobre o vinho que algumas tomam, mas não muito, não muito. Perguntam se o marido vai bem, se a sobrinha-neta já tem namorado, se o sobrinho-neto está encaminhado. Algumas precisam de ajuda para sair do sofá e se sentar na mesa de jantar. Muitas já perderam o apetite, e encaram com desinteresse as

fatias de peru. Outras se animam na hora da sobremesa, porque rabanadas são sempre bem-vindas. Voltam quietinhas para o sofá e olham os jovens abrindo os presentes, com um jeito de quem só consegue ver o passado.

Eurídice e Guida foram baseadas na vida das minhas, e das suas avós.

1.

Quando Eurídice Gusmão se casou com Antenor Campelo as saudades que sentia da irmã já tinham se dissipado. Ela já era capaz de manter o sorriso quando ouvia algo engraçado, e podia ler duas páginas de um livro sem levantar a cabeça para pensar onde Guida estaria naquele momento. É verdade que continuava a busca, conferindo nas ruas os rostos femininos, e uma vez teve a certeza de ter visto Guida num bonde rumo a Vila Isabel. Depois essa certeza passou, como todas as outras que teve até então.

Por que Eurídice e Antenor se casaram ninguém sabe ao certo. Alguns acreditam que as bodas se consumaram porque José Salviano e Manuel da Costa já estavam comprometidos. Outros apontam a doença da tia de Antenor como responsável pela união, já que agora ela não podia mais lavar as roupas do sobrinho com o sabão especial de lavanda, ou preparar a canja de galinha com pedaços transparentes de cebola, porque se Nonô apreciava o gosto de cebola detestava a sua textura, sendo um único pedaço camuflado no feijão capaz de lhe deixar com engulhos e arrotos por uma longa tarde regada a Alka-Seltzer. Há ainda aqueles que acreditam que Eurídice e Antenor de fato se apaixonaram, e que essa paixão durou os três minutos de uma dança a dois num baile de máscaras do Clube Naval.

A questão é que se casaram, com igreja lotada e recepção na casa da noiva. Duzentos bolinhos de bacalhau, dois engradados de cerveja e uma garrafa de champanhe para o brinde na hora do bolo. Um vizinho professor de violino se ofereceu para tocar na festa. Cadeiras foram empurradas contra a parede, para os casais dançarem uma valsa.

Não havia muitas moças na festa, porque Eurídice não tinha amigas. Havia duas tias não muito velhas, uma vizinha não muito vistosa, uma outra não muito simpática. A jovem mais bonita estava na imagem do único porta-retratos da sala.

“Quem é a moça da foto?”, perguntou um amigo do noivo.

Antenor cutucou o amigo, disse que aqueles não eram modos. O moço ficou sem graça, olhou para os lados, olhou para o copo na mão. Deixou a cerveja na mesa e foi para a outra ponta da sala.

Foi uma cerimônia simples, seguida por uma festa simples, e por uma lua de mel complicada. O lençol não ficou sujo, e Antenor se indignou.

“Por onde raios você andou?”

“Eu não andei por canto algum.”

“Ah, andou, mulher.”

“Não, não andei.”

“Não me venha com desculpas, você sabe muito bem o que deveríamos ter visto aqui.”

“Sim, eu sei, minha irmã me explicou.”

“Vagabunda. Eu me casei com uma vagabunda.”

“Não fale assim, Antenor.”

“Pois falo e repito. Vagabunda, vagabunda, vagabunda.”

Sozinha na cama, corpo escondido sob o cobertor, Eurídice chorava baixinho pelos *vagabunda* que ouviu, pelos *vagabunda* que a rua inteira ouviu. E porque tinha doído, primeiro entre as pernas e depois no coração.

Nas semanas seguintes a coisa acalmou, e Antenor achou que não precisava devolver a mulher. Ela sabia desaparecer com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem, falava pouco e tinha um traseiro bonito. Além do mais, o incidente da noite de núpcias serviu para deixá-lo mais alto, fazendo com que precisasse baixar a cabeça ao se dirigir à esposa. Lá de baixo Eurídice aceitava. Ela sempre achou que não valia muito. Ninguém vale muito quando diz ao moço do censo que no campo profissão ele deve escrever as palavras “Do lar”.

Cecília veio ao mundo nove meses e dois dias depois das bodas. Era uma bebê risonha e gordinha, recebida com festa pela família, que repetia: *É linda!*

Afonso veio ao mundo no ano seguinte. Era um bebê risonho e gordinho, recebido com festa pela família, que repetia: *É homem!*

Responsável pelo aumento de cem por cento do núcleo em menos de dois anos, Eurídice achou que era hora de se aposentar da parte física de seus deveres matrimoniais. Tentou explicar a decisão para Antenor, através de umas indisposições que passou a ter, nas horas soltas das manhãs de sábado e naqueles momentos escuros, depois das nove da noite. Mas

Antenor não queria saber de não me toques. Ele era um homem de hábitos e de rotinas, como aquela que envolvia chegar-se à camisola da mulher e afundar o nariz no macio do pescoço branco. Eurídice então se fez ouvir de outras formas. Ganhou um monte de quilos que falavam por si, e gritavam para Antenor se afastar.

Ela emendava o café da manhã no lanche das dez, o almoço no lanche das quatro e o jantar na ceia das nove. Intervalos eram preenchidos com as sobras de papinhas e as provas de comida, para saber se tinha muito ou pouco sal, muito ou pouco açúcar, muito ou pouco gosto. Ganhou três queixos, essa Eurídice. Parece que seus olhos diminuíram, e seus cabelos não eram suficientes para emoldurar tantas feições. Quando viu que estava no ponto, que era o ponto de fazer o marido nunca mais se aproximar, adotou formas saudáveis de alimentação. Fazia dieta nas manhãs de segunda-feira e no intervalo entre as refeições.

O peso de Eurídice se estabilizou, bem como a rotina da família Gusmão Campelo. Antenor saía para o trabalho, os filhos saíam para a escola e Eurídice ficava em casa, moendo carne e remoendo os pensamentos estéreis que faziam da sua uma vida infeliz. Ela não tinha emprego, ela já tinha ido para a escola, e como preencher as horas do dia depois de arrumar as camas, regar as plantas, varrer a sala, lavar a roupa, temperar o feijão, refogar o arroz, preparar o suflê e fritar os bifês?

Porque Eurídice, vejam vocês, era uma mulher brilhante. Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos. Mas o que lhe deram foram cuecas sujas, que Eurídice lavou muito rápido e muito bem, sentando-se em seguida no sofá, olhando as unhas e pensando no que deveria pensar.

E foi assim que concluiu que não deveria pensar. Que para não pensar deveria se manter ocupada todas as horas do dia, e que a única atividade caseira que oferecia tal benefício era aquela que apresentava o dom de ser quase infinita em suas demandas diárias: a culinária. Eurídice jamais seria uma engenheira, nunca poria os pés num laboratório e não ousaria escrever versos, mas essa mulher se dedicou à única atividade permitida que tinha um certo quê de engenharia, ciência e poesia.

Todas as manhãs, depois de despertar, preparar, alimentar e se livrar do marido e dos filhos, Eurídice abria o livro de receitas da Tia Palmira. Pato

com laranja parecia ser o jantar ideal, desde que tivesse que comprar o pato, e que em casa não houvesse laranjas. Ela colocava seu vestido de sair e ia ao aviário escolher um pato saudável. Aproveitava para escolher um frango, porque o pato deveria passar a noite imerso em vinho e especiarias, fazendo com que o jantar de hoje continuasse a ser um desafio e, nossa, ela precisava de desafios. O pato tinha que ser novo e gordo, o frango devia ter crista vermelha e peito carnudo. Na feira Eurídice levaria as laranjas para o dia seguinte, o coco para o bolo de fubá, as ameixas para o recheio do rosbife e a dúzia de bananas que alimentaria Afonso e Cecília, depois de revirem o prato e dizerem “não gosto disto”.

De volta à casa ela prenderia o frango e o pato pelas pernas, cortaria os pescoços e se envolveria em outras tarefas enquanto o sangue dos animais escorresse na bacia. Pato e frango eram escaldados por dois minutos, as penas retiradas com o corpo ainda morno, um fogo de papel passado na superfície para queimar as penugens. Tripas e moela, fígado e coração eram extraídos por um pequeno corte na barriga, para assar a ave sem cortes, ou através de um grande corte no meio do corpo, se o prato fosse servido em pedaços.

E havia os acompanhamentos. A batata nunca era só frita, mas frita por inteiro e recheada com queijo e presunto. Cozida e gratinada com creme de leite, cortada em fatias e batizada suíça. O arroz deixou de ser branco, recebendo passas, ervilhas e cenouras, molho de tomate, leite de coco ou qualquer outro ingrediente que Tia Palmira sugerisse em suas receitas. Quando sobrava um tempinho ela investia nas sobremesas. Manjares com calda de ameixa, cascata de ovos nevados, cocada com creme de queijo. Eurídice cozinhava até terminar de encher todas as travessas, e qualquer espaço livre na mesa da copa.

As proezas culinárias da moça não eram reconhecidas pela família. Afonso e Cecília passavam por um momento de Ode ao Macarrão e Antenor não era homem de se sensibilizar por um robalo com molho de alcaparra. *Dá-me um talharim*, diziam as crianças, *dá-me um bom bife*, dizia Antenor, e Eurídice voltava para a cozinha para esquentar a água do macarrão, e prometia a Antenor um filé-mignon sem cogumelos. Depois de uma ou duas noites de comida simples ela voltava para as receitas do livro, e todo mundo tinha que fingir que comia sarapatel, camarão na moranga, arroz de mariscos.

Quando já tinha testado todas as receitas Eurídice achou que era hora de criar seus próprios pratos. Aquela Tia Palmira sabia das coisas mas não sabia de tudo, e Eurídice desconfiava que o aipim com leite poderia cobrir a carne-seca, que a goiabada ficaria bem no frango à milanesa, que as farofas poderiam ter um quê desse tal de curry que ninguém conhecia. Numa quinta-feira pela manhã ela colocou seu vestido de sair e foi até a papelaria da esquina.

“Bom dia, d. Eurídice.”

“Bom dia, seu Antônio.”

“Procurando algo especial?”

“Um caderno grande e pautado.”

Seu Antônio apontou na estante a pilha de cadernos de capa dura e negra. Eurídice se entretinha com a escolha, e seu Antônio se entretinha com Eurídice. Talvez por ter passado a infância dormindo entre as carnes fartas da negra Chica de Jesus, responsável por criar Antônio e os irmãos enquanto a mãe frequentava os melhores salões do Rio, ele gostasse tanto das abundâncias de Eurídice. Gostava também dos olhos, do nariz arrebitado, das mãos pequeninas, da medalhinha no peito, dos tornozelos roliços e de qualquer outro lugar para onde olhasse.

Eurídice demorou-se na pilha. Aquele seria o caderno de suas receitas, precisava escolher o melhor entre os cadernos pautados. Folheou um, encontrou uma folha amassada e o devolveu para a pilha. Pegou outro, viu um sujinho na capa e desistiu. Analisou um terceiro e não encontrou defeitos. Ia entregar o eleito para Tinoco, o mulato que trabalhava desde sempre na papelaria, quando seu Antônio se adiantou para cuidar da cliente. Conversaram sobre o tempo enquanto Eurídice esperava pelo troco. Ela foi embora sem imaginar que seus comentários sobre a chuva seriam o ponto alto da semana para aquele homem.

No caminho de volta Eurídice cantarolava, feliz. Parou de cantarolar e ficou menos feliz quando ouviu um “bom dia, comadre!”.

Zélia, a vizinha da casa ao lado. Zélia era uma mulher de muitas frustrações. A maior delas era não ser o Espírito Santo, para tudo ver e tudo saber. Zélia estava na verdade mais para Lobo Mau do que para Espírito Santo, porque tinha olhos grandes para ver melhor, ouvidos grandes para ouvir melhor e uma boca muito grande, que distribuía entre os vizinhos as principais notícias do bairro. Zélia também tinha um pescoço de tartaruga,

que parecia expandir-se por dentro da gola toda vez que alguém de seu interesse passava pela frente de casa. Aquela mulher era mais esquisita que um ornitorrinco, e um tipo como aquele só não causava mais estranheza porque Zélia era apenas uma entre tantas da mesma laia que habitavam aquele tempo e lugar.

“Precisando complementar o material escolar das crianças?”

Eurídice colocou o pacote junto ao peito, num gesto dúbio até para ela. Não sabia se estava protegendo o peito ou o pacote.

“Bom dia, comadre. Este é... um caderno para anotar as despesas da casa.”

No dia seguinte todas as mulheres da rua lamentavam o fato de Eurídice e Antenor estarem passando por dificuldades financeiras. Pudera, dizia Zélia. Eurídice não tinha limites em suas compras na mercearia, e como alguém podia ir tantas vezes às Casas Pedro em busca de especiarias? E que cheiros saíam daquela cozinha! Cheiros exóticos, que não faziam parte do feijão com arroz das outras casas. Aquela farra tinha que acabar.

Incapaz de ser o Espírito Santo Zélia contentou-se com uma função menor, e autoproclamou-se profeta. Suas observações empíricas geravam prognósticos precisos, que tinham como característica comum o fato de serem sombrios, porque Zélia conseguia ser pior do que Deus no Antigo Testamento. “Aquela ali vai levar o marido à bancarrota”, decretou, de queixo comprido.

Zélia não se tornou um simulacro de ornitorrinco assim, de uma hora para a outra — essas coisas de evolução demoram para acontecer. A transformação começou ainda na infância, quando o que era para ser dom se tornou pesar. Do pai ela herdou o gosto pela notícia, da mãe a vida restrita ao lar. Do mundo ganhou desgostos, do destino a falta de escolhas. Formou-se assim a essência da fofoqueira.

Quem vê os olhos duros da moça não acredita que um dia foram capazes de olhar sem malícia. Quem vê o sorriso de mofa não imagina que um dia ele foi só sorriso. Mas assim era Zélia quando menina: só sorrisos e bons olhares. Nos poucos anos em que foi feliz ela achava a vida tão incrível que protestava nas pausas, recusando-se a dormir. *Eu posso ouvir os grilos, posso adivinhar os barulhos da casa, posso pensar no que fazer pela*

manhã, e nas brincadeiras da tarde, ela dizia para si, de olhos abertos na escuridão. Mas o cansaço sempre encontrava meios de engabelar a menina, porque em algum momento da madrugada ela adormecia. Descobria logo que tinha sido enganada, e era a primeira a acordar pelas manhãs.

Zélia se levantava cantando, comia sorrindo e andava trotando. Inventava danças, distribuía beijos e gargalhava por gargalhar. Tudo lhe parecia divertido — encontrar pedrinhas entre os grãos de feijão, dobrar roupas secas do varal, descobrir teias de aranha no teto e varrer os cantinhos da sala.

As vizinhas condenavam os rompantes da menina: “Isto é falta de sova”. Mas a mãe dispensava conselhos. “Um dia ela vai descobrir que a vida não é tão feliz, mas esse dia não tem que ser hoje”, ela dizia, saudosa por ver nos trotes da filha aqueles que tinha dado, tantos anos atrás.

Sábado era para Zélia o mais genial de todos os dias geniais. Era quando via o pai pela primeira vez na semana. Álvaro Staffa era repórter durante o dia e boêmio durante a noite. Quando chegava em casa seus filhos já estavam dormindo, quando acordava eles já tinham ido para a escola. Os deveres paternos eram cumpridos nos fins de semana, quando tinha que entreter as crianças enquanto a mulher preparava o almoço. O italiano coçava a cabeça, olhava acanhado para os filhos e se preparava para fazer a única coisa que sabia além de escrever e beber, que era falar sobre o que foi escrito e sobre o que poderia escrever. Colocava Zélia em uma perna, botava Armandinho na outra, sentava Francisca de um lado, punha Zezinho do outro, dizia para Carlinhos, Julieta e Alice cruzarem as pernas no chão, fechava a porta do quarto para não acordar o caçula e contava para os filhos as aventuras de repórter. Um dia ele estava no Copacabana Palace, junto com as candidatas a miss; no outro estava em Niterói, vendo os estragos de um acidente com fogos. Havia o almoço na confeitaria Paschoal em homenagem ao presidente, a polêmica pela extinção dos burros sem rabo das ruas do Centro. A placa de ouro que Santos Dummont recebeu dos amigos e a festa do Bom Jesus do Monte. Os decretos assinados na pasta de Viação, o fogo que extinguiu uma barraca na avenida do Mangue e a prisão daquele músico cego, que fazia ponto na rua Direita e tinha gêmeos para criar. Um disparate aquela prisão, que demonstrava apenas a crueldade dos nossos policiais!

Era a única hora da semana em que havia tranquilidade na casa do Rio Comprido. Além da voz rouca de Álvaro, o único ruído era o da panela de pressão.

Até que a profecia da mãe de Zélia se realizou. A menina passou por duas tragédias na vida, que a fizeram parar de trotar. A primeira foi a morte do pai. A segunda foi a descoberta de que era feia.

Álvaro Staffa descobriu a vocação para repórter aos quinze anos. Naquela época já era homem-feito, formado e reformado pelas ruas do Rio. Aos oito anos ele chegou da Itália com os pais, aos nove ficou órfão. Como aprendeu o português, como começou a ler e escrever, como não morreu de fome, de peste ou de facada são mistérios só explicados por destinos que nascem traçados. Vendeu balas na barca de Niterói e bilhetes no ponto de bonde. Engraxou sapatos, limpou janelas e distribuiu jornais. Tirava seu sustento dos pequenos trabalhos na rua e dos favores que prestava a um respeitado senhor de casaca, que uma vez por semana o levava para um quarto de hotel na Lapa e pedia para que caminhasse nu sobre suas costas, cantando “O sole mio”.

Antes dos treze anos já tinha sido preso nove vezes. Sabia usar a navalha e era um capoeira temido. Achando que tinha vivido demais e que era hora de se estabelecer, traçou para si um “plano de carreira”, que consistia em tentar uma promoção no local onde trabalhava. De entregador do jornal Álvaro passou a contínuo da redação. Um avanço incrível. Era a primeira vez que trabalhava sob um teto.

A promoção veio em boa hora. Fazia alguns meses que Álvaro tinha sido dispensado de seus serviços de cantor nu, por estar pesado demais para caminhar sobre as costas do senhor de casaca. E que regalias, essas de agora, pois dispunha de mesa exclusiva, e quando não havia serviços ele podia passar a tarde inteira sentado, na companhia de um livro!

A boa vida terminou no inverno de 1918, quando a cidade registrou os primeiros casos de gripe espanhola. No começo era um aqui e outro acolá. Uma semana depois eram muitos aqui, e muitos mais acolá.

Em meados de outubro mais da metade da população do Rio estava doente. Em uma manhã de quarta-feira somente Álvaro, o editor do jornal, Camerino Rocha, e o tipógrafo apareceram na redação. Camerino olhou o

menino atrás da mesa, perguntou se ele sabia escrever e o mandou para a rua, com um lápis e um bloco de notas.

Álvaro passou três horas caminhando pelo Rio. Viu homens agonizando em vômitos de sangue e crianças conversando com mães que já estavam mortas. Doentes em delírio, expulsos de suas casas. Profetas de longas barbas anunciando o fim do mundo. Ouvia os gritos de antes da morte que vinham de janelas fechadas e contou as centenas de corpos nas ruas, em vão. Quando terminava a conta outro defunto aparecia, ou a carroça da prefeitura chegava para rebocar os corpos, e mal ia embora outros tantos já estavam nas soleiras, esperando a hora que vem depois da hora da morte, que era a de competir por um espaço numa das covas comunitárias da cidade, abertas dia após dia.

Pelas próximas semanas esta seria a sua rotina: chegar à redação, pegar um lápis e um bloco de notas, sair para registrar a tragédia e voltar com mais histórias do que eram necessárias para fechar a edição. Ele parecia imune à doença; no corpo não se sabe por quê. Na alma por ter visto a família inteira morrer, vítima da febre amarela.

Quando os repórteres que sobreviveram à gripe voltaram à redação encontraram Álvaro em frente a uma das máquinas de escrever. Com a exceção dos fins de semana e do dia de Natal o rapaz seria visto no mesmo lugar e por muitas horas, até o dia de sua morte.

E por que Álvaro morreu? São duas as versões. A primeira é que ele começou a ter muita sede, o que fez com que reavaliasse as prioridades. Para o Álvaro Staffa de antes o casamento, o corte de cabelo, as festas de aniversário, o que ele tinha comido pela manhã, todos esses eram detalhes irrelevantes, que aconteciam no intervalo daquilo que realmente importava — escrever, falar sobre o que foi escrito, beber para falar melhor sobre o que foi escrito e sobre o que se poderia escrever. Para o Álvaro Staffa de depois — aquele de muita sede — as prioridades eram beber para suportar o casamento, beber antes e depois do corte de cabelo, ir às festas de aniversário para beber e falar embriagado sobre aquilo que tinha escrito. Agora as histórias que contava aos filhos ficavam pela metade. As quatro vítimas do terrível acidente de ônibus na rua Dias da Cruz tinham seus destinos suspensos pelos cochilos de Álvaro Staffa. Não adiantava ser chamado pelo primogênito, não adiantava ser chacoalhado por Zélia. Álvaro começava uma história, cabeceava um pouco, tentava abrir os olhos

mas desistia, e não havia meios de descobrir quem mais tinha morrido, além de um professor de latim.

Deu para chegar na redação de ressaca. Ouvia pitos de Camerino, e para se recompor passou a cheirar cocaína. Da pura, alemã, vinda diretamente dos laboratórios Merck, comprada no mercado negro que funcionava na ladeira do hotel Glória.

A principal consequência da mudança de Álvaro foi sentida na despensa de casa. Até então ela apresentava padrões regulares de logística: estava cheia no início do mês e vazia no final. Mas depois que Álvaro degradingolou passou a ser sempre uma despensa de fim de mês. Só abrigava um punhado de farinha, um restinho de açúcar, um pouquinho de feijão, uma cebola solitária. Uma banana que não se sabe como conseguiu sobreviver à fome daquelas crianças, e que escurecia, enquanto os integrantes da família pensavam se a miséria era assim tão grande para comerem a fruta meio podre.

Álvaro Staffa morreu de cirrose, aos trinta e cinco anos. Os amigos que acreditaram nessa versão da morte lamentaram durante o velório os vícios devastadores que ceifam os talentos deste Brasil.

Existe também a segunda versão. É que Álvaro, esse moço que se fez do nada, esse pau que nasceu direito, entortou-se pela vida e endireitou-se no casamento — continuava a ter certas tendências enviesadas. Álvaro gostava da rua, e dos tipos da rua. Vez por outra o rapaz se engraçava com alguma mulata — eram sempre mulatas que lhe apeteciam. Depois deixava de se engrajar, e a vida continuava.

Eram essas as intenções do moço quando numa terça-feira de carnaval conheceu uma odalisca desfilando no cordão carnavalesco Tira o Dedo do Pudim. Ela tinha dentes tão claros quanto o branco dos olhos, embora não fosse possível ver o branco dos olhos. Rosa dançava de olhos fechados e sorriso aberto, movimentando os quadris de forma inédita para Álvaro. Aqueles eram quadris com personalidade. Eram firmes e tesos e fortes e irresistíveis.

Álvaro precisou de três meses para conferir os atributos daqueles quadris, o que fez no quarto de pensão alugado por Rosa. O casal passava tardes inteiras trocando fluidos e juras de amor, com Rosa pedindo sussurros em italiano, e Álvaro pedindo desfiles de corpo nu. A moça se entregou por inteiro àquela paixão. Álvaro entregou seu pênis por inteiro àquela paixão.

Até que chegou a hora de Álvaro retirar o pênis e os sussurros italianos do quarto de pensão. Em casa a mulher já tinha saído do resguardo, e ele teria outras formas de se aliviar. Despediu-se de Rosa como quem se despede de um tio-avô, sabendo que nunca mais a veria, e sem se importar com isso.

Rosa não aguentou o abandono. Quebrou vasos, rasgou roupas e cogitou estricnina. Emagreceu tanto que além de Álvaro perdeu também os quadris. Ganhou olheiras, cabelos revoltos e a demissão do trabalho de meseira em uma das tascas da rua Direita.

E tudo teria ficado assim, com essa Rosa mulata mastigando a bÍlis que vem quando o primeiro amor se vai, se ela não fosse a filha do babalaô Oluô Teté, um dos mais respeitados feiticeiros do Rio. Seu terreiro na Vila da Penha era frequentado pelos mais importantes políticos do país. Carruagens vindas de Botafogo paravam em frente ao seu portão, e delas saÍam senhoras com rostos escondidos pelo chapéu e protegidos pelo leque. Oluô Teté sabia ressuscitar doentes e discursar em línguas mortas. Sabia falar com os espÍritos, levitar e trazer a chuva ou o sol.

Vendo o estado da filha Oluô fez o que qualquer pai faria: cerrou os punhos e desejou que o carcamano fosse para o quinto dos infernos. Mas no caso dele era fácil realizar o desejo, por ter acesso direto às fontes. Oluô mandou matar uma vaca e pediu para Rosa trazer a roupa de cama que dividiu com Álvaro. Enrolou a filha em lençóis manchados de sangue e rezou ou praguejou numa língua desconhecida. Por todo o fim de semana os tambores do morro do Cariri não pararam de tocar.

Na segunda-feira pela manhã Álvaro começou a beber.

Era tanto o ódio de Rosa e tão forte a magia do pai que as maldições impingidas a Álvaro se estenderam a todos aqueles gerados por seu sêmen, prejudicando a vida de seus oito filhos, e de dezesseis mulatinhos da Zona Norte do Rio.

João morreu no mesmo mês que o pai. Viu a cama vazia de Álvaro, deitou-se com as costas arqueadas e chorou por três dias, até ser consumido pelas próprias tristezas. Francisca adoeceu duas semanas depois. O médico disse ser pólio, e que não voltaria a andar.

Viúva e filhos não gostam de lembrar dos meses de penúria. Sabe-se que Carlos, de treze anos, passou a ser o homem da casa. E que o sumiço dos

bichos-preguiça do Campo de Santana aconteceu na mesma época em que a família experimentava o gosto de carnes exóticas.

Logo depois eles foram anexados por um parente que morava em Bangu — naquela época as famílias eram um pouco como esses exercícios de conter e estar contido que se fazem na matemática. Era uma casa de cinco quartos e um banheiro, com um Jesus Cristo protegendo a fachada, galinhas e mangueiras no quintal. O núcleo de Zélia ganhou um quarto, e o último lugar na fila do banheiro.

Quando Zélia foi morar com os tios ela ainda tinha o caderno de capa azul que recebeu de presente do pai, em seus tempos de pouca sede. “É para você escrever o que pensa do mundo”, ele disse. Os bracinhos de Zélia envolveram o pescoço de Álvaro, que agradeceu de olhos fechados pela família que Deus lhe deu. A prosa tatibitate das primeiras páginas evoluiu para parágrafos elaborados, escritos nos meses de sofrimento. Era esse o único bem de Zélia. Aquele que ela guardava embaixo do colchão, e que foi descoberto pelos primos, que declamaram entre risadas alguns trechos antes do jantar, e que causou problemas para a mãe, que defendeu a filha atacando os sobrinhos a cintadas, e foi atacada em seguida pelo irmão. Afinal quem era ela, além daquela que morava de favor?

Quando Zélia deixou de morar com os tios, o caderno já não existia. Era besteira, foi para o lixo, pois havia a ilusão de que se o caderno fosse para o lixo talvez levasse com ele as galhofas que vinham dos primos.

* * *

Até que Zélia resistiu bastante. Resistiu às roupas remendadas e às calcinhas de segunda mão. Resistiu ao mesmo sapato usado tantos anos, largo nos primeiros tempos, e apertado depois. Resistiu às risadas dos primos e à falta de carinhos da mãe, sempre cansada depois de lavar a roupa e de cozinhar para as quinze pessoas da nova casa. Resistiu à sopa rala e ao choro dos irmãos mais novos.

Mas Zélia não resistiu à adolescência. Quando percebeu dois caroços de feijão por trás do peito reto, quando sentiu as dores no ventre baixo acompanhadas de sangue, quando descobriu desejos e temores que não

sabia de onde vinham, nem para que serviam, seu inflexível otimismo se flexionou.

“Zélia tem boca de gaveta, Zélia tem boca de gaveta!”, os primos agora diziam.

Numa tarde com poucas pessoas na casa ela foi até o banheiro. Trancou a porta e conferiu seu rosto no espelho. Aquela não era mais a imagem da criança levemente estrábica, com um imenso laço em uma das têmporas. Aquela era a imagem de uma moça com cabelos desajeitados, olhos e nariz desajeitados, espinhas salpicando a testa desajeitada e uma imensa boca, que esbanjava lábios e dentes. Era uma boca abundante, desnecessária, excessiva. Duas linhas grossas que cortavam o rosto sem piedade. Zélia permaneceu olhando a própria imagem enquanto formava a opinião que teria de si para o resto da vida. Era uma mulher feia.

Estava escrito em seu destino e em sua face que seria infeliz. As inseguranças trazidas pela juventude se misturaram a uma amargura inédita, que brotava em seu peito como mato de jardim. Mesmo nos primeiros tempos de adolescência, quando Zélia ainda se dizia *isso é besteira, não pense assim* e arrancava os matinhos amargos, eles voltavam, constantes, e cresciam. Até que Zélia deixou de arrancar o mato, olhou de novo para o espelho e concluiu que a feiura do rosto e a tristeza da vida combinavam com a amargura do peito.

Nascia ali a Zélia de olhos duros. A única herança da antiga Zélia era o interesse pela vida, que agora aparecia distorcido. Só existia para classificar as pessoas no cruel sistema de comparações criado para entender o mundo. Zélia não queria ser, e não seria, a única pessoa infeliz. A partir daquele momento se tornou capaz de encontrar a infelicidade em todos os lados, por meio de fatos ou de boatos, distribuídos por sua imensa boca.

Zélia teve um último momento de esperança, quando imaginou uma vida de sorrisos mais abundantes. Foi pouco antes de completar dezoito anos. Fazia alguns meses que se correspondia com um primo de segundo grau por parte de pai, um certo Nicolas Staffa, que tinha se estabelecido com a família no sul de Minas Gerais. O pai de Nicolas era um empresário do ramo do entretenimento que estava se tornando pessoa influente da cidade de Lambari. Pois esse Nicolas escreveu a Zélia dizendo que vinha ao Rio cuidar de negócios para o pai, e aproveitaria para ficar para o baile de fim de ano do Clube dos Democráticos. Será que Zélia e suas irmãs não

gostariam de acompanhá-lo? Zélia escreveu a resposta com o estômago contraído. Sim, encantada, ela iria com as irmãs.

Zélia Staffa, Zélia Staffa, a moça pensava, sorrindo. A vida tem ironias. Nos últimos meses combinava seu nome com os sobrenomes dos rapazes que conhecia. Zélia Camargo, Zélia Cavalieri, Zélia Calixto. *Quem diria*, pensou, *que dentre tantas possíveis combinações seu nome voltaria a ser Zélia Staffa. Zélia Staffa, Zélia Staffa*. O nome lhe caía bem.

A essa altura Zélia já tinha consciência das dimensões de sua boca e de todas as razões de desgosto que havia em torno da boca. Mas tinha esperanças na troca de cartas com Nicolas, por dois motivos: o primeiro é que já haviam se conhecido, dando ao rapaz o livre-arbítrio de continuar a se corresponder com Zélia mesmo depois de inteirar-se sobre os excessos de seu rosto. O segundo é que quando Zélia escrevia se transformava em uma das mulheres mais interessantes de seu tempo.

Zélia só pensava no baile. Cantarolava baixinho, brincava de fazer tranças e deu naqueles dias os últimos sorrisos que remetiam àqueles da infância. Costurou o próprio vestido, um modelo rosa-claro com saia evasê e mangas bufantes. Costurou um bolero de tecido marfim, a ser utilizado na entrada e na saída do baile. Comprou luvas novas, investiu num chapéu a prestações e pediu emprestados os brincos da irmã mais velha. Seguiu as dicas de beleza do *Jornal das Moças*. Descansou os olhos em rodela de pepino, deixou os cabelos imersos em babosa e tomou banho com gotas de iodo, para ganhar na pele a cor de âmbar. No dia do baile Zélia estava tão feliz que se sentiu bonita.

Mas aquele não foi um baile bom. O Nicolas daquela noite parecia não ser o mesmo que escreveu as cartas. Mostrou-se educado, porém contido. Sorridente, mas reservado. As conversas morriam depois da terceira frase. Havia entre os dois mais quilômetros do que aqueles que ligam Lambari ao Rio, uma distância que foram capazes de encurtar tão bem nos meses de correspondência.

Lá pelo meio da noite Zélia desistiu de esperar do baile as horas de prazer que sentiu ao ler as cartas de Nicolas. Deixou o moço no meio do salão e disse que precisava retocar a maquiagem. Nicolas nem disse que sim nem que não, apenas consentiu com a cabeça. Zélia virou as costas, e desabou. A mulher interessante que era, ou que acreditava ser na frente de Nicolas, deu lugar a uma moça triste e insegura. A cada passo em direção

ao banheiro a insegurança aumentava. Quando, no meio do caminho, conferiu sua aparência na parede espelhada, só conseguiu ver a saia um pouco torta, as mangas bufantes demais e uma horrível boca de gaveta.

A falta de palavras de Nicolas modificou as impressões sobre si mesma. Concluiu que ninguém naquele baile gostaria de estar a seu lado. Ela não sabia se vestir. O cabelo estava menos enrolado do que deveria. O rouge que dava alguma graça a seu rosto já tinha se esvaído. E aquele batom vermelho, por que ela foi usar um batom vermelho? Aquilo era tão chamativo quanto um sinal de trânsito. Zélia procurou uma cadeira num cantinho do salão e permaneceu ali pelo resto da noite. Ela queria sumir, o que seria impossível. Sua boca não ia desaparecer.

Mas o principal erro da noite não seria o vestido, o cabelo ou o batom. Naquele cantinho do baile estava Plínio, um rapaz de pescoço fino e olhar angustiado, como se estivesse o tempo todo com muita vontade de fazer xixi. Plínio estava habituado a se retrair, e sentia-se confortável naquele cantinho. Quando Zélia se aproximou ele não viu o cabelo de poucos cachos ou a boca em demasia. Viu apenas uma moça que, como ele, parecia gostar de cantinhos.

Casaram-se no ano seguinte. Plínio Correia exerceria por quarenta anos a mesma função de gerente na Companhia Light do Rio de Janeiro. Seu salário nunca seria magnífico ou deplorável, suas ambições transitariam entre o nulo e o irrelevante. Não esperava nada da vida além do moto-contínuo, para ele o desconhecido seria sempre ameaçador. A única aventura da vida de Plínio seria uma excursão de cinco dias a Foz do Iguaçu. Envelheceria com Zélia desse jeito tão comum de envelhecer, que implica se afastar um pouquinho da companheira, todos os dias.

Zélia viu no casamento a solução para seus dias infelizes em Bangu. Depois viu o casamento como um erro. Um erro que ressonava a seu lado, todas as noites. Vendo Plínio dormir de boca aberta Zélia pensava na mediocridade de sua vida. Pensava em Nicolas, pensava que deveria ter insistido um pouco mais naquela noite. Pensava que poderia ter sido a rainha dos cassinos de Lambari, em vez da mulher de um zé-ninguém na Tijuca.

O que Zélia não sabe é que a distância de Nicolas durante o baile não foi causada por seu pobre desempenho intelectual ou pela aparência imperfeita. O que aconteceu naquela noite é que o rapaz, acostumado à

dúzia e meia de mineiras casadoiras de Lambari, teve uma overdose de sensações ao encontrar tantas e tão interessantes cariocas no baile dos Democráticos. *Esta cidade é o paraíso*, pensou. Não foi difícil reavaliar prioridades, colocando o casamento no fim da fila e trazendo para adiante alguns anos de experimentos.

Talvez tenha sido um trabalho de Oluô Teté (depois de se desiludir com a oitava morena o feiticeiro perdeu a paciência e jogou uma praga contra as mulheres do Rio). O fato é que desde os tempos da mãe de Rosa as cariocas enfrentam a maldição de serem lindas, inteligentes e tantas, mas tantas, que os homens da cidade podem se dar ao luxo de não ter que escolher uma só.

E foi assim que Zélia foi parar na Tijuca, consciente de que dali jamais sairia. Não era na verdade um lugar ruim para estar. Era muito melhor do que o quartinho dos fundos que habitava em Bangu. Só que essa nova Zélia não conseguia ver as dádivas da vida. Só conseguia ver o marido mais ou menos, os filhos não tão bonitos, a casa remediada. Estava cercada por erros. A menina que um dia teve um caderno azul continuava a explorar o mundo, para encontrar no entorno os defeitos que só ela via.

Se a vizinha não deu bom-dia não foi porque não a viu, mas porque a ignorou. Se a goiaba veio com bicho foi porque o feirante sabia, e quis lhe engabelar. Se d. Irene engordou é porque estava infeliz, se emagreceu é porque ficou deprimida. Se a filha do padeiro ajudava no caixa é porque queria encontrar marido, se não ajudava é porque era folgada. Se a afilhada tirava boas notas queria se mostrar, e se escondia o boletim, era uma parva.

“E você, imprestável, não sabe fazer nada além de escutar este rádio?” Zélia cruzava os braços e aumentava o queixo ao se dirigir ao marido.

Sentado em seu cantinho Plínio não respondia. Foi acometido deste mal que ataca tantos homens, que é o voto de silêncio depois de alguns anos de casamento. Inclusive depois das bodas de cobre o número de sílabas que soltou foi menor que o de arrotos.

As constantes insatisfações de Zélia terminaram por modificar sua aparência. Para cortar a casca da abóbora, para desentupir a pia, para limpar as prateleiras mais altas, Zélia fazia muitas caretas, que no começo

não combinavam com o rosto jovem, mas que depois faziam parte das suas feições.

Seus olhos ganharam círculos roxos, vindos das noites mal-dormidas. Pois se na infância a Zélia feliz batalhava contra o sono, nos anos seguintes ela desaprendeu a dormir. E como um soninho lhe cairia bem, nessa sua vida de tédio! Pois nada. Zélia passava noites e mais noites em claro, aumentando as olheiras e o mau humor. As insônias tão desejadas nos anos ingênuos se tornaram um fardo a ser carregado pelo resto dos seus muitos dias.

Depois de um tempo Zélia se olhava no espelho e virava o rosto, contrariada. Difícil dizer se ela era amarga por ser feia, ou se era feia por ser amarga. Era a janela a sua salvação. Ali ela podia ver tudo o que não era Zélia. E era ali que ela via Eurídice, essa moça que não parecia estar de todo confortável no lar, e que merecia os julgamentos que Zélia gostava tanto de fazer.

“Bancarrota. Escrevam o que eu digo. Eurídice só sabe fazer banquetes, mas daqui a alguns anos terá que viver de farinhas.”

2.

Como as dificuldades financeiras não estavam em seu orçamento, mas na cabeça dos outros, Eurídice continuou com seu projeto. Inventava bolos, testava sopas e criava molhos, escrevendo os passos de cada receita nas folhas de seu caderno. Era seu diário, aquele. O relato do que fez para suportar os anos de exílio doméstico, para tornar menos opressoras as paredes daquela casa.

Alguns meses depois as letras inclinadas de Eurídice tinham preenchido todas as páginas do caderno negro, e ela achou que devia mostrar o material ao marido. Programou um jantar especial, com um prato que Antenor gostava — medalhões de peru ao molho madeira.

Um dia antes do jantar ela foi ao aviário comprar o peru. Voltou para casa segurando o animal e com Zélia vendo a cena indignada, porque ainda não era Natal. Eurídice soltou o peru no pátio e foi preparar a cuia com cachaça que daria ao bicho antes de matá-lo. O álcool deixaria o peru tranquilo, e a carne macia. Depois de fechar o armário de bebidas permaneceu apoiada no móvel por alguns segundos. Seu caderno de receitas era um livro pronto; ela queria publicá-lo, e quem sabe fazer outro em seguida. Eurídice poderia ter um programa culinário na rádio, poderia assinar uma página no *Jornal das Moças!* Poderia abrir um curso de forno e fogão para mocinhas recém-casadas. Seus olhos grandes ficaram maiores. Era possível, só precisava falar com Antenor. Sim, só precisava falar com o marido. Os olhos diminuíram. Bebeu dois goles da cachaça antes de servir a cuia ao peru.

Na Noite do Grande Banquete Antenor chegou em casa às cinco e meia, como sempre. Beijou a mulher na testa e foi até o quarto trocar de roupa. Colocou seus chinelos e voltou para a sala e para o jantar, que era servido às seis. Cheiros ainda mais extraordinários do que os extraordinários cheiros da cozinha de Eurídice invadiam a sala, os quartos

e a casa ao lado, fazendo o marido de Zélia reclamar — “Sopa de entulho outra vez?”.

Antenor surpreendeu-se com a toalha italiana que só saía do armário nas ocasiões especiais. Com a taça de vinho só servido nas noites de Natal. Com a refeição que se dividiu em etapas compostas por sopa de mariscos, salada com queijo de cabra, batatas com suspiros de catupiry e seus preferidos medalhões de peru *com aquela coisa marrom por cima*. Surpreendeu-se, principalmente, com a falta de apetite da mulher, que em vez de dar muitas garfadas ficou bem quietinha a seu lado. Eurídice serviu a sobremesa para as crianças na cozinha. Quando Antenor estava no meio do seu pavê de frutas cítricas com calda de chocolate ela encheu o copo de vinho, deu um gole e colocou o caderno sobre a mesa.

“Olha aqui, Antenor”, ela disse, aproximando o caderno do marido. “Anotei aqui todas as minhas receitas. Você acha que posso publicar?”

Antenor encontrou ali uma desculpa para deixar o prato de lado. Deu um arrote discreto e folheou o caderno de notas. Eurídice esperou imóvel, ouvindo o farfalhar das folhas. Até o marido gargalhar.

“Deixe de besteiras, mulher. Quem compraria um livro feito por uma dona de casa?”

Aquela gargalhada entrou por um ouvido de Eurídice. E nunca mais saiu pelo outro. Ela baixou a cabeça, ocupou as mãos com os babados do avental e tentou se explicar. Disse que cozinava há anos, e que os pratos pareciam bons. Mas Antenor não estava ali para conversa mole. Ele só dizia o que considerava importante.

“Passe-me os palitos.”

E Eurídice, que nunca tinha visto a vida além daquela casa e daquele bairro, ou da casa e do bairro dos pais, achou que o marido tinha razão. Antenor sabia das coisas. Ele estudou contabilidade, era funcionário do Banco do Brasil e discutia política com outros homens. Enquanto trabalhava nas receitas ela tinha certeza de que estava fazendo algo de valor, mas na frente do marido tudo perdia o sentido. Publicar um livro, falar na rádio, ensinar culinária foram devaneios que teve. Visão quem tinha era Antenor — uma visão definida por tudo aquilo que ele via pelo bonde no trajeto até o trabalho. Mas mesmo essa visão de Antenor era maior do que qualquer outra que pudesse vir de Eurídice, que só via as

paredes da casa, as barracas da feira, os grãos do armazém e o imenso vazio que a incomodava.

O final daquela noite não foi diferente do final de qualquer outra. Mãe e filha retiraram os pratos da mesa, enquanto Antenor e Afonso foram para a sala ouvir a Rádio Nacional. Eurídice lavou a louça sem levantar a cabeça. Uma ou outra lágrima se misturava com a água da pia.

“Tá bom assim, mamãe?”

Em cima de um banquinho e na ponta dos pés, Cecília ajudava a mãe a secar os pratos.

“Está sim, Cecília. Um dia você vai ser uma boa dona de casa.”

A última coisa que Eurídice tirou da mesa foi o caderno de receitas. Acariciou a capa, levantou os olhos, virou o rosto. Jogou o caderno no lixo, por cima dos restos de pavê.

Duas horas depois Antenor ressonava por causa do vinho e Eurídice se revirava nos lençóis bordados. Aquele, ela sabia, era um bom marido.

Antenor não sumia na rua em orgias e em casa não levantava a mão. Ganhava bem, reclamava pouco e conversava com as crianças. Ele só não gostava de ser incomodado quando ouvia seu rádio ou quando lia seu jornal, quando dormia até tarde e quando descansava depois do almoço, e desde que seus chinelos permanecessem em paralelo ao pé da cama, que seu café fosse servido quase fervendo, que não houvesse natas no leite, que as crianças não corressem pela casa, que as almofadas permanecessem na diagonal, que as janelas fossem fechadas nunca depois das quatro, que nenhum barulho fosse feito antes das sete, que o rádio nunca estivesse muito alto ou muito baixo, que nunca, de forma alguma, ele tivesse que repetir o mesmo prato em duas refeições, e que os banheiros cheirassem a eucalipto, ele não exigia demais.

Tá.

Essa não é a verdade toda.

Essa é quase toda a verdade.

A parte do quase que Eurídice não gosta de se lembrar remete à noite tão triste em que decepcionou o marido, por ser incapaz de sujar o lençol. Se Eurídice pudesse enterraria aquela noite no quintal, junto com as carcaças de algumas galinhas que uma vizinha disse fazer bem para as

plantas. Só que Antenor não deixava, e Antenor não deixava por causa das Noites de Choro e Uísque.

Acontecia a cada dois ou três meses. Antenor chegava em casa, dava um beijo na testa da mulher, ia para o quarto trocar de roupa e voltava para a sala de chinelos. Quando Eurídice e Cecília começavam a colocar o jantar na mesa ele dizia: “Hoje vou comer mais tarde, mulher, que vou tomar meu uísque”. Eurídice olhava para Antenor com olhos de *Você sabe o que acontece quando toma seu uísque*, Antenor replicava com olhos de *Eu sei o que estou fazendo quando tomo meu uísque*.

A verdade é que nas Noites de Choro e Uísque a única coisa que Antenor sabia que estava fazendo era beber uísque. Depois dos primeiros goles acontecimentos estranhos se passavam, e Antenor não via outra alternativa além de posicionar-se contra eles.

Por exemplo: no início das Noites de Choro e Uísque tudo parecia estar bem. Antenor era Antenor, Eurídice era Eurídice e Afonso e Cecília eram duas crianças felizes que brincavam na sala com seus bilboquês. Transmutações aconteciam depois da primeira dose, porque Eurídice — que nas Noites de Choro e Uísque corria para botar logo as crianças na cama — saía da sala como Eurídice e voltava como *A vagabunda que não se manteve pura para o marido na noite de núpcias*.

“Quem era ele?”

Corpo fundo na poltrona, copo de uísque na mão, Antenor olhava para a mulher como o homem apunhalado que passava a ser. Não adiantava perguntar “Ele quem, Antenor?”.

“Ele, Eurídice. Ele. Eu tenho o direito de saber quem era ele!”

Aquele homem sofria. Aquele homem chorava até o nariz escorrer. Aquele homem sentia uma pena incrível de si. Ele era um trabalhador, ele era um homem sério. Não merecia ter se casado com uma vagabunda.

As transmutações continuavam. Afonso e Cecília deixavam de ser filhos de Antenor para serem filhos sabe-se lá de quem, porque uma mulher que não se manteve pura pode continuar impura, e ele merece isso? Ele merece isso? “Diga agora, Eurídice, eu mereço? Por quê, por quê, por quê?”

A única coisa positiva das Noites de Choro e Uísque é que elas não demoravam para acabar, e acabavam com um Antenor adormecido no sofá, e com Eurídice tirando o copo da mão inerte do marido, dizendo

baixinho: “Antenor, quem tirou a virgindade da sua mulher foi este uísque. É este uísque que quando tomado me faz impura”.

Sim, aquele era um bom marido. Era isso o que Eurídice pensava depois da Noite do Grande Banquete, que infelizmente se tornou a Noite do Caderno Imerso em Pavê. Geralmente Eurídice se acalmava depois de se convencer sobre as qualidades do marido, mas não naquela noite. A gargalhada de Antenor não a deixava dormir.

Quando o relógio da sala deu três batidas, ela entendeu que era um chamado. Levantou-se, calçou os chinelos e foi até a cozinha revirar o lixo. O caderno estava coberto pelos restos do pavê, chumaços de folhas grudadas por causa do creme de chocolate. A umidade borrou as letras de algumas páginas, tornando difícil acompanhar o passo a passo das receitas. Não dava, por exemplo, para ler a receita de brigadeiro, mas Eurídice nem ligou, porque essa ela já sabia de cor, e depois de experimentar os docinhos pela primeira vez na festa de um ano de Cecília todas as mulheres da rua pediram a receita, de modo que o doce criado por ela aparecia em todas as mesas de aniversário da Tijuca. Mas que importância teria em ver ou não ver a receita do doce? Nem sabia por que estava resgatando aquilo. Eurídice livrou-se de pensamentos enquanto limpava com um pano a capa preta de seu caderno. Intercalou as páginas molhadas com folhas secas de papel ofício, guardou o volume por trás dos exemplares da Enciclopédia que decoravam a estante da sala.

Voltou para o quarto, e só então conseguiu dormir.

E a vida que segue seguiu. Para os filhos, bananas e espaguete. Para o marido, comida sem cebola, para evitar indigestão. Para Eurídice, um dia que terminava antes do que deveria, deixando-a livre para se sentar no sofá, olhando o esmalte das unhas.

E Eurídice olhava triste para as unhas, porque estava de luto. Foram difíceis os meses que se seguiram ao enterro do caderno por trás dos tomos da enciclopédia. Tentou se dedicar mais aos filhos, mas essa era uma dedicação, digamos, estrábica. Com um olho ela vestia Afonso e Cecília para a escola, e com o outro se perguntava: *Será que a vida é só isso?* Com

um olho ela ajudava as crianças com o dever, e com o outro se perguntava: *E quando eles não precisarem mais de mim?* Com um olho contava histórias, e com o outro se perguntava: *Existe vida além dos uniformes escolares, da memorização da tabuada e de todas as histórias da carochinha?*

O que ajudava um pouco, na verdade o que ajudava muito, eram as radionovelas. Todo dia às três da tarde Eurídice se sentava na poltrona ao lado do rádio, ligava os botões do aparelho e encarava a estante de livros que se estendia por uma das paredes da sala. Seus olhos se perdiam nas lombadas, e além das lombadas ela via Frederico e Pedro, os dois amigos que se apaixonam pela filha de um fazendeiro. Ela via Betina, a mulher misteriosa que perdeu a memória e foi encontrada inconsciente por pescadores na praia. E via Maria Helena, tão jovem, tão solteira e tão grávida.

Eurídice torcia as mãos e torcia pelos personagens, olhos fixos na estante de livros — *Não, Pedro, por favor, não mate Frederico! Betina, não beije Ricardo, foi ele que matou a sua mãe! E, Maria Helena, seu filho ganhará o mundo, não se preocupe! Mamãe Dolores fará dele um grande médico.* Coisas aconteciam dentro daquela caixinha marrom, e coisas jamais aconteciam na vida de Eurídice Gusmão.

A vida inclusive ficou ainda mais tranquila depois que os Gusmão Campelo adquiriram uma das maravilhas daquela e de tantas outras épocas: uma empregada doméstica. Maria das Dores chegava a tempo de servir o café dos patrões e ia embora depois do último prato do jantar lavado, deixando um rastro de camas feitas, pisos encerados e banheiros limpos. Eurídice continuava responsável pela feira e pela mercearia e pelo açougue e pelo aviário e por qualquer outro motivo que a fizesse sair de casa, desde que estivesse de volta às três da tarde para ligar o rádio, torcer as mãos e encarar a estante de livros.

As radionovelas distraíram Eurídice por um tempo, mas não muito. Depois de alguns meses a moça ligava o rádio, olhava a estante e não pensava se Rita deveria se casar com Paulo Afonso ou Ricardo Brito, mas pensava, ligeiramente, no sentido da vida.

Ficou mal-humorada. Até para o marido ela dava de vez em quando uma resposta atravessada.

“Ô Eurídice, tô vendo aqui umas natinhas no meu café.”

“Pois se engolir vai deixar de ver.”

Maria das Dores, coitada, ganhou ainda mais dores. Para Eurídice sempre havia franzidos na cama já feita, risquinhos no piso encerado, pentelhos no box lavado. Ela não se importava de começar a trabalhar às sete da manhã e de ir embora depois das oito da noite, não se importava em fazer todos os dias a mesma refeição de arroz, feijão e músculo, não se importava em passar as blusas de linho e os ternos de casimira no quartinho dos fundos, que no verão atingia temperaturas de meios-dias equatoriais, desde que pudesse chegar em casa todos os dias para ver seus três amores. Maria das Dores era mãe de três filhos que se criavam sozinhos, que se alimentavam dos pratos que ela guardava no forno e se vestiam das roupas que ela deixava na cômoda, e que agora já tinham idade para andar soltos na casa, não sendo mais necessário acorrentá-los no quarto para se manterem longe das facas e fogos da cozinha.

Mas esta não é a história de Maria das Dores. Maria das Dores inclusive só aparece por aqui de vez em quando, na hora de lavar uma louça ou fazer uma cama. Esta é a história de Eurídice Gusmão, a mulher que poderia ter sido.

3.

Eurídice precisava de um novo projeto. Precisava de algo que preenchesse as manhãs de ócio e as horas angustiadas de fim de tarde, quando os filhos ainda não tinham chegado da escola e quando tudo não parecia levemente enlouquecedor, tudo era irremediavelmente enlouquecedor. Nessas horas perdidas ela podia sentir a solidão se transformar em angústia, a angústia se transformar em loucura e a loucura sussurrar-lhe calma e firme: *Um dia eu te pego, um dia eu te pego, um dia eu te pego.*

Numa sexta-feira, depois de bater a porta de casa para espairecer na rua (*Das Dores faz tudo errado, Das Dores é muito burra, Das Dores manchou a toalha, queimou a calça, quebrou o copo, perdeu meus brincos*), Eurídice viu-se caminhando ao *coiffeur* A Deslumbrante. Há duas semanas não fazia os cabelos, e uma boa esposa deve estar sempre bonita para o seu marido, ou o marido poderá buscar na rua aquilo que não tem em casa (no caso, cabelos cacheados e unhas vermelhas, e tudo aquilo que está contido entre as extremidades dos referidos cabelos e das supracitadas unhas).

Sentada embaixo do cogumelo de plástico que emitia calores e abrigava as cabeças da elite tijuicana feminina, folheando distraída as páginas do *Jornal das Moças*, Eurídice demorou-se por mais tempo que o de costume na seção de corte e costura. O artigo continha o passo a passo para a confecção de um vestido, com explicações detalhadas em vinte e três etapas. Era preciso tirar as medidas, cortar o molde, costurar à mão, costurar à máquina, experimentar a prova, fazer outra prova, finalizar com os babados, prender os botões, costurar as casas, fazer a bainha, e olha só que coisa incrível, um vestido como aquele era exatamente o que Eurídice queria, não porque era bonito ou nem mesmo porque era vestido, mas porque eram nove moldes e vinte e três etapas, de coisas que não sabia.

O processo de convencer Antenor a investir na máquina de costura durou quatro dias. Primeiro ele disse não. Depois ele disse não. Em seguida ele disse mais um não. E depois ele disse, “Não venha de novo com este assunto de corte e costura que não aguento mais esta ladainha. Se é para eu voltar a ter paz nesta casa, compre logo essa máquina, mulher!”.

Eurídice tinha aprendido uma das mais antigas técnicas de guerrilha feminina: o combate por repetição, aquele que leva os homens a dizer sim.

No dia seguinte ela colocou seu vestido de sair e foi até o Centro adquirir sua máquina de costura Singer. Estava apertado, o vestido, mas ela nem ligou. Era uma segunda-feira, era o dia de fazer dieta, e a verdade é que nas semanas seguintes Eurídice estaria tão empenhada em aprender o costurês que se esquecería de comer, e se esquecería de atazanar Maria das Dores, mas olha só que curioso, ela não se esqueceu dos filhos, e preparava-os atenta para a escola, recebia-os com sorrisos no fim da tarde, ajudava-os no dever com boas ganas, e perguntava se Cecília queria um novo avental, se Afonso queria outra calça azul, e enquanto Antenor se acostumava com as imagens da TV adquirida há pouco (*Aqui fala seu repórter Esso, testemunha ocular da história*), Eurídice recortava o papel pardo que servia de molde, fazia vincos, pespontava bainhas, aplicava zíperes e se entregava ao ziguezague da máquina de costura, que era para ela uma música. Se houvesse letra nessa canção seus versos fariam de mãos ocupadas, de mente tranquila, de realizações, e de paz.

Ora. Não era bem isso que Zélia escutava com seu ouvido apurado, bem junto da parede em comum às duas casas. O ziguezague da máquina era o mesmo, mas para Zélia seus ritmos passavam outro recado. Pois o que levaria uma dona de casa acostumada a frequentar a Sloper, a comprar as roupas do marido na Casa José Silva e a dos filhos na loja Bonita, o que levaria a esposa de um prestigiado funcionário do Banco do Brasil a passar as noites e às vezes as madrugadas (Zélia escutava todos, absolutamente todos, os barulhos daquela casa) debruçada sobre uma máquina de costura?

Pobre mulher, aquela! O zique-zaque da máquina comprovava o que Zélia já sabia: que não eram boas as condições do casal, pois agora Eurídice tinha que costurar as próprias roupas. Aqueles jantares cheirosos, aquela televisão tão falante, tudo aquilo era ilusão. Mais cedo ou mais tarde Antenor teria que se desfazer do aparelho, pois se foi o primeiro na

rua a ter uma TV também seria o primeiro a deixar de ter. Os Gusmão Campelo não podiam continuar gastando assim.

No dia seguinte todas as mulheres da rua lamentavam o fato de Eurídice e Antenor estarem passando por dificuldades financeiras. Algumas apostavam que Maria das Dores não duraria nem mais um mês. Outras diziam que a empregada só estava ali por causa da comida, pois muitas não carecem de um salário. E havia ainda as outras despesas. A mensalidade do colégio das crianças estaria atrasada, talvez Cecília e Afonso tivessem que mudar para o sistema público já no segundo semestre. Teriam que comprar fiado na mercearia, e nunca mais botar os pés nos sofisticados consultórios médicos do edifício Marquês de Herval.

Mas as dificuldades financeiras só existiam na cabeça dos outros, e não tinham qualquer ligação com o imenso desejo de Eurídice de continuar seu projeto. Foram bons, aqueles meses. As crianças chegavam da escola e eram recebidas por uma Eurídice de olhos interessados e coração inteiro.

“O que vocês aprenderam hoje na escola?”

Afonso falaria de anfíbios, e Cecília, de planetas.

“Mamãe, são nove planetas que giram em torno do Sol, e a Terra é a terceira da fila, e se estivesse mais perto seria muito quente e ninguém ia poder viver, e se estivesse mais longe ia ser muito frio e todo mundo ia morrer.”

“E a Lua”, Eurídice dizia, “você sabe que a Lua gira em torno da Terra, e que há muitas luas no universo, e que esta Lua é só da Terra, mas que Júpiter tem mais de dez?”

Cecília abria os olhos com interesse e Afonso abria os olhos porque viu a irmã abrindo. Eurídice subia no banquinho e pegava no alto da estante o tomo da enciclopédia que falava de planetas e constelações, e se entretinha com explicações sobre a origem do universo, a posição das estrelas e os muitos sóis que viviam distantes da Terra. Essa Eurídice explicava tão bem que Cecília passava a saber mais do que todas as suas colegas, e Afonso aprendia sobre os planetas muito antes que seus amigos.

Eurídice procurava depois o tomo sobre os anfíbios e mostrava as fotos de sapos coloridos, explicando que aquelas eram criaturas que respiravam não só pelo nariz mas por toda a pele, e que interessante que era aquilo, porque nós só respiramos pelo nariz, e quando a gente respira o ar que entra é oxigênio mas o ar que sai é gás carbônico, e isso os dois ainda iam

aprender na escola, mas talvez eles pudessem adiantar um pouco as coisas, vamos ver o que a enciclopédia diz. Eurídice subia de novo no banquinho para escolher o tomo sobre o corpo humano. Depois pegava o tomo sobre a tabela periódica, e aquelas horas de fim de tarde passavam muito rápido. Eurídice com um livro no colo, uma criança de cada lado, o relógio batendo as horas, e ninguém ouvindo as batidas.

Antenor chegava em casa e beijava a mulher na testa. Trocava de roupa no quarto e voltava para a sala de chinelos. A família se reunia para jantar os pratos que agora apareciam e desapareciam da mesa através da silenciosa mulher da cozinha: a Maria das Dores e dos três filhos.

Antenor perguntava a Afonso e Cecília sobre a escola e era informado sobre planetas e anfíbios. Prometia levá-los sábado à Floresta da Tijuca, para caçar girinos no lago. “É pra vocês verem de perto esses filhotes de anfíbios que aparecem nos livros.” As crianças pulavam de felicidade e anunciavam a novidade para Eurídice, que costurava na outra ponta do sofá. Eurídice sorria sem tirar os olhos do tecido e permanecia olhando os pontos enquanto Antenor levava os filhos ao jardim, para mostrar a eles o Cruzeiro do Sul, Vênus e quem sabe a constelação de Escorpião.

De volta à casa as crianças colocariam seus pijamas para esperar na cama as histórias de Monteiro Lobato contadas pelo pai. “Onde é mesmo que nós estamos?” “No capítulo 6 dos Trabalhos de Hércules, papai.” “Sim, é mesmo, nos Doze Trabalhos de Hércules.” Antenor lia quatro ou cinco páginas até Afonso adormecer, e se preparava para ir embora quando Cecília dizia, “Mais uma página, papai, quero saber mais sobre os centauros”. Antenor lia outras tantas páginas, até Cecília bocejar. Era bom ver a filha interessada. Ele queria que Cecília completasse os estudos, e quem sabe fosse para a faculdade. E que fizesse um bom casamento. Depois era dar um beijo em cada criança e se preparar para dormir, o dia seguinte estaria cheio de reuniões.

Meia hora depois a casa inteira estaria em silêncio e no escuro, com exceção da pequena lâmpada em cima da máquina Singer de Eurídice Gusmão, e dos leves ruídos dos pespontados. Eurídice costurava até a exaustão, para em seguida ir dormir um sono sem sonhos, porque ela não precisava mais deles.

Alguns meses depois Eurídice voltou a ficar irrequieta. É que não podia mais inventar roupas para os filhos e uniformes para Das Dores, paninhos

para a sala e camisas para Antenor. Precisava de novos projetos, o que não seria difícil conseguir. Eurídice vivia num tempo de poucas lojas e numa rua de muitas mulheres, fatores fundamentais para o sucesso de sua empreitada.

No dia em que Eurídice saiu à procura de clientes a Tijuca ficou mais triste. Dava pena ver aquela moça tão bem vestida pedindo trabalho por aí. Eurídice agora não tinha apenas um vestido de sair, mas sete ou oito, ou nove ou dez. Tinha um para cada dia da semana, e mais outro porque achou lindo um pano de poás, e outro porque um linho xadrez estava em promoção. Outro ainda porque viu na modelo de um anúncio, e queria provar a si mesma que poderia criar o molde.

E lá vinha Eurídice pela rua, num vestido vermelho de saia godê. Um vestido que antes ocuparia a calçada inteira, mas que agora ocupava um espaço muito discreto, pois nos meses de costura a moça perdeu dois de seus queixos e muitas de suas medidas, um pouco porque pensava muito em trabalho e um pouco porque pensava em como ficaria linda dentro daquele terno cintado.

“Pois eu posso fazer qualquer modelo do *Jornal das Moças* ou da *Revista do Rádio*. É só me mostrar o desenho que eu copio em seguida. O tecido a senhora pode comprar ou eu mesma compro, isso fica a seu critério.”

“Muito bem”, dizia a cliente, os olhos cheios de alívio por não estar na mesma situação. Um alívio que inspirava bondade, e fazia com que respondesse “Faça-me este modelo aqui. E pode comprar o tecido, inclua na conta. Se precisar de adiantamento avise que eu pago já”.

Zélia também encomendou seu modelo, e não foi por necessidade ou pena de Eurídice, mas porque era preciso tirar medidas e experimentar as provas em um dos lugares mais interessantes de toda a Tijuca: a sala de estar da vizinha. Um lugar onde Zélia nunca tinha posto os pés, mas agora poderia enfiar o nariz, porque tinha sido chamada.

Nos dias de prova do seu complicadíssimo vestido Zélia olhava para tudo o que não era vestido. A cristaleira de imbuia estilo império com cinco fileiras de doze copos de cristal Bohemia para vinho tinto, vinho branco, uísque, champanhe e licor, o buffet provençal de imbuia com três gavetas e pegadores de aço dourado, o lustre Maria Tereza com vinte e quatro luzes, doze braços e trinta e seis pingentes de cristal, a mesa de cerejeira com tampo de vidro e oito cadeiras combinando (uma delas, ela

notou, com o pé lascado), o aparador com duas bandejas de prata trabalhada e cristais variados (Bohemia e Baccarat), os dois tapetes persas retangulares com variações de tons de vinho e bege, e todas as maravilhas tecnológicas que Antenor fazia questão de adquirir no momento em que eram anunciadas, por se considerar um homem além de seu tempo: o rádio no móvel de pés palito, a pequena vitrola que cabia num dos cantos da estante, o ventilador de pé, a televisão noutra móvel de pés palito, que Zélia notou ter sido comprada num tom diferente do móvel do rádio, trazendo certa desarmonia para o ambiente da sala.

Zélia era apenas uma das muitas clientes de Eurídice. Toda hora a campainha tocava e entrava alguém para experimentar um vestido. Das Dores passava o dia fazendo mais café que uma padaria com balcãozinho de pão na chapa. O tilintar das xícaras se confundia com o burburinho das clientes, porque uma prova de vestido nunca era apenas uma prova de vestido. Era uma prova e uma pergunta sobre a escola das crianças, uma prova e uma queixa sobre os preços da quitanda, uma prova e um apanhado sobre toda a vizinhança.

Outros projetos vieram. Corria no bairro que essa senhora distinta precisava complementar o orçamento da casa e aceitava encomendas em seu ateliê. Pela terceira vez no mês Eurídice teve que ir até a papelaria comprar outro caderno para anotar as medidas e encomendas de suas clientes. O melhor mês na vida de seu Antônio. O solteirão dividia seu tempo entre vender papéis e descansar de vender papéis, o que fazia no apartamento em que vivia com a mãe, d. Eulália. Era entrar em casa para ouvir a mãe se queixar de doenças ou relembrar os bons tempos de dinheiro na família. A mãe falava tanto que talvez seja correto dividir o tempo de seu Antônio entre escutar a mãe e descansar de escutar a mãe, o que ele fazia vendendo papéis.

Eurídice também aumentou as visitas às lojas de tecido da rua Buenos Aires. Uma cliente queria um tecido, outra queria outro, uma terceira encomendava uma saia justo no dia em que tinha chegado do Centro, com metros de linho e de tergal. Voltava então para as lojas e para as pilhas de tecido. Cumprimentava vendedores, dava bom-dia a outras clientes, perguntava se a senhora do caixa já tinha melhorado da gripe. Depois se concentrava nas bancadas, em busca das boas ofertas.

Numa das tardes entretida entre panos Eurídice nem se deu conta da presença de uma moça muito parecida com ela. Uma moça de olhar angustiado e mão direita na medalha enterrada no peito. Estava apoiada em uma pilastra, bem ao lado de Eurídice. Era só mais um passo para essa moça se fazer notar. Só mais um passo, que ela não deu.

Eurídice permaneceu em seu mundo, conferindo medidas anotadas em um caderninho e pedindo cortes ao vendedor. Foi até o caixa, pagou pelos tecidos e voltou para casa pensativa. Preocupava-se com projetos e prazos. As tardes e madrugadas não estavam dando conta de tanto trabalho. O jeito seria terceirizar os serviços, e foi assim que Eurídice contratou outra costureira, chamada Maricotinha.

D. Maricotinha usava óculos de gatinho e cabelo pega-rapaz. Seus lábios embicaram tanto que já não mudavam de posição, seus braços nasceram para se manter cruzados. Começava a maior parte das frases com um “mas”, que daquela boca só saíam problemas. “Mas se a senhora quiser os botões aqui o vestido não vai cair bem. Mas se a senhorita diminuir a bainha a saia vai perder movimento.”

E aqui o leitor se pergunta: será que todas as mulheres nesta história são tristes ou amargas? De jeito nenhum. Algumas conhecidas de Eurídice tiveram sorte. Isaltina gostava de bordar e tinha o privilégio de rir com dentes perfeitos, o que ela fazia com bastante constância, porque tinha um marido com quem gostava de conversar e que era capaz de pagar a conta do dentista. Margarida era viúva e muito feliz, porque Deus lhe tomou o marido mas deixou-lhe a pensão, e que alívio que não foi o contrário. Celina não se casou, mas teve uma boa herança. Também tinha um bom amigo, que via às quartas e sextas.

D. Maricotinha, no entanto, não achava a vida uma dádiva. Achava a vida um absurdo. Um absurdo ter que trabalhar como costureira depois dos cinquenta. A culpa era do marido, que não estava autorizado a morrer de enfisema, mas mesmo assim se foi. E ele se foi (isso d. Maricotinha não sabe) porque não tinha feito tantas maldades a ponto de ir para o inferno, a vida ao lado daquela mulher já era um purgatório, e estava na hora de buscar algo melhor para si.

Em princípios de junho os primeiros ventos de inverno fizeram a curva nas ruas da Tijuca. Um deles pegou em cheio a nuca de Antenor, que saía do banho peladinho da silva, para pegar uma nova embalagem de talco no quarto. Tivesse Antenor interrompido o hábito de passar talco nas partes íntimas na mesma época que os outros mortais os fatos seguintes não se sucederiam. Mas fazer o quê? Estava frio, o talco do banheiro tinha terminado, Antenor gostava de dar um acabamento nas partes íntimas e por isso saiu do banheiro como veio ao mundo. Nesse andar sem cobertas o vento frio bateu na nuca e desceu pela espinha, causando um tremelique, que causou um espirro, e Antenor achou que ia ficar doente.

No dia seguinte arrastou os pés para o trabalho e para casa. Dois dias depois só conseguiu arrastar os pés até o banheiro, e de volta à cama. Mais não fez. Nem quando Eurídice lhe trouxe um chá, nem quando trouxe uma canja, nem quando trouxe outro chá, nem quando trouxe outra canja.

Naquela tarde a febre não baixou. Nas horas de delírio Antenor perdeu o bonde para o trabalho e o prazo para terminar o projeto. Perdeu a conta de luz e também as calças. Agora a casa estava às escuras, e todos os vizinhos encaravam seu corpo exposto com olhos de tribunal. Os filhos ele não perdeu, mas os filhos perderam o juízo, porque deixaram de fazer o dever e por isso repetiram de ano. Eurídice, onde você está, Eurídice? Foi Eurídice que deixou tudo isso acontecer. Por que ela não me disse que o bonde já ia sair, que era pra terminar o projeto? Onde ela estava que não me falou pra pagar as contas e botar as calças? Por que ela não ficou ao lado dos nossos filhos até acabarem o dever? Agora eles vão cortar a luz e me exonerar do banco. Por causa daquela mulher todos na rua vão repetir em uníssono: *fracassado, fracassado, fracassado*. E por isso ele dizia baixinho: *vagabunda, vagabunda, vagabunda*.

A febre não melhorava, o médico achou que era pneumonia. Receitou antibiótico, mandou dar aspirinas e instruiu Eurídice a trocar o pano frio sobre a testa de Antenor a cada vinte minutos. Desde o início da tarde até o amanhecer do novo dia Eurídice trocou o pano cinquenta e quatro vezes, e se não foram os panos com água fria que salvaram Antenor foram as mãos de Eurídice, que permaneceram na testa do marido ou juntas em posição de oração, durante toda a noite.

Antenor abriu os olhos na manhã seguinte. Foi um alívio saber que não tinha perdido o bonde, o projeto ou as calças. As crianças estavam na

escola e a mulher estava a seu lado. Eurídice não era uma vagabunda. Eurídice era o que dava sentido para todas as partes que sem ela estariam soltas em sua vida. E foi ali, naquele momento, com Eurídice acariciando seus cabelos molhados de suor, que Antenor mais amou a mulher. Seria bom poder acreditar que Eurídice dizia a verdade sobre a noite de núpcias ou — melhor ainda — acreditar que aquilo não importava. Mas Antenor não podia. Ele simplesmente não podia.

Naquela manhã Antenor continuou na cama. Dormiu e acordou algumas vezes, aceitou a canja, o chá e os carinhos. A janela para a rua permaneceu entreaberta, era bom cochilar com os barulhos dos dias de semana que desconhecia — o paneleiro oferecendo serviços, o padeiro vendendo bisnagas, o amolador afiando facas.

Depois do almoço Antenor ouviu outros ruídos na casa. Mulheres falavam, entravam e saíam, e ele nem sabia que Eurídice tinha assim tantas amigas. E como era possível ouvir o som da máquina de costura, se a voz de Eurídice vinha de um canto da sala e a máquina ficava no outro? Muito estranho, tudo aquilo. Antenor levantou-se rumo à sala sem se arrastar e achou que estava melhor.

Foi o choque da cena que lhe restituiu a saúde.

De frente para o espelho uma Zélia vestida apenas da cintura para baixo conferia os pertences da cristaleira, enquanto Eurídice ajoelhada marcava a bainha na saia da vizinha. Outra mulher vestida apenas da cintura para cima tinha as medidas tiradas por uma senhora de óculos. Duas morenas tomavam café e comiam sequilhos no sofá. Uma *neguinha de cabelo pixaim* e vestido de chita costurava na máquina de Eurídice. A mesa de centro parecia bancada de loja de tecido na rua Buenos Aires. O tapete persa estava coberto por retalhos, pedaços de linha e fitas métricas. A mesa de jantar continha moldes em papel pardo, tesouras, réguas, carretéis e duas caixas de costura.

“Que bagunça é essa na minha sala?”

Zélia deu um grito, uma das mulheres derrubou o café e a outra tentou se cobrir com retalhos. Eurídice olhou o marido, e olhou para baixo.

“É que eu estou fazendo uns vestidos para minhas comadres...”

Aquela era uma explicação sem sentido. Não, Antenor não apoiaria aquele projeto, a transformação da sala em ateliê, a transmutação da casa em mafuá, aquele entrar e sair de mulheres mais intenso que os dos

consultórios médicos. E quem era *aquela neguinha* aboletada na máquina Singer?

“Essa é a Damiana, ela veio por indicação da d. Maricotinha...”

E quem era a d. Maricotinha?

Eurídice achou melhor contar tudo de uma vez. D. Maricotinha era sua ajudante, e Damiana era a ajudante da ajudante, porque agora ela costurava para as mulheres do bairro e não estava dando conta de tanto serviço. E sabe como é, além da costura é preciso receber as clientes, conversar sobre os modelos, tirar as medidas e fazer as provas, e enquanto ela fazia uma coisa suas ajudantes faziam outra, porque assim os projetos andavam mais rápido.

Aquela rudimentar descrição de cadeia produtiva não agradou Antenor, que quanto mais escutava, mais abria as narinas, ficando depois de um tempo muito parecido com o King Kong. Na mesma hora todo mundo na sala disse que precisava ir embora, porque o açougue ia fechar, e ia chover, e estava tarde. Restou a *neguinha* cabisbaixa na máquina de costura, que só não foi embora porque precisava receber a diária para comprar o jantar.

Eurídice desconfiava que aquilo podia acontecer. Durante os dias da gripe de Antenor ela desmarcou com as clientes, mas depois do terceiro dia elas apareceram mesmo assim. Havia um baile, um jantar no Tijuca Tênis Clube e uma festa no clube Bragança, e em que outro lugar poderiam se atualizar sobre aquilo que se passava entre quatro paredes que não aquelas em que moravam? Enquanto estavam na sala Eurídice pediu para todo mundo falar baixinho, o que não aconteceu. Depois torceu para Antenor não sair do quarto, o que não aconteceu. Então pensou que talvez Antenor pudesse sair do quarto, se inteirar sobre o projeto e achar interessante, o que ela sabia que jamais aconteceria.

Durante os meses em que Eurídice atuou como A Costureira mais Capaz e Barateira da Tijuca (e Muda, Grajaú, Vila Isabel, São Cristóvão, Rio Comprido, Praça da Bandeira e Bairro de Fátima), Antenor permaneceu alheio às ambições produtivas da mulher. Dessa vez Eurídice tinha usado outra técnica de guerrilha feminina: o combate por omissão (aquele que impede os homens de dizerem não).

Ela sabia que em alguma hora teria que informar o marido sobre seus planos, mas a reprovação seria certa. Achou então que poderia postergar a conversa até, quem sabe, para sempre.

No início da tarde a sala se transformava em ateliê, e um pouco antes das cinco Das Dores e Eurídice transformavam o ateliê em sala. Moldes, revistas e tecidos desapareciam de vista, e se um ou outro material ficasse à mostra nem teria assim tanta importância. Antenor não prestava atenção nas coisas da casa. Para ele havia uma linha quase tangível entre os seus domínios e os domínios de Eurídice. Na casa que dividiam Antenor transitava somente pelos espaços que lhe eram reservados, nunca indo além do percurso quarto-banheiro, banheiro-quarto, sofá-mesa de jantar, mesa de jantar-quarto, quarto-banheiro-mesa da copa-hall. O que havia além de seus limites não interessava. A intimidade de Antenor com a casa era quase inexistente. Não sabia o que tinha na geladeira, nos gabinetes da cozinha e muito menos na pia. Não se preocupava com o conteúdo do aparador e só de vez em quando olhava a estante como sendo um pouco sua, por causa dos volumes de Monteiro Lobato que lia para as crianças.

O resto era resto, e o resto era domínio de Eurídice. Ele estava ali para botar dinheiro em casa e para sujar os pratos e desfazer a cama, e não saber como as roupas tinham sido lavadas e como a comida tinha sido feita. Por isso nunca descobriu os muitos metros de tecido guardados dentro do aparador, ou a pilha de revistas de costura na parte fechada da estante, ou os cinquenta e sete moldes atrás do sofá. E agora, vendo tudo isso pela primeira vez, Antenor sentiu-se mais uma vez como o marido traído, com a vantagem de que agora ele tinha certa razão.

Quando as narinas de Antenor não podiam abrir mais a *neguinha de cabelo pixaim* achou que era melhor passar fome naquela noite.

“Doneurídici, eu vou pegar a prova do vestido que tá em cima da tauba de passar pra terminar o serviço em casa.”

Nunca teve tanta raiva, Antenor. Só não jogou máquina Singer, neguinha e tauba pela janela porque estava preocupado com o que os outros iam dizer. E era também por estar preocupado com o que os outros iam dizer que não queria que sua mulher costurasse para fora. Iam achar que ele era homem de menos porque a mulher trabalhava demais.

Máquina e neguinha não foram arremessadas, mas os vizinhos tiveram muito a dizer sobre os gritos daquela noite. Zélia nem precisou chegar mais perto da parede para escutar. *Então eu me mato de trabalhar naquele banco pra você ter do bom e do melhor e descubro essa feira livre aqui em casa?* Mas Antenor, eu também gosto de trabalhar. *O seu trabalho é cuidar*

da casa e das crianças. Mas isso eu já faço, Antenor. Ah, é, ah é? E por que você nunca mais me fez os medalhões de peru? Aqueles com aquela coisa marrom por cima. Porque você disse que arrotava muito depois de comer esses bifés. Não me venha com desculpas, Eurídice. Foi o que você disse, Antenor, você disse que não queria mais aqueles bifés, que de noite não podia comer nada que tivesse cebola, nem se os pedacinhos estivessem escondidos. Eu preciso de uma mulher dedicada ao lar. É sua responsabilidade me dar paz de espírito pra eu sair e trazer o salário pra casa. Você tem ideia de como é complicado trabalhar na área de financiamentos? Não, você nunca fala sobre o seu trabalho. Não falo porque você não ia entender. Não me olhe assim, Antenor, eu sou uma boa esposa. Uma boa esposa não arranja projetos paralelos. Uma boa esposa só tem olhos para o marido e os filhos. Eu tenho que ter tranquilidade pra trabalhar, você tem que cuidar das crianças.

Aconteceu aí uma coisa curiosa. Antenor não conseguia parar de repetir as mesmas frases. “Ouvii bem, Eurídice, ouviu? Eu saio pra trabalhar, você cuida das crianças. Ouvii, Eurídice, ouviu? Eu saio pra trabalhar, você cuida das crianças.” E nem esperava a mulher dizer se tinha ouvido. Emendava a frase de novo, e de novo. “Eu saio pra trabalhar, você cuida das crianças.”

Quando Antenor conseguiu se livrar das mesmas frases, aconteceu algo ainda mais peculiar: a cada novo grito a situação dos filhos piorava. As unhas de Cecília estavam sujas, os cabelos de Afonso estavam longos. O nariz dos dois escorria, muito, sem parar, o tempo todo. Catarros verdes, amarelos, arroxeados. As crianças não faziam uma refeição decente há semanas, ele já tinha percebido. Os filhos só comiam broinhas. Broinhas! E isso quando comiam. Eram crianças que viviam ao deus-dará, estavam entregues à sorte da Providência. Mais um pouco e seriam confundidos com meninos do morro.

4.

Até então não foi mencionado um personagem importante nesta história. Um personagem que vem atuando desde os primórdios de Eurídice, e que é um dos grandes responsáveis pela atual situação da moça. Estamos falando da Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice.

A Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice atormenta essa mulher desde os tempos da Escola Municipal Celestino Silva, que ela frequentava quando achava que o mundo era bom. Bom e interessante, por conter números, letras e infinitas combinações de números e letras. Tornou-se íntima das palavras bem antes que seus colegas, e já na primeira série só saía de casa informada, depois de ler as costas do jornal que escondia o rosto do pai. A mãe de Eurídice, d. Ana, via futuro nos avanços da filha.

“Esta menina muito em breve poderá nos ajudar na quitanda.”

A professora de Eurídice, Clara, era mais doce que o doce de batata-doce. Clara sorria quando os alunos acertavam e sorria quando erravam; por isso todo mundo queria acertar e ninguém tinha medo de errar. Nunca foi vista com outra saia que não fosse a azul, com outra blusa que não fosse a branca e com outro rosto que não fosse o sorrindo. Suas roupas cheiravam a sabão de coco, ela toda cheirava a sabão de coco. Todos os dias depois das aulas lavava sua blusa e a colocava para secar. Lavava também as blusas que não eram suas, que a mãe passava e devolvia aos casarões do Rio Comprido. Num dia frio e nublado Clara insistiu em usar o uniforme, mesmo um pouco úmido. Ficou resfriada, ficou gripada. Morreu de pneumonia, e tirando o bem que fez aos alunos durante os três anos que ensinou passaria pelo mundo despercebida.

Foi substituída por d. Josefa, uma mulher que seria para sempre lembrada por seus pupilos, nas noites de pesadelo. Ninguém preparou

melhor os alunos para a vida fora da escola. D. Josefa ensinou-lhes os princípios da ironia e os fundamentos da hierarquia. Moldou personalidades obsessivo-compulsivas, através da repetição de sentenças que preenchiam cadernos, tardes e as tais horas de pesadelo. *Não vou mais chegar atrasado na escola*, o aluno escrevia por uma hora inteira depois do almoço, mesmo se no dia seguinte tivesse que chegar novamente atrasado, porque a fila do banheiro do cortiço durante as primeiras horas da manhã era comparável à da Central do Brasil nas últimas horas da tarde, e sendo ele só um garoto lhe caberia, impreterivelmente, o último lugar na espera.

Demorou um pouco para d. Josefa conseguir aplicar na menina seus métodos pedagógicos. Ela não conseguia criticar os deveres de casa feitos com precisão, ou as provas gabaritadas. Também não podia ignorar aquela mãozinha irritante levantada o tempo todo, para fazer uma pergunta ou dar uma resposta. Foi na terceira semana de aula que descobriu como proceder. Era a última hora da manhã, os alunos copiavam do quadro um texto de Camões. Eurídice já tinha terminado o parágrafo. Pediu permissão para falar.

“Pofessola. Eu preciso ir ao banheiro.”

“O quê?”

“Eu preciso ir ao banheiro, pofessola.”

D. Josefa não respondeu. Levantou-se da mesa, andou de um lado para o outro da sala. A melhor forma de disciplinar Eurídice estava ali, na sua frente, e só agora ela tinha percebido.

“Não entendi o que você disse. Fale de novo.”

“O banheiro, pofessola.”

Ela parou de andar, colocou a mão no queixo e apertou os olhos.

“Esta palavra, banheiro... eu não conheço.”

A turma inteira gargalhou. Eurídice sentiu um bolo inédito no estômago, que subiu pela goela, invadiu a garganta e paralisou sua língua.

“Eu pe... Eu pe... eu peci... eu preciso... sair.”

Naquele dia Eurídice só foi autorizada a ir ao banheiro se aprendesse a falar os erres. Fez xixi na carteira, e sentiu o calor da urina esfriar aos poucos. Teve que ficar na escola até o meio da tarde, para escrever duzentas vezes na lousa que pRecisava ir ao banheiRo. Pelo resto do ano ela continuou precisando ir ao banheiro, mas foi capaz de evitar o mictório escolar. Deixou de beber água depois das seis da noite e recusava o leite

pelas manhãs. Foi uma boa estratégia. Em muitos dias Eurídice teve que controlar a bexiga até bem depois do fim das aulas. Precisava sentar-se por mais hora e meia, para escrever duzentas vezes na lousa que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, e que o nome correto dos afluentes do rio Amazonas era Purus, Negro, Madeira e Japurá.

Apoiada na mesa sobre o tablado, tendo em mãos a prova sem erros de Eurídice, d. Josefa arrancava gargalhadas da turma.

“Você pensa que é muito inteligente? Então repita comigo: d. Pedro proclamou a República na Praça da Aclamação.”

Não demorou para Eurídice entender que era melhor d. Pedro II não ter proclamado a República. Melhor dizer que foi d. João, Getúlio, Colombo. A menina aprendeu a calcular o número de erros nas provas, que lhe trariam a alforria na forma de esquecimento. Nascia, assim, A Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice.

Quando A Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice já estava bastante desenvolvida d. Josefa deixou a menina em paz. Foi mais ou menos nessa época que ela aprendeu a falar problema e preconceito, deixou de lado a procura, e entendeu que o mundo era um lugar precário. Eurídice aprendeu ali a noção distorcida de progresso que as pessoas têm. Entendeu para onde é o para frente que o Brasil vai.

A contribuição de d. Josefa para a vida pela metade de Eurídice ganhou reforços no outono de 1943. Eurídice completava catorze anos, e pelo menos naquele janeiro tudo parecia promissor. A feira de rua que acontecia uma vez por semana a um quarteirão da quitanda foi transferida para algumas quadras dali. Moradores não queriam subir e descer mais ladeiras, e aumentaram o consumo na quitanda. Seu Manuel ficou tão feliz com o lucro inesperado que comprou para Eurídice e sua irmã Guida um colar de ouro, com uma medalhinha de Nossa Senhora de Fátima.

“É uma joia para acompanhar o enxoval de vocês”, disse o pai, um pouco sem graça.

As duas caixinhas forradas com cetim branco pareciam conter luz, por iluminarem o rosto das moças que as abriram. Eurídice e Guida abraçaram o pai, e deixaram o português constrangido na sala para se contemplarem

na penteadeira da mãe. Sentiam-se preciosas, como se os atributos dos colares tivessem se estendido a seus corpos.

“Pera aí que está faltando uma coisa”, disse Guida, correndo até o banheiro. Voltou com um batom vermelho, que aplicou nos lábios esticados.

“Eu também quero”, disse Eurídice.

“Você ainda é muito menina pra usar batom.”

“Mas eu quero.”

“Então faz assim com a boca, ó.”

Eurídice imitou a careta da irmã. Depois de pintar os lábios de Eurídice Guida fez um risco em cada bochecha. Espalhou a mancha vermelha com as mãos.

“Agora sim. Você está parecendo uma artista de cinema.”

Eurídice arregalou os olhos para o espelho.

“Penteia meu cabelo igual ao seu, Guida.”

Guida foi até o armário e voltou com rolos e grampos. Mexia nos cabelos da irmã como se soubesse onde cada fio devesse estar. Os fios se transformaram em ondas castanhas, que caíam pelos ombros da menina.

“Onde foi que você aprendeu a pentear assim?”

“Por aí...”

“Por aí onde?”

“Por aí, Eurídice.”

Fazia pouco que a mãe tinha autorizado Guida a ir com as amigas ao cinema, o que ela fazia não só para ver o filme, mas para ver os penteados e vestidos, no filme e na plateia. Guida não podia variar os vestidos, por ter apenas um terninho de sair. Mas o cabelo, este sim ela podia fazer como queria, e querer diferente, o tempo todo.

Eurídice reconhecia na irmã a autoridade para todas as coisas. Em sua imaginação, o *por aí* mencionado por Guida continha lugares exóticos, pessoas diferentes, experiências únicas. Continha tudo aquilo que havia além dos muros da escola e da quitanda, único mundo conhecido por Eurídice.

Na tarde das medalhinhas as duas irmãs passaram horas de frente para a penteadeira da mãe. Guida se sentindo criança por brincar de fazer penteados, Eurídice se sentindo mais velha por fazer as mesmas coisas que a irmã. Não perceberam a brisa de março movimentando as cortinas, ou o

cachorro que latia longe. Não escutaram o barulho do bonde que descia a rua, ou os canários que cantavam no vizinho.

Seu Manuel estava se sentindo rico. O português, que precisou derreter o dente de ouro do finado pai para moldar as alianças do seu casamento, fazia agora o suficiente para manter a família e agradar a prole. Deu-se ao luxo de dar luxo às filhas, oferecendo atividades depois da escola. Conversou com Jean Luc, um europeu solteirão que morava no fim da rua com cinco gatos (de acordo com a última contagem) e que dava aulas de francês e de música. Guida escolheu francês, Eurídice quis aprender flauta doce.

Guida não chegou a completar o primeiro mês de aulas. O livro de conjugações causava-lhe vincos na testa lisinha. Como era possível combinar todas as letras que ela conhecia de tantas formas desconhecidas? Anunciou que as aulas atrapalhavam sua performance na escola e enterrou o livro na estante. Voltou a passar longas tardes sentada na sala, lendo os romances da Biblioteca das Moças ou folheando revistas femininas.

Eurídice pediu aos pais que pagassem a mesma quantia a Jean Luc, para que pudesse ter duas aulas de música por semana. Além das aulas ela treinava uma hora por dia, e duas horas aos sábados e domingos. Não demorou para os exercícios musicais se transformarem em cantatas e sonetos, e para as cantatas e sonetos se transformarem na poesia etérea que deixava todo mundo em Santa Teresa um pouco mais feliz.

A flauta foi o primeiro amor de Eurídice. Ela chegava da rua, fazia seu dever com erros e se punha de costas muito eretas de frente para as partituras. Quando anunciaram a formação de um coral na escola Eurídice sugeriu acompanhar os alunos com a flauta, e depois que o diretor viu a moça tocar d. Josefa nem teve tempo de dizer não. No mês seguinte Heitor Villa-Lobos apareceu na escola para discorrer sobre os benefícios do canto orfeônico. Ouviu Eurídice, tirou o charuto da boca e disse: “Quero esta menina comigo no conservatório”.

Eurídice pulou por dentro e por fora, mas os pais disseram que não, talvez não, com certeza não. As aulas com o sr. Jean Luc estavam indo muito bem, pra que mais? Para os pais de Eurídice, a flauta jamais seria um fim. A flauta era apenas um meio. Um meio de aumentar as prendas da filha para que fizesse um bom casamento. Um meio de distrair a família depois do jantar, quando um ou outro pedia: “Toque esta marchinha”.

Eurídice não precisava de mais aulas com aquele excêntrico senhor de casaca colorida.

“Mas eu quero, eu quero e eu quero”, disse a menina cerrando os lábios, cruzando os braços, franzindo a testa e batendo a porta do quarto.

Os dias seguintes foram de embates inéditos. Metade de Eurídice achava que os pais tinham razão, a outra metade achava que tinham perdido a razão, ao descartar um convite de Villa-Lobos. A Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice reforçava os argumentos dos pais. Pois como ela iria até o conservatório na Praia Vermelha? Seria o convívio entre artistas benéfico para uma donzela em formação? Havia riscos. A música deve ser administrada na dose certa, pois uma vida sem melodias carece de sentido, e uma vida com muitas melodias pode resvalar para excessos. Artistas são pessoas de vida irregular e moral ambígua, artistas são os outros.

“Deixem que eu levo a menina até o conservatório!”, disse Guida.

“Você não vai porque tem que ajudar na quitanda”, respondeu seu Manuel.

“Dobro meu horário aos sábados para levar Eurídice durante a semana.”

“Você quer é saber se há moços bonitos nesse conservatório. Eurídice não vai, e muito menos você.”

Guida levantou os ombros, encarou a irmã com uns olhos de *eu tentei* e continuou a ler sua revista.

Aquela não era uma casa de muito diálogo. D. Ana e seu Manuel tinham orelhas mas não tinham ouvidos, e por isso eram incapazes de assimilar aquilo que não interessava. E nada que fosse diferente interessava. A maior inovação de suas vidas foi trocar a venda de tomates em Alvarães pela venda de tomates na rua Almirante Alexandrino. Quando era confrontado com alguma novidade o casal respondia com variações de *Não vi e não gostei, Não sei e não quero saber, Não quero e não vou querer*. Havia, também, a resposta que envolvia apenas uma careta, e os dizeres *Eu, hein*. Ter a filha estudando com o maior músico daquela época estava muito além do que aqueles imigrantes portugueses poderiam assimilar. Um homem esquisito, que nunca era visto sem um charuto na boca. *Eu, hein*.

Eurídice brigou mais com os pais naqueles dias do que em todo o resto de sua vida. Gritou com eles de uma forma que nem sabia ser capaz.

Como ela queria aquilo! Quando tocava podia acertar todas as notas, podia fazer a melodia perfeita. E por que a vida não podia ser também assim? Por que não podia fazer o que queria, por que não podia dizer tudo o que pensava, por que não podia tocar até exaurir seus dedos e cansar seus lábios, até não ter que pensar em nada? Quando tocava existiam apenas ela e a flauta, e aquele era um mundo perfeito, por ser um mundo pequeno.

Ela queria tanto e tanto e tanto que nem se importou em puxar sozinha o cabo de guerra, tendo esporádicas colaborações da irmã, que de vez em quando levantava os olhos da revista para ajudar Eurídice. “Mas, mamãe, a Eurídice pode um dia tocar na sinfônica!” “Quieta, Guida. Não se meta onde não é chamada.” Eurídice puxava, puxava e puxava, mesmo sabendo que os pais tinham mais peso do outro lado.

Chegou uma hora que as duas partes estavam tão exaustas que se esqueceram de que sabiam mais de duas ou três palavras. Eurídice só dizia *eu quero, eu quero e eu quero*. Os pais só respondiam que *não, não e não*. E Eurídice voltava com um *por que não?*, e os pais respondiam *porque não*, e no final aquilo já estava uma conversa de loucos iletrados, um lado dizendo *por que não?* O outro respondendo *porque não. Por que não? Porque não. Por que não? Porque não*. E todo aquele drama, toda aquela angústia, toda aquela tensão desapareceu em questão de segundos, por causa de um único olhar.

Aconteceu na quitanda. Era uma tarde de quinta-feira, Eurídice e d. Ana estavam juntas no caixa, cada uma olhava para um lado. O almoço em família tinha sido uma sinfonia de *Por que não*s. No meio da tarde d. Jovina chegou com o filho José em busca de batatas. Conversa vai, conversa vem (d. Jovina buscava algumas batatas e muitos assuntos para se distrair), a cliente notou o rosto indisposto de mãe e filha. Perguntou o que estava acontecendo.

D. Ana deu um suspiro sofrido antes de revelar com olhos desolados o embate musical que era travado no apartamento em cima da quitanda. Omitiu os gritos, os copos quebrados e as muitas noites em que a filha não tocava na comida, numa greve de fome que lhe aumentou as covas e a crença no projeto de se tornar flautista.

“Pois então, d. Jovina, estou dizendo para a Eurídice que ela não deve se preocupar com uma carreira na música. Ela tem que terminar seus estudos

e se concentrar nas coisas que as meninas da sua idade fazem. Encontrar-se com as amiguinhas, conhecer um rapaz e formar sua própria família.”

D. Jovina balançava a cabeça, concordando, e José olhava Eurídice, flertando. A menina baixou os olhos e se ajeitou na cadeira. Naquele momento Eurídice aprendeu que alguns olhares são diferentes de outros, e que existem olhares capazes de modificar a gente não só por dentro como também por fora, porque agora não havia meios de ela encontrar uma posição confortável na cadeira. Enquanto as batatas eram escolhidas, pagas e embaladas a menina permaneceu incômoda, tomando consciência de seu novo corpo, modificado por um olhar.

De noite ela não comeu, e não foi por causa da flauta. Foi por causa do flerte. Das dez às duas da manhã relembrou a cena com o olhar de José. Das duas às seis a cena voltou a se repetir, acrescentada agora por passeios de mãos dadas pelo Campo de Santana, proposta de casamento no Largo dos Guimarães, jantar entre famílias e lua de mel em Friburgo. No sono ou na vigília Eurídice não pensava em outra coisa. Nem mesmo em uma flauta, que quase não ocupa espaço.

No dia seguinte ela acordou como se o embate dos últimos dias nem tivesse acontecido. Villa-Lobos quem? Flauta o quê? A Parte de Eurídice *Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice* celebrou; a outra parte disse *tá legal, mas tem volta*. Beliscou as bochechas para fazê-las vermelhas, tentou em vão fazer cachinhos como os de Guida, saiu para a escola feliz. Contou as horas até voltar para a casa, e para a cadeira junto ao caixa da quitanda.

Achou que devia dividir o segredo com a irmã. Guida era uma dessas moças que já nascem sabendo de tudo, ou, no caso, de tudo o que vale a pena saber, o que não era o mesmo “tudo” sabido por Eurídice. Guida nunca foi uma aluna excepcional, e mesmo agora, depois de completar o secundário, tinha que usar os dedos para fazer as contas na quitanda, o que não era garantia de acertar na soma. Mas sabia pintar as unhas desses dedos de vermelho, e sem borrar. Guida também sabia falar com os adultos, e foi ela que encarou d. Josefa para dizer, “Se eu souber de mais uma judiação da senhora com a minha irmã prometo fazer ponto na porta do senhor ministro, e só sairei de lá depois de relatar tudinho ao sr. Gustavo Capanema”. Foi por causa de Guida que Eurídice voltou a beber água de noite, e foi por causa de Guida que ela relaxou e aprendeu a falar os erres.

Elas se completavam. Quando Eurídice acordava apavorada no meio da noite, jurando que um fantasma estava caminhando no sótão, era Guida que segurava sua mão e dizia, “Calma, que é só um gambá, e com filhos. Ouve só o barulho dos guinchos”. Quando Guida se desesperava, com mãos no cabelo e cotovelos sobre o livro, por causa de todos os micro-organismos que tinha que decorar para a prova do dia seguinte, era Eurídice que ficava a seu lado, dizendo, “A gente encontra um jeito de memorizar cada um deles, vamos começar pelos protozoários, que têm dois tipos de esqueleto, e que se locomovem usando flagelos ou cílios”.

E quando Eurídice chegou da escola chorando, dizendo para a mãe que tinha se machucado, talvez ao subir no bonde, foi Guida que tomou a frente das explicações, fornecendo a Eurídice muito mais do que o paninho entregue por d. Ana, “para fazer o sangue estancar”.

“Olha, Eurídice, isso não é machucado, e a partir de agora vai acontecer uma vez por mês, e quer dizer que você está se tornando mulher.”

Guida foi além, e contou para Eurídice o motivo do sangramento, e o que acontecia para as mulheres engravidarem. Os olhos de Eurídice se abriram para ver uma parte do mundo da irmã. Era um lugar onde coisas estranhas aconteciam, e que tinha Guida como a mulher mais sábia de todas. Guida foi além outra vez. Abraçou a irmã e disse que um dia ela seria uma mulher muito bonita, teria um bom marido e muitos filhos, uma casa muito grande, com um jardim.

Como é que a Guida sabia? Ela sabia porque sabia. Guida era uma dessas moças que já nascem sabendo de tudo.

Guida sabia principalmente o que as pessoas deviam fazer em situações de flerte. Ela inclusive já tinha passado para o estágio seguinte, que era o de namoro. Num domingo de abril, pouco antes do início dos embates da flauta, comunicou aos pais que *um rapaz por quem tinha grande estima viria vê-la depois do almoço*.

Marcos apareceu junto com as badaladas das duas da Igreja do Largo, e já chegou causando má impressão. Em vez de oferecer a mão para seu Manuel fez uma espécie de cumprimento oriental, segurando o chapéu e curvando o corpo em sinal de respeito. O português achou estranho, mas curvou o corpo em resposta — talvez aquela fosse a nova moda entre os jovens do Rio. Marcos ignorou o desconforto. Era melhor inventar um cumprimento exótico do que oferecer a mão molhada de suor. Durante a

visita só largou o chapéu por um segundo, para acenar com timidez para Eurídice, que fingia ler um livro no canto da sala. Na meia hora seguinte d. Ana e seu Manuel aprenderam tudo o que precisavam sobre o moço de rosto vermelho.

“E o senhor, trabalha?”

“Estudo. Medicina.”

“E onde mora?”

“Botafogo.”

“E o senhor seu pai, faz o quê?”

“Chefe do gabinete do senhor prefeito.”

“E a senhora sua mãe, como se chama?”

“Mariana.”

“E tem irmãos?”

“Cinco.”

“E quais são as suas intenções com a nossa filha?”

“As mais nobres.”

Talvez pela surpresa da notícia, talvez pela segurança de Guida, talvez porque o interrogado morasse em Botafogo e estudasse medicina, o anúncio do namoro foi aceito sem dramas ou proibições. Guida foi autorizada a ir com Marcos ao cinema uma vez por semana. O resto do namoro deveria se passar no sofá da Almirante Alexandrino, tendo de um lado o abajur aceso, e do outro a mãe cerzindo meias.

Marcos era um rapaz muito alto, muito magro e muito distinto. Distinto até demais. Foi esse namorado o responsável pelo Pão de Açúcar que se formou entre Guida e os outros membros da família. Depois de conhecer Marcos, e de ser acariciada por aquelas mãos que nunca trabalharam, e de ser encarada por aqueles olhos que nunca se preocuparam, Guida começou a transitar numa realidade requintada demais para aceitar a convivência com as outras pessoas da casa (um casal de portugueses tacanhos e uma menina de tranças e pernas peludas).

Passou a trancar-se no quarto. A fazer as refeições em horários alternativos. E a considerar como vida em família folhear o *Jornal das Moças* na poltrona do canto da sala.

“Abra esta porta, Guida. Teu pai chegou da quitanda há mais de uma hora e quer te ver.”

“Já abro. Estou terminando de me arrumar.”

“Abra agora.”

O silêncio que se seguia dava à d. Ana a certeza de que a porta jamais se abriria.

“Mas que modos são estes? Onde já se viu uma coisa assim? O que foi que eu fiz para ter duas filhas tão rebeldes? A Guida não quer saber de nós e a Eurídice só quer saber de reclamar por causa da flauta. No meu tempo era diferente, ai se eu tratasse meus pais assim! Aqui uma filha não responde a nada e a outra responde a tudo.”

Os bate-bocas de fim de tarde tornaram-se um hábito, e depois de um tempo os pais de Guida se acostumaram a ter a filha distante. Convenceram-se de que era um problema passageiro, não tinham que se preocupar. Ali estava uma filha, ali estava outra, nenhuma estava grávida, então vamos vender tomates. Eurídice é que estranhava o silêncio da irmã.

“Guida, você quer saber o que aconteceu hoje na hora do recreio?”

“Hum.”

“Guida, você vai me ensinar a fazer esta máscara de limão para o rosto?”

“Hum.”

“Guida, posso ler essa sua revista?”

“Hum.”

“Guida, vamos brincar de fazer penteados?”

“Hum.”

Guida não estava numa fase muito prolixa, mas mesmo assim Eurídice tentou conversar com a irmã sobre o flerte da quitanda. *Ela vai me ajudar, pelos velhos tempos*, pensou. Tempos que nem eram assim tão velhos, tempos de meses atrás, mas que pareciam remotos depois que o silêncio aumentou as distâncias. Tudo culpa desse Marcos, que Eurídice achou muito bonito quando viu, mas que agora achava um pouco feio porque sabia que com ele Guida falava. E devia falar tanto que não sobrava nenhuma palavrinha para Eurídice.

“Guida?”

“Hum.”

“O que você está lendo?”

“Não dá pra ver?”

“Não.”

“Dá sim, ó. É o *Jornal das Moças*.”

“Mas o que você está lendo? Dentro do jornal.”

“Não interessa.”

“Interessa, senão eu não estaria perguntando.”

“É um teste. Pra saber se o nosso namorado gosta muito da gente, ou pouco.”

“Eu quero fazer.”

“Você não tem namorado.”

“Mas eu quero fazer.”

“Já disse que você não tem namorado.”

“E por que você vai fazer? Você acha que o Marcos não gosta de você?”

“Deixa de ser boba, Eurídice. Vai lá tocar a sua flauta.”

Eurídice acatou a ordem e foi pegar a flauta. Menos porque queria tocar e mais porque a flauta estava do lado de Guida, e assim ela poderia puxar o cabelo da irmã. Guida revidou com um beliscão de virar a pele, Eurídice se defendeu com as unhas cravadas na carne, e estavam as duas assim atracadas quando d. Ana chegou para apartar a briga e mandar cada uma para seu quarto.

“Nunca vi vocês brigando! E agora depois de crescidas vou ter que botar as duas de castigo?”

A briga fez um bem imenso para Eurídice, que aproveitou para chorar todas as lágrimas reprimidas desde o início do embate da flauta. Ninguém naquela casa a entendia, ninguém queria o seu bem, e mesmo Guida, com quem sempre tinha conversado, agora não lhe fazia caso. Mas José, esse sim haveria de entendê-la. Eurídice não precisava da escola, dos livros, da flauta ou de Guida. Ela só precisava de José.

Reforçou a ajuda aos pais na quitanda. “Não se preocupem, eu posso fazer meu dever de noite.” Aproveitou um momento de distração da irmã para furtar-lhe o batom, deixando sua boca mais vermelha do que deveria. Eurídice queria muito voltar a ver José e aquele olhar, e sabia que era só uma questão de tempo para o desejo se realizar. Ele vai aparecer, ela pensava, acompanhando o movimento na rua e atendendo clientes com sorrisos de boa espera.

José apareceu no final da semana. Eurídice alongou o corpo na cadeira e sentiu a urgência de encarar a caixa registradora. Ali estava José, ali estava o olhar.

Só que agora o olhar era dirigido para outra moça. José entrou na quitanda com Odete, que morava a algumas quadras dali. Ajudou a moça

com as compras e foi cuidadoso na escolha das frutas. Separou as melhores bananas, maçãs e figos, enquanto Odete escolhia batatas e cebolas. Os dois nem pareciam notar que havia outras pessoas em volta, e de fato não havia, porque depois que as compras foram feitas a pessoa de Eurídice foi reduzida à mão que dá o troco ao receber as notas. É fato que José olhou um bocadinho para Eurídice, só para poder dizer com os olhos: *Sobre aquele outro dia, esquece, era brincadeira*. José e Odete saíram lá para o mundo deles, deixando para trás uma Eurídice de coração partido, junto a maçãs machucadas e figos rachados que não foram escolhidos.

Ah, como aquilo doeu. Doeu tanto que Eurídice nem tinha mais vontade de tocar flauta, de ler seus livros, ou mesmo de errar ou não errar no dever de casa. Parecia uma boneca de corda, com olhos foscos, boca reta e corpo curvado para a frente, cumprindo as obrigações de forma mecânica e silenciosa. Eurídice não conseguia ver nada além da própria tristeza, e não viu que enquanto se trancava em seu mundinho a irmã se trancava num outro mundinho, no quarto dela. Continuará entretida pela própria tristeza pelas semanas seguintes, a ponto de não se lembrar de que tinha irmã.

E a ponto de não escutar os ruídos da noite de segunda-feira que anunciaram a fuga de Guida. Eurídice só saiu do transe quando ouviu pela manhã os gritos da mãe. “Minha Guida foi embora, a minha Guida foi embora!”, berrava d. Ana de joelhos, de frente para os armários vazios da filha, mostrando para Eurídice que havia um mundo mais cruel do lado de fora do que aquele que tinha construído por dentro.

Vendo a mãe se debater, vendo o pai abraçar a mãe para absorver a tristeza, vendo que a irmã não estava em nenhum cantinho do quarto ou do resto da casa, Eurídice sentiu uma escavadeira no peito extraindo seu coração. Fugir era que nem morrer, só que pior, porque na morte a pessoa vai embora sem saber, e não pode se despedir. Mas na fuga a pessoa sabe que está indo embora, e nem se importa em dizer adeus. E foi isso o que a Guida fez.

Mas por quê? Como ela não percebeu que Guida ia fugir? Por que não tentou conversar com a irmã? E por que a irmã não tentou conversar com ela? E por que Guida fugiu, se os pais deixavam até ela ir ao cinema, e nem proibiram o namoro? E quem é que agora ia lhe explicar todas as coisas que não sabia?

Eurídice não tinha resposta para nenhuma dessas perguntas. Ela só sabia a resposta para *Será que a Guida foi embora por causa da nossa briga?* Precisava encontrar alguma lógica naquilo tudo, precisava de uma única resposta, e por isso achou que sim, que Guida tinha ido embora um pouco por causa da briga, e que a culpa pela fuga da irmã era muito por causa dela.

A família não sabia o que fazer com o quarto de Guida. D. Ana deixou a porta fechada, mas depois seu Manuel a abriu, porque a porta fechada dava a impressão de que a filha estava atrás. Mas a porta aberta também incomodava, porque dava para ver a estante que Guida tinha deixado vazia, levando com ela os romances da Biblioteca das Moças. E havia a questão da cama. Seu Manuel achou que a cama tinha que estar desfeita, mas d. Ana insistiu em deixar a colcha posta: vai que Guida resolvesse aparecer, como é que a menina ia dormir? Decidiu-se que a porta do quarto ficaria entreaberta. Quando Eurídice passava pelo corredor virava o pescoço para continuar olhando, como se a irmã pudesse brotar do colchão. Guida não levou as revistas que lia na sala. Ficaram ali por um tempo, como se fossem uma parte da moça. Ninguém folheava, ninguém jogava fora. Um dia um porta-retratos com a foto da irmã apareceu na sala. Seu Manuel e Eurídice não perguntaram quem colocou.

No começo a família só conseguiu lidar com a tristeza porque havia esperança. O carteiro era aguardado diariamente, já que a carta que Guida não deixou quando partiu poderia chegar naquela tarde. Duas vezes por dia seu Manuel corria até a farmácia, para saber se havia um recado da filha no único telefone do bairro.

As notícias nunca chegaram, e deixaram de ser esperadas. Agora seu Manuel e d. Ana já não choravam, e nunca mais riram. Ver os pais tão vulneráveis fez Eurídice querer protegê-los. Achou que tinha que dar alegrias dobradas aos dois. Prometeu que nunca mais iria brigar com eles, como fez durante os dias rebeldes de flauta. Nunca, nunquinha ia se exilar da família, como Guida. Nunca, nunquinha ia fazer algo que lhes trouxesse desgosto. Ela ia ser a melhor filha de todas, a menina exemplar, mesmo se essa menina exemplar estivesse em profunda sintonia com *A Parte de Eurídice Que Não Quer* *Que Eurídice Fosse Eurídice*.

Numa última tentativa de descobrir o paradeiro de Guida, seu Manuel foi até a prefeitura.

“Diga ao senhor chefe de gabinete que está aqui o pai da namorada de seu filho, o Marcos.”

Hora e meia se passou. O português apertava o chapéu, igual a Marcos no dia em que se conheceram. Olhava resignado para a frente. Perto da hora do almoço uma senhora voltou com a resposta.

“O sr. Godoy mandou dizer que não tem nenhum filho chamado Marcos.”

5.

Agora que as partes de Eurídice foram apresentadas dá para entender por que essa moça vai e volta. Por que inventa projetos e não consegue enfrentar o marido. Por que não mandou Antenor catar coquinhos depois da gargalhada da Noite do Grande Banquete. E por que, no dia da Grande Briga Por Causa do Ateliê de Costura, depois da Grande Gripe, Eurídice não levantou a voz, dizendo *as mãos são minhas e com elas faço o que bem entendo, e entendo que devo usá-las para costurar e para te apontar o indicador, e dizer que as mãos são minhas e com elas faço o que bem entendo*.

Eurídice não usou suas mãos para proclamar a independência, mas para cobrir o rosto cabisbaixo. Ela sabia que o marido tinha razão, dentro de tudo aquilo que parecia razoável, e de acordo com a pessoa razoável que prometeu ser após a fuga de Guida.

No dia da briga do ateliê Antenor falava cada vez mais alto, e Eurídice cada vez mais baixo. Suas respostas se tornavam mais e mais tênues. E Zélia, que começou ouvindo a briga muito confortável sentada em seu sofá, teve que terminar com o ouvido grudado na parede. Nem assim conseguiu saber como aquilo terminou.

Não precisou esperar muito. Alegando problemas de saúde, Eurídice anunciou que abandonaria a costura, outorgando a d. Maricotinha sua lista de clientes e as encomendas inacabadas. O anúncio gerou protestos de ambos os lados, pois as clientes tinham medo de serem feitas vodus ao experimentar uma roupa cosida tão somente por d. Maricotinha, e d. Maricotinha reclamou das novas responsabilidades. Teria que ignorar o trabalho das suas muitas clientes para atender às de Eurídice. D. Maricotinha não revelou que suas muitas clientes se contabilizavam numa soma de zeros. Mas revelou que o excesso de trabalho era ruim para sua

pressão, e exigiu o pagamento de dois meses do salário de Damiana, para que juntas dessem conta do trabalho.

Eurídice não discutiu. Apareceu no dia seguinte com todos os cruzeiros requisitados, num gesto tão desprendido que fez d. Maricotinha reconsiderar o peso da perda de suas zero clientes. As duas mulheres se despediram, Eurídice fechou a porta e um silêncio imenso tomou o sobrado dos Gusmão Campelo.

Havia, é claro, o ruído das pias e do chuveiro pelas manhãs. Da chaleira apitando a água quente para o café, do jornal folheado na mesa da copa. Havia o eco dos passos no hall, que levavam até a escola ou ao trabalho no Banco do Brasil. Mas nenhum destes eram barulhos de Eurídice. A moça passava horas sentada, encarando a estante de livros na sala de estar. Das Dores ficou preocupada. Fazia mais de uma semana que Eurídice não lhe dizia que tinha limpado mal as bandejas, dobrado os guardanapos da forma errada, deixado gomos de laranja no suco, cortado o abacaxi depois do prazo.

Cecília e Afonso também notaram o silêncio da mãe.

“Mamãe, olha o trabalho que eu fiz sobre os etruscos. Olha essa parte com o mapa da Europa, copiei do livro sozinho.”

“Está lindo, meu filho.”

“Mamãe, eu terminei de ler *Vidas secas*. É mesmo um livro muito triste.”

“É sim, Cecília.”

Eurídice não subia no banquinho para pegar o tomo da enciclopédia e mostrar a Afonso os castelos etruscos. Não subia no banquinho para pegar os outros volumes de seus livros autografados por Graciliano Ramos, e para dizer a Cecília que *Angústia* era muito mais triste.

Aquela era uma mulher comportada, do jeito que Antenor queria. Uma mulher dedicada à casa e às crianças, e que agora se deitava na mesma hora que ele, e não se levantava mais cedo para se entreter com a máquina de costura. Uma mulher que permanecia calada ao seu lado enquanto ele assistia à TV, e que lhe oferecia a testa olhando ligeiramente para baixo, quando ele saía ou chegava do trabalho. Era tudo o que Antenor sempre quis.

Sim, era tudo o que ele sempre quis.

Será?

Não, não era. Ele não queria uma Eurídice assim. Vendo a mulher num contínuo estado de tanto faz Antenor entendeu que aquilo que achava que queria talvez não fosse aquilo que achava que queria. Mas então o que ele queria? Tentou encontrar a resposta numa noite de insônia. Mas insônias não combinavam com o expediente do banco, por isso deixou de se perguntar. Antenor não sabia o que queria, mas sabia que não queria saber. O que sabia é que pela primeira vez no casamento havia um problema maior do que o incidente da noite de núpcias.

Apesar de tudo, ou apesar do nada que a vida de Eurídice se tornou, Antenor era, de fato, um bom marido. Filho de um funcionário público com uma poeta que nunca publicou um livro, Antenor cresceu numa casa de poucas refeições e muita sujeira. A única coisa estruturada naquela família eram os dísticos e tercetos recitados pela mãe. *O beijo que é glória e tormento, a alma que subiu ao firmamento, as juras e carícias de um blasfemo. O coração que sofre exasperado, o afeto que é simples e sagrado, o homem que precisa ser amado e ter nos braços o teu corpo delicado.* A vida de Maria Rita era um palco de performances pessoais, e embora fosse enfadonha essa vida era muito melhor do que a vida de sua plateia, composta pelas seis crianças que produziu antes de completar vinte e cinco anos.

Feliciano chegava da repartição e se surpreendia com as façanhas da mulher, que conseguia deixar a casa num estado ainda mais caótico do que aquele do início da manhã. O chão da sala continha fraldas sujas, cascas de laranja, carrinhos de madeira, bebês à deriva e babadores manchados. As camas continuavam em seu estado permanente de *por fazer*. A cozinha estava sob o comando de baratas, passeando sobre as crostas de comida nas louças. Na única poltrona que não servia de cabide estaria Maria Rita ainda de camisolão, de frente para o caderninho de versos. Além dos olhos puxados a única herança que guardava dos antepassados guaranis era a dificuldade em entender as regras do cotidiano ocidental.

A briga entre o casal acontecia sempre às cinco e quarenta e cinco da tarde.

“Você não me entende, eu sou uma poeta, uma artista! Um espírito livre que algemaram a esta vida.”

“Maria Rita, eu apoio a sua arte, mas este bebê tem o bumbum de um babuíno! E veja o cabelo da nossa filha, vai ser preciso cortá-lo rente à nuca, já que não é mais possível desatar os nós.”

Maria Rita corria para chorar na cama, e logo era consolada pelo marido, que não conseguia resistir aos cachinhos cor de mel e à boca em formato de coração. Depois de alguns paparicos as pazes eram seladas e o casal voltava à sala para recolher os bebês e as cascas de laranja. Talvez por hábito, talvez por esperança, lá pela sete horas Feliciano perguntava o que havia para jantar.

“Bananas.”

Todos sabiam que Maria Rita não era talhada para aquela vida, e no dia mais frio de agosto ela decidiu que não era talhada para vida alguma. A poeta incompreendida se matou com formicida. Talvez a maior contribuição que tenha dado ao núcleo familiar tenha sido trancar a porta do quarto, para que seus filhos não vissem o corpo contorcido e o rosto coberto pela espuma branca.

A tragédia da rua das Marrecas só foi conhecida em todas as suas particularidades por Feliciano, que ao chegar do trabalho não estranhou as crianças jogadas na sala, mas o menino que por duas horas batia desesperado na porta do quarto da mãe. Depois de arrombar a porta Feliciano usou as mãos para tapar os olhos de Antenor, que só precisou de dois segundos para ver a cena que jamais sairia de sua cabeça. Ele tinha seis anos.

Dois dias depois o *Jornal do Commercio* anunciava a morte de Maria Rita, dizendo que *A inteligente poetiza Maria Rita Campelo foi accometida de uma insidiosa e obscura enfermidade, e depois de longos e dolorosos sofrimentos deixou de existir às 13h25 do dia 19 do corrente mês. O seu enterramento foi realizado ontem no cemitério de São João Batista, com a assistência de extraordinário número de pessoas, senhoras, senhorinhas e cavalheiros de todas as camadas sociais. Feliciano Campelo, dilieto empregado da prefeitura na repartição de obras públicas, funcionário muito bem relacionado e bem quisto, recebeu com indommável bravura a notícia da morte da querida esposa.*

A única coisa indomável em Feliciano após a morte da mulher foi o desespero. Desespero causado pela falta dos cachinhos e da boca de coração, desespero por causa das seis crianças que receberiam cuidados ainda piores do que aqueles perpetrados pela mãe, se fossem criadas apenas por Feliciano.

Rogou aos céus por ajuda e a ajuda chegou, embora não tenha vindo dos céus. Veio de algumas quadras dali, na figura de Dalva, irmã de Feliciano. Aos trinta anos ela já havia passado da idade para casar, e agora se fazia útil ajudando os pais no armazém de secos e molhados que mantinham na rua do Carmo. Dalva ofereceu-se para cuidar da casa e das crianças. Depois de ouvir a proposta ele só não abraçou a irmã e chorou em seus braços porque aqueles eram tempos de poucos abraços e poucos choros masculinos.

E foi assim que os seis filhos de Feliciano e Maria Rita passaram a pentear os cabelos e escovar os dentes todos os dias. Dalva encontrou sua verdadeira vocação, que era a de estar ocupada dezoito horas por dia, e Feliciano voltou a ter uma vida de hábitos, como jantares às seis e meia da tarde, compostos por alimentos que passavam pelo fogão.

Feliciano contou para Dalva os detalhes da morte da esposa, incluindo os dois segundos presenciados por Antenor. O coração da moça balançou muito forte por aquele menino, e embora Dalva amasse aquelas crianças mais do que tudo, passou a amar Antenor mais do que o tudo do tudo. Era Antenor que recebia seus primeiros beijos ao chegar da escola, Antenor que ganhava os melhores pedaços do frango ensopado, Antenor que tinha as roupas remendadas antes dos outros. Era para ele que ela olhava de noite, quando ia até o quarto das crianças se certificar de que dormiam bem. E era ele que botava no colo para ler um dos livros de capa verde da coleção de Monteiro Lobato, recém-comprada por Feliciano.

Vivendo agora numa casa de piso encerado e banheiro limpo, de cheiros acolhedores e roupas brancas, Antenor quase que se esqueceu dos dois segundos daquele dia. O que ele nunca esqueceu foi a vida desregrada da mãe, os rompantes apaixonados e infecundos, os delírios inconsequentes e o imenso egoísmo que foi ir embora sem pensar nos filhos do outro lado da porta. Para Antenor não havia nada mais inútil do que a poesia.

A vida que ele teria seria o oposto da de Maria Rita. Um dia Antenor haveria de se casar, e sua mulher teria que ser tão boa quanto Dalva. A casa

e os filhos teriam que ser prioridade. Ele estava disposto a dar tudo de si para a mulher que escolhesse, e exigia em troca uma vida que não tivesse nem um pouco da poesia e dos sonhos que só serviram para enlouquecer a mãe.

E é aí que Antenor escolhe uma mulher que parece absolutamente banal — nem feia nem bonita, nem gorda nem magra, nem alta nem baixa. Uma mulher que tem seu principal atributo escondido sob o chapéu de palhinha usado ao caminhar pelo bairro. Essa Eurídice tem a cabeça em cima do pescoço, é o que Antenor pensa, sem saber que a cabeça dessa mulher está em cima do pescoço e acima da média de todos nós.

Antenor conheceu Eurídice num dia perfeito de maio. Pegou o bonde para visitar um primo em Santa Teresa, e no caminho foi se desligando de toda a balbúrdia e a poeira que havia perto da Lapa. Depois da chuva de noite inteira o céu estava limpo e o ar entrava um pouco frio nos pulmões. Santa Teresa lhe parecia um dos únicos lugares ainda puros da cidade, com raros automóveis, poucos bondes e nenhum arranha-céu. Simples e eficiente, ele pensava, e estava assim perdido em pensamentos quando viu uma moça emoldurada por frutas na Almirante Alexandrino. Seus pensamentos perdidos deram lugar a um outro que vinha tendo há algum tempo, e que consistia numa única frase: será que esta moça é A Moça?

Achou que precisava de peras. Desceu do bonde, escolheu as frutas, pagou e olhou Eurídice por mais tempo do que precisava para receber o troco. Nada naquela moça provocaria segundas intenções. Ela tinha cabelos presos num coque, avental sobre o vestido cinza, nenhuma maquiagem no rosto e um olhar que só via notas. Quando Eurídice não retornou nada além do troco, ele começou a se interessar.

“Falta muito pra chegar até a rua Monte Alegre?”

“Um pouco.”

“Será que eu consigo ir andando?”

“Talvez.”

Eurídice passou no primeiro teste. Não é que fingisse desinteresse em Antenor. Ela não estava interessada em Antenor. Ora, Antenor sabia o que era. Ele era um rapaz de vinte e três anos, formado pelo colégio Pedro II, detentor de um diploma de técnico em contabilidade, recém-contratado

pelo Banco do Brasil, com pinta de galã de cinema (isso quem dizia era a tia Dalva) e sem nenhum anel no dedo. Não podia tomar um café, entrar numa loja ou comprar um jornal sem ter suas mãos analisadas por todas as moças e mães das moças que estivessem por perto. Elas não estavam interessadas em Antenor, mas na ideia de Antenor. Arrumavam-se e pintavam-se não para fazer Antenor se interessar por elas, mas pela ideia que teria delas.

Só que Antenor não queria saber de ideias. Ele queria abrir mão das firulas da paixão e ir direto para o vamos ver, que era, no caso, um *vamos ver se esta moça é prendada como dizem. Vamos ver se é capaz de se levantar todos os dias na mesma hora, se não vai esperar a cama esfriar para esticar os lençóis, se vai conciliar a feitura do café com a hora em que me sento à mesa*. Ele queria o livre-arbítrio de lambar o chão para provar que estava limpo, a cesta com frutas frescas depois da feira de terça e a segurança que vem com alguém ressonando na mesma cama, todas as noites.

Perguntou ao primo sobre a moça emoldurada nas frutas. Descobriu que se chamava Eurídice, que estava sempre junto dos pais e que tocava flauta como um anjo. Descobriu que tinha uma irmã mais velha e muito linda, e que depois que essa irmã fugiu ela nunca mais soprou uma nota. Soube que tinha completado o secundário, que era boa com os números, mas que parou de estudar para ajudar os pais na quitanda.

Antenor viu o sol se pôr da janela do primo e concluiu que não havia lugar mais bonito e mais tranquilo no Rio de Janeiro. Despediu-se por volta das seis e desceu a pé até a quitanda. Eurídice continuava emoldurada por frutas, o rosto inclinado em cima de um caderno de notas.

“Boa noite. Eu me chamo Antenor e gostaria de saber se podemos nos conhecer melhor.”

O namoro foi tão tranquilo quanto o casamento desejado por Antenor. Conversas na sala da Almirante Alexandrino, com o abajur aceso de um lado e a mãe cerzindo meias do outro. Passeios pelo quarteirão, com o pai na quitanda cronometrando o tempo de volta. Cinema não teve, que os pais de Eurídice acharam melhor não arriscar. O pedido formal de noivado foi feito para seu Manuel e d. Ana. A mãe de Eurídice soltou umas lágrimas e seu Manuel, quem diria, soltou outras tantas. Abraçou a filha, dizendo, “Você é a nossa única filha, a nossa única filha”.

Se Eurídice queria casar? Talvez. Para ela o casamento era algo endêmico, algo que acometia homens e mulheres entre dezoito e vinte e cinco anos. Tipo surto de gripe, só que um pouquinho melhor. O que Eurídice realmente queria era viajar o mundo tocando sua flauta. Queria fazer faculdade de engenharia e manter-se fiel aos números. Queria transformar a quitanda dos pais num armazém de secos e molhados, o armazém de secos e molhados numa empresa distribuidora de grãos, e a empresa num conglomerado. Mas ela não sabia que queria tanto.

Nos anos depois da fuga de Guida ela sabia ainda menos. Eurídice tinha abafado os desejos, deixando na superfície apenas a menina exemplar. Aquela que não levantava a voz ou o comprimento da saia. Aquela que não tinha sonhos que não fossem os sonhos dos pais. Aquela que só dizia sim senhora ou não senhor, sem nem mesmo se perguntar para o que é o sim, ou por que disse não.

Ela estava nesse estado catatônico quando conheceu Antenor. E teria continuado assim para todo o sempre, se a Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice, junto com a promessa de boa moça que fez aos pais, junto com a imensa opressão daqueles anos 40, fossem capazes de fazer com que Eurídice deixasse de ser Eurídice. Mas logo depois do casamento a moça viu que era muito difícil não ser ela mesma, e começou com uns devaneios que assustaram Antenor.

Mas como ele podia saber que estava se casando com a menos comum das mulheres? Antenor confundiu com equilíbrio essa mania de Eurídice de usar só metade da atenção para encarar a vida, e pensou: *Táí a mulher perfeita*. Confundiu com ordinário esse jeito da Eurídice de concordar com tudo, e pensou: *Essa aí é pra casar*. Não sabia que a moça estava assim lânguida por tempo limitado. Já na noite de núpcias Eurídice lhe aparece com surpresas indesejadas. E depois, ao longo dos anos, inventou projetos estapafúrdios. E Antenor teve que gritar para Eurídice as regras do casamento, dizendo que ela tinha que parar.

Eurídice finalmente parou. Depois do projeto de costura ela parou em seu posto no sofá, de frente para a estante de livros. E ali ficou — meio songa, meio monga, meio morta. O silêncio que seguiu foi terrível, e depois de um tempo Antenor não queria saber se tinha se casado com uma

segunda Dalva ou Maria Rita. Ele só queria Eurídice, a sua Eurídice, de volta. Tentou puxar assunto.

“Quer caminhar até a praça depois do jantar? Parece que os jasmims vão abrir semana que vem. Faz tempo que você não me faz os medalhões de peru, com aquela coisa marrom por cima.”

Eurídice respondia com um meio sorriso e um *hum hum*. Concordaria com tudo, desde que não tivesse que dizer mais nada. A moça estava numa espécie de autos da vida, porque depois das torturas da escola, da febre da flauta, do drama do flerte, das quimeras da quitanda, das conquistas da cozinha e das artes da costura ela se rendeu, anunciando a vitória da Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice. “Mamãe, me faça um vestido, mamãe, me faça um mingau”, os filhos pediam para ver se animavam a mãe, e animavam, um pouco. O muito de Eurídice é que não conseguiam animar.

Se a campainha tocava era Das Dores que atendia; se parava de tocar era Das Dores que batia a porta. Às vezes ela resolvia o que tinha para resolver sem nem mesmo falar com a patroa. “Ah, são as facas amoladas, deixe eu pegar o dinheiro para pagar ao senhor. Ah, sim, o pão — bote na conta por favor estas duas bisnagas.” Só quando não sabia como resolver é que tirava Eurídice do estado de contemplação em frente à estante.

Naquela quarta-feira a campainha tocou e Das Dores não sabia o que fazer. Foi até a sala e se posicionou entre a estante e a patroa.

“Doneurídici. É uma moça na porta. Ela diz que é sua irmã.”

6.

Guida. Ela continuava bonita, mas se antes parecia ser a irmã mais velha de Eurídice, agora parecia ser a irmã muito mais velha. O cabelo estava preso num coque, de um jeito feito para não dar muito trabalho. Em uma das mãos ela segurava a mala que tinha desaparecido com ela da rua Almirante Alexandrino. Na outra tinha um menino gordinho, mais ou menos da idade de Cecília. Usava um casaco bege por cima de um vestido verde.

“Posso entrar?”

De todos os abraços da vida de Eurídice aquele foi o mais estranho. Foi um abraço que dizia “deixa eu te tocar pra ver se você existe. Deixa eu ver se é mesmo verdade que você está aqui”. Era mesmo verdade: aquela era mesmo a Guida, embora não fosse a mesma Guida, o que ficou claro depois de ouvir a história da irmã.

Marcos e Guida se conheceram numa tarde de sábado na saída do Cine Odeon. Ele estava na porta desde o início da sessão, porque se aquela moça de longos cílios entrou para ver um filme alguma hora haveria de sair. Guida saiu duas horas depois, na companhia de amigas. E continuou saindo, depois que ele tentou se apresentar. E não parou de sair, depois que ele a seguiu até a confeitaria Cavé, onde pediu um éclair de chocolate e tirou as luvas brancas a fim de exhibir seus dedos longos enquanto comia o doce da moda.

O que Guida queria com tantas saídas era fazer aquele moço de cauda. Ela queria passear por aí e ver Marcos seguindo seus passos. Pois não era assim que o amor era descrito nas revistas, nos filmes e nos livros da Biblioteca das Moças? Cabe à mulher o dever de estarrecer o homem com sua beleza, e cabe ao homem a tarefa de lutar por essa mulher depois de

voltar a se mexer, passados os primeiros segundos de imobilidade causada pela beleza estarrecedora d'A Escolhida.

Marcos cumpriu seu papel. Por três sábados seguidos esperou Guida sair do cinema. Guida também fez sua parte, ignorando o moço para que, no sábado seguinte, ele voltasse com ainda mais vontade para a porta do cinema. Depois de um mês ela concordou em se fazer acompanhar até o seu éclair. Guida mordiscava o doce sem fome, levando os dedos à boca quando ficavam sujos de chocolate, o que parecia acontecer com mais frequência desde a aparição do admirador. Os olhos de Marcos flutuavam entre o éclair e a boca da moça.

No sábado seguinte os pais de Guida foram informados do namoro. Marcos fez uma visita ao apartamento de Santa Teresa, passou a tarde segurando o chapéu e respondendo a perguntas com monossílabos. Seu Manuel e d. Ana estavam desconfiados. Aquele moço era refinado demais. Educado demais. Penteado demais. E aquelas unhas, eram feitas em manicure? *Eu, hein.*

Os pais de Marcos também não viram com bons olhos o namoro do filho. Inclusive no começo eles não viram com olho algum, porque o rapaz, que não era bobo nem nada, achou por bem adiar os primeiros contatos da amada com o antro da Voluntários da Pátria. O que viram foi Marcos ficar muito feliz de uma hora para a outra, e desconfiaram. Ele era o caçula de seis filhos, e o único que permanecia solteiro. Um partidão, que seus pais esperavam ver casado com outro partidão. Era isso o que os outros filhos fizeram, era isso que os pais de Marcos fizeram, e era isso o que achavam que Marcos faria.

Há três séculos que os integrantes daquela família se casavam entre si. Só assim para manter completo o conjunto de louça inglesa, o jogo de talheres de prata, e de ter, sobre essa louça e esses talheres, uma fartura de banquetes que não seria possível se os casamentos se realizassem com terceiros. No palacete da Voluntários da Pátria Marcos não era Marcos, mas José Marcos Gonçalves de Moraes Monteiro Godoy. O pai, Augusto Monteiro Godoy, se casou com Mariana Gonçalves de Moraes, ambos descendentes de Godoy Gonçalves e Monteiro Moraes, descendentes de Gonçalves Morais e Monteiro Godoy, descendentes de Gonçalves Monteiro e Godoy Moraes. Às vezes aparecia um Pádua, às vezes um Castro Lima, mas os Godoy e Gonçalves e Moraes e Monteiro tinham se

reproduzido o suficiente para tornar minimamente emocionante a escolha matrimonial entre primos, de modo que as variações sobre o mesmo tema permaneceram constantes durante os tempos de Colônia, Império e República.

Essa contínua fornicção familiar resultou em homens e mulheres que se pareciam mais do que chineses aos olhos ocidentais. Os homens apresentavam bochechas exageradas e cabeças que ficavam calvas antes dos trinta. As mulheres nasciam e cresciam desprovidas de cintura, adquirindo desde cedo o formato de retângulos. Continham uma abundância de pelos, e enquanto algumas faziam o buço outras não se importavam de ver o bigode crescer. E eles se pareciam, principalmente, nas contas bancárias, no número de propriedades que administravam e nos cofres repletos de moedas de ouro e de colares de pérolas rosadas.

De vez em quando um ou outro Godoy ou Moraes se livrava da maldição da semelhança, o que devia ser agradecido a Deus e à mãe, que sentia um fogo imenso sob os babados da saia, aliviado ao longo dos séculos por dois padres, três médicos, um bandeirante perdido pelas serras do Rio e cinco mulatinhos. Era esse o caso de Marcos, que nasceu mais alto e mais louro do que deveria, aumentando a crença da família na evolução da espécie, e a da mãe no teatro brasileiro. Foi nas coxias do teatro João Caetano que ela conheceu um ator delgado, responsável por trazer alguma emoção aos seus anos tranquilos de balzaquiana fluminense.

O pai de Marcos cresceu numa das cinco fazendas de café que a família mantinha no Vale do Paraíba. Depois da crise de 1930 vendeu quatro de suas propriedades e se mudou com a família para junto do governo federal. Mobiliou o palacete de Botafogo com os canapés e as namoradeiras trazidos de uma fazenda, feitos pelo mesmo carpinteiro de d. Pedro II. Percebeu que era muito mais simples e lucrativo tirar o sustento apenas da política, em vez de intercalar política com extração de café, como fizeram seus pais e avós. Antes de candidatar-se ao Senado utilizou seus muitos contatos para dar os primeiros passos burocráticos na função de chefe de gabinete do prefeito do Rio, Henrique Dodsworth.

Marcos dividia a mansão de Botafogo com os pais, os três irmãos e suas esposas. Dois deles começaram a sua escalada política se tornando unha e carne com o alto escalão do governo Vargas, para em seguida se tornar *a* unha e *a* carne do alto escalão do governo Vargas: Francisco Godoy foi

nomeado diretor do Departamento Nacional do Café e Armando Godoy se tornou o presidente do Conselho Federal dos Serviços Públicos, instituição tão abstrata que nem mesmo ele sabia para que servia. Paulo Godoy formou-se em direito e fez no curso alguns amigos, que tinham outros amigos, que disseram para não espalhar, mas que em breve seria criada a Justiça do Trabalho. Tornou-se o juiz mais jovem do Brasil.

As irmãs de Marcos não moravam na mansão de Botafogo. Uma se casou com um primo que ainda mantinha a crença no café e no título de Barão de Itaimzim que estava na família desde os tempos do tataravô. Barão e baronesa de Itaimzim passariam os cinquenta anos seguintes sentados na sala do casarão, vendo o reboco da parede cair. Outra irmã se casou com um diplomata e estava nesse momento em um café de Paris, pedindo ao garçom mais champanhe e discutindo com estranhos a meteórica emancipação da mulher latina.

Talvez por ter se livrado da constante troca de genes Marcos não queria se casar com uma mulher retângulo. Olhava para sua família com um misto de desdém e fastio. Eram todos farinha do mesmo saco, e que saco, aquilo, ou aquele. As piadas, os trejeitos, a mania de colocar as melecas embaixo da mesa, a forma de coçar o queixo levantando o rosto numa careta, a superioridade e o escárnio com que falavam de todos que não fossem eles, aquilo tudo dava a Marcos uma vontade de ser só Marcos, em vez de ser o Marcos dos muitos sobrenomes. Os jantares da mansão eram sempre angustiantes, com tantas cunhadas competindo entre si para saber quem tinha o melhor marido, relacionando as qualidades dos esposos ao número de joias ostentadas na refeição.

Marcos se sentia constantemente sufocado. Não se incomodava apenas com o que via, mas com o que não via. Se tivesse investido em seus dons mediúnicos ouviria espíritos indignados revelarem suas versões sobre as disputas de poder na família, sobre um ou outro Godoy assassinado na sucessão, sobre as histórias de amor por mulheres sem bigode e homens com cabelo que nunca se realizaram, sobre os filhos deformados que nasceram ao longo dos séculos, e que foram abafados, nos sentidos figurado e literal. Todos esses primos que partiram desta para melhor não estavam assim tão melhor, porque ainda acreditavam ter direito aos bens da mansão de Botafogo. Permaneciam ali num limbo, admirando os brincos das mulheres da casa e secando os ouros em seus bustos, a ponto de fazer duas

cunhadas de Marcos serem internadas secretamente num reformatório para tuberculosos em Petrópolis.

A carga emocional deixava o ambiente tão pesado que os mais sensíveis juravam ficar mais altos assim que deixavam o palacete. Era assim também com Marcos, que preferia passar a maior parte do tempo na faculdade de medicina, nos bares da Lapa e nas ruas do Centro. Diferentemente de seus amigos, ele não queria ser um farrista de eternos vinte anos. Marcos não tinha vontade de fechar os bares, de experimentar as novidades dos rendez-vous ou de comparecer às rodas de samba tão exóticas para o resto da população, e tão na moda entre os boêmios daqueles anos.

A única coisa que Marcos queria era alguém para conversar. Alguém que escutasse tudo aquilo que ele não conseguiu dizer durante suas duas décadas de vida. Alguém que continuasse sua educação sentimental, interrompida de forma abrupta quando saiu dos braços de sua tão querida ama para os bancos do Colégio de São Bento, onde aprendeu que para ser homem com agá maiúsculo não podia chorar com saudades da ama (*Não há mais abraços! Não há mais beijinhos!*) ou sofrer pelos gatos que tinham seus rabos cortados por meninos que um dia seriam os representantes de nosso país.

O que Marcos estava fazendo no dia em que conheceu Guida era procurar por essa pessoa com quem pudesse conversar. Quando viu a moça de cabelos ondulados, saía na altura dos joelhos e chapéu de feltro entendeu que não precisava mais procurar. Só precisava esperar ela sair do cinema.

E Guida saiu do cinema, e a perseguição pelas ruas do Centro durou quatro sábados, e quando finalmente conversaram ela aprendeu em dez minutos tudo o que precisava saber: o nome dele era Marcos, tinha vinte e um anos, estudava medicina e tinha um sorriso bonito.

Marcos não entrou nos detalhes de seus sobrenomes, e ficou feliz em saber que Guida não se importava com isso. Tudo o que ela queria era um bom provedor que tivesse a cara do Gary Cooper. Um diploma da faculdade de medicina era a garantia de entrada na classe média, o máximo das aspirações de Guida. E, se Marcos virasse um pouquinho o rosto, o nariz ficava igualzinho ao do Gary Cooper.

Com o tempo foi inevitável para Marcos revelar as anomalias de seu passado, do tipo *Sim, meu coração, eu conheço Portugal. Passei por Lisboa*

algumas vezes, a caminho de Paris. Ou Nas férias de julho, eu ia para a fazenda em Valença, porque era mais perto que a de Resende. Ou Meu pai mexe com política. Mas esse é um assunto muito complicado para uma moça tão linda quanto você.

Guida foi entendendo que aquele não era um rapaz de berço, mas um rapaz de berço de ouro. E ficou feliz, pensando nos filhos em berços de ouro, e ficou preocupada, achando que a família dele não ia gostar dela. Depois ficou muito preocupada, achando que esse Marcos queria se aproveitar dela para depois se casar com alguém que tivesse mais direito ao tal berço de ouro. Decidiu restringir os contatos com o moço. As mãos do namorado só tinham permissão para tocar as mãos de Guida. Seus lábios podiam se roçar, mas só uma vez por semana, e nada que estivesse por trás dos lábios estava autorizado a sair de outro modo que não fosse para formar palavras. O resto do corpo era para se admirar de longe, e Guida sabia se fazer admirar. Emoldurava os dentes separados com lábios entreabertos, alongava as coxas ao cruzar as pernas e escondia a barriga ao andar de tronco ereto.

Os dois saíam por aí com ela à frente. “Hoje veremos este filme, depois vamos até a Colombo.” Ficavam em casa com ela pautando assuntos. “Olha o penteado desta moça na revista, você acha que meu cabelo ficaria bom assim?”

Sim. Tudo para Marcos era sim. Até que, depois de três meses de idas ao cinema e conversas na sala (a essa altura d. Ana teve que arranjar uns bordadinhos para fazer, porque não havia mais meias para cerzir), Guida achou que era hora de expandir os domínios da relação, e que as conquistas territoriais deveriam ser feitas lá para as bandas de Botafogo. Fez a pergunta que Marcos temia.

“Quando é que eu vou conhecer seus pais?”

“Olha, veja bem, meu coração”, disse Marcos. “Veja bem. É que meu pai está viajando.”

“Mas por que ele está viajando, se trabalha no gabinete do senhor prefeito, e esse é o prefeito do Rio de Janeiro?”

“É que há assuntos no interior para tratar. Coisas que você não entende, meu amor. Esse é um assunto muito complicado para uma moça tão linda quanto você.”

No sábado seguinte Guida perguntou se “os assuntos do interior” já tinham sido resolvidos.

“Ainda não, meu coração. Talvez pra semana que vem.”

No sábado da semana que veio Guida perguntou se “os assuntos do interior” tinham sido resolvidos.

Olhando a namorada de braços cruzados e beijo inédito Marcos achou que era hora de resolver os “assuntos do interior”. Mas ainda não estava preparado para apresentar Guida à família.

“Pobre mamãe. Está com angina.”

A angina da d. Mariana durou mais quatro semanas. Temendo nunca mais ver a namorada sem os braços cruzados ou, pior ainda, temendo nunca mais vez os braços da namorada, Marcos se rendeu.

“Sábado que vem vamos almoçar na minha casa, meu coração.”

Guida interrompeu o relato com a chegada de Maria das Dores na sala, com um bule de café e prato com sequilhos. Aceitou uma xícara e recostou-se no sofá.

“Você se lembra da semana que fui na casa do Marcos pela primeira vez?”

Eurídice tomou um gole de café, pensando um pouco antes de responder.

“Foi logo depois daquela briga que tivemos, não? Não tenho certeza. Você não falava mais comigo, Guida.”

“É, eu sei. A gente deixou de conversar. Mas era difícil pra mim, Eurídice. Eu estava muito envolvida com o Marcos, muito preocupada com esse negócio dele não me apresentar aos pais dele, e... Francisco?”

Guida se virou para o menino que tinha ao lado, entretido com uma revista em quadrinhos.

“Por que você não vai brincar no jardim?”

“Não quero.”

“Vai ser bom para você, Francisco. Vai brincar no jardim.”

“Não quero.”

“Vai para o jardim, Francisco”, ordenou Guida.

“Não vou.”

“Vai.”

“Não vou.”

Guida começou a torcer as mãos. Eurídice intercedeu.

“Será que você quer assistir à TV?”

O menino assentiu com a cabeça. Eurídice ligou o aparelho, Chico se sentou no chão de pernas cruzadas. Guida mostrou certo alívio, mas continuou torcendo as mãos.

“Então. Eu nunca te contei sobre esse almoço. Ah, Eurídice, foi nesse almoço que a minha vida começou a desandar.”

Naquele sábado Guida chegou no endereço de Marcos com vestido novo e broche de flor na lapela. Chapéu azul de feltro e bolsa a tiracolo. Brincos de argolas que imitavam ouro, e o colar de ouro legítimo com a medalha de Nossa Senhora. Primeiro ela apareceu no portão, e depois de se apresentar ao porteiro foi autorizada a seguir até a entrada principal. Então teve que falar com o mordomo, e foi autorizada a ir para uma salinha à direita. Ali ela falou com a copeira, e depois de dizer que não queria um café pôde enfim ficar quietinha, esperando Marcos chegar.

Os passos vieram de longe.

“Oi, meu coração.”

Marcos beijou Guida no rosto e a levou até o Salão Azul, onde a família estava reunida enquanto esperava o almoço ser servido no Salão Amarelo.

Guida aprendeu muito naquela tarde. Aprendeu que um colar de ouro com a imagem de Nossa Senhora pode se transformar em latão, se vista pelos olhos agourentos de três mocinhas elegantes. Aprendeu que é possível conversar com uma pessoa por meia hora sem que essa pessoa absorva o que foi dito, como aconteceu quando conversou com a mãe do Marcos. A mãe do Marcos só sabia falar de si, e não parava de repetir que tinha sido A Mulher Mais Desejada dos Salões do Rio, no tempo que o Rio tinha salões, e que a rua Dona Mariana era uma homenagem à avó dela, Mariana Gonçalves Moraes, e que ela tinha sido a mecenas do teatro brasileiro por muitos anos, mas agora estava mais interessada em patrocinar esses novos moços da natação. Guida também aprendeu que é possível conversar com outra pessoa por meia hora sem que essa pessoa absorva o que foi dito, como aconteceu quando conversou com o pai de Marcos. Dessa vez nada foi absorvido porque nada do que ela falava importava, o

que podia ser visto pelos olhos rasos daquele homem estranho. Aprendeu que um bife pode demorar muito para ser comido, e que mesmo uma sobremesa como profiteroles pode perder o sabor. Aprendeu muito sobre Marcos, que também parecia visita no meio daquela gente, e sobre os irmãos de Marcos, que concentraram seus olhares na medalhinha de Nossa Senhora, não porque fossem devotos, mas porque a medalhinha se encontrava no único lugar em que gostariam de estar.

Quando Guida foi encaminhada do Salão Amarelo para o Salão Azul, do Salão Azul para a salinha da entrada, da salinha da entrada para o hall, do hall para a porta da casa, e da porta da casa para a saída ela sabia que nunca mais veria aberto o imenso portão de ferro que se fechava atrás. Ficou aliviada.

Marcos estava a seu lado. Caminharam de mãos dadas e em silêncio até o ponto do bonde. Quanto mais se afastava da mansão mais Guida sentia a raiva se formar em seu peito. Raiva por ter sido tratada como carne de segunda por aquelas aberrações em formato de gente. A família de Marcos emanava o clichê do “você sabe com quem está falando?”, mas eram eles que não sabiam com quem estavam falando. Aquela era Guida Gusmão, a mulher que nunca olhou para baixo. Guida Gusmão, que não sabia o que era fracasso, e que alimentava suas forças com as dificuldades de seu caminho. Um pouco antes do bonde chegar ela apertou a mão do namorado:

“Marcos, eu vou tirar você deste lugar.”

Casaram-se dois meses depois, assinando os papéis em frente a um juiz de paz. Guida usava um vestido simples de linho e tinha nas mãos um buquê de flores de laranjeira. Depois do casamento voltaram para a casinha que alugaram em Vila Isabel, e só então Marcos foi autorizado a dormir no quarto com Guida.

Como os pais de Marcos jamais autorizariam o casamento e os pais de Guida não aceitariam um noivo que viesse pela metade, sem o consentimento da família, Guida achou que os dois podiam se casar por conta própria, e morar num lugar longe de Santa Teresa e de Botafogo. Marcos tinha umas economias e poderia pagar pelo aluguel até se formar em medicina, o que aconteceria em alguns meses. Com o diploma na

mão, ele abriria um consultório. Assim que estivessem estabilizados — casinha montada, consultório funcionando, gente doente sendo atendida e pagando as contas da nova vida — Guida voltaria a procurar pelos pais, para explicar por que o casamento foi realizado às escondidas. A família de Marcos e Guida se estenderia então à d. Ana, seu Manuel e Eurídice.

“Eu não queria passar tanto tempo sem ver vocês.”

Eurídice olhava para a irmã, fascinada. Fazia tempo que ela não se interessava tanto por alguma coisa, ou alguém.

“Mas Guida, você não apareceu.”

Guida olhou para baixo, enquanto limpava os farelos de sequilho na mesa de centro.

“Sabe aquela brincadeira de rabo de burro?”

“Quê?”

“Aquela brincadeira de rabo de burro. Quando a gente tapa o olho da criança e diz que ela tem que colocar o rabo no burro. Aquela que a gente fazia nas quermesses da igreja.”

“Sim.”

“A vida é como essa brincadeira, Eurídice. Às vezes a gente acha que está fazendo tudo certo, mas quando se dá conta descobre que estava com os olhos tapados e não consegue acertar de jeito nenhum.”

7.

Aqueles foram os meses do felizes para sempre da vida de Guida. Ela estava casada com o homem que amava. Morava em uma casa que não era grande nem pequena, era só perfeita. Podia passar o dia lendo revistas femininas e a tarde se pondo bonita para o marido. Ninguém batia no banheiro quando se demorava, ou implicava com seu silêncio quando se calava, ou mandava ela passar duas horas no caixa da quitanda. Às vezes ela chamava uma ou outra vizinha para um café, e trocavam receitas de bolo, dicas de limpeza e de cuidados pessoais. Saudades dos pais e da irmã ela sentia, mas convencia-se de que os veria em breve. Era questão de tempo para Marcos se estabilizar no consultório e ela reaparecer vitoriosa em Santa Teresa, com aliança de ouro no dedo e marido médico nas mãos.

Marcos também era um outro homem. Ou melhor, outro homem ele era antes. Agora ele podia ser ele mesmo. Não precisava mais ouvir a mãe vender as qualidades das primas Emengarda, Maria Ester ou Isaltina, que ele não conhecia muito bem, pois nos tempos em que passavam as férias juntos na fazenda essas primas eram como lagartas antes de entrar em casulos, “não sendo possível vislumbrar as belas espécimes femininas que iriam se tornar”. Não tinha o pai pressionando-o sobre o curso de medicina, por ter ouvido de fontes fidedignas a respeito do questionável desempenho do filho, mas que tudo poderia se ajeitar, “porque o diretor do curso era um amigo de muitos anos”. Não tinha que se desviar das cunhadas, versadas nas artes de camuflar os olhares obscenos. Não tinha que evitar os irmãos, que tentavam reproduzir na vida adulta as torturas que infligiram a Marcos na infância, quando o trancavam no baú do quarto dos pais, às vezes com alguma barata. Livre de todas as pressões familiares Marcos conseguiu se sentir confortável. Era como se só agora tivesse aprendido a respirar.

Naquele final de novembro Marcos se formou pela Academia Nacional de Medicina e alugou um consultório num dos prédios recém-construídos da avenida Presidente Vargas. Mandou fazer uma placa com os dizeres *Marcos Godoy — Clínico Geral*. Encomendou cinco sobretudos brancos, com as iniciais M.G. bordadas sobre o bolso direito. Atendia de segunda a quinta, das nove às cinco da tarde. Às sextas não atendia, porque aqueles primeiros tempos ainda eram os de lua de mel, e só dois dias e sete noites por semana não eram suficientes para apagar e reacender os fogos daquele casal.

Depois de alguns meses de prática do dr. Marcos a felicidade deixou de ser eterna para se tornar relativa. O consultório, que antes continha pessoas em pé na sala de espera, recebia agora só um ou outro paciente por dia. E isso nos dias bons. Nos dias ruins era só Marcos com ele mesmo. O jovem doutor passava as tardes rabiscando jogos da velha em um caderno, tentando ganhar dele mesmo.

A verdade é que Marcos estava mais para curandeiro que para clínico geral. Apesar de negar a família o rapaz continha a soberba de sua casta. Pensou que podia fazer com a faculdade o que seus ancestrais fizeram com o Brasil: achou que o dinheiro compraria o diploma e que a arrogância lhe traria o conhecimento. Por muito menos seus avôs e bisavôs foram feitos barões e latifundiários. Formar-se em medicina seria a concretização de um desejo, e para os Monteiro Godoy os desejos se realizavam com um pirlimpimpim, seguido de vastas somas em dinheiro que compravam bens e pessoas, e uns facões, espingardas e açoites, usados para acelerar o processo de aquisição.

Marcos estava certo: o dinheiro comprou seu diploma. Ele financiou um colega meio mulato e meio pobre para assinar a folha de ponto das aulas de anatomia. Era também esse meio mulato que fazia as provas de Marcos, num sofisticado esquema de troca de papéis que se dava nos fundos da sala de exames na Praia Vermelha. Não tinha como dar errado. Esse meio mulato era muito capaz. Tão capaz que depois de se formar montou consultório e trabalhou nos melhores hospitais do Rio, deixando de ser ao longo da vida um meio mulato para se tornar um quase branco. Marcos compareceu a algumas aulas teóricas, embora os trabalhos fossem feitos nas coxas. Era nas coxas que ele apoiava o caderno, por usar o tempo

sentado no bonde para os assuntos de faculdade, e o resto do tempo para os assuntos da namorada.

Marcos conseguiu o diploma, mas não houve pirlimpimpim capaz de lhe trazer sabedoria. Quando casos complicados começaram a aparecer no consultório ele não sabia o que fazer. A senhorinha chegava com dor de estômago e voltava para casa com uma receita de penicilina. Chegava com varizes e levava uma receita de penicilina. Aparecia gripada e Marcos receitava penicilina. Febre escarlatina? Penicilina. Caxumba? Penicilina. Trombose? Penicilina. E repouso, e elixir paregórico, que Marcos não sabia direito para que servia, mas que mal não podia fazer.

Receitar penicilina nem era assim tão errado, porque o antibiótico curava metade das doenças da época. O problema era a outra metade. Doenças em que a penicilina sequer fazia cosquinhas. Nesses casos os pacientes tinham que se curar através de orações ou anticorpos. A senhorona da trombose rezou muito, mas perdeu uma perna. A senhorinha da dor de estômago tinha muitos anticorpos, mas ganhou uma úlcera. Antes de terem seus destinos marcados pela desgraça elas faziam uma última consulta ao dr. Marcos, que colocava a mão no queixo, levantava o indicador e dizia, “Acho que agora só temos que acertar a dose de penicilina”.

A única coisa que manteve Marcos no consultório por tanto tempo foram os dotes físicos herdados do agora obscuro ator de teatro que frequentou a cama de sua mãe. Pois como um homem tão alto, de olhos tão claros, de pele tão alva e modos tão refinados poderia fazer alguma lambança com seus pacientes?

Pouco a pouco as notícias do médico lambão foram ganhando as bocas e os ouvidos das donas de casa cariocas. O disse me disse esvaziou a sala de espera de Marcos, que a essa altura riscava tão forte as grades do jogo da velha, e por tanto tempo, que as folhas adquiriram furos por baixo das linhas. Apagava as luzes do consultório pouco depois das quatro da tarde, chegava em casa cabisbaixo, e não ficava mais tão feliz ao ver a mulher sorrindo no portão.

“Tem rosbife para o jantar, meu amor.”

Algumas semanas depois Marcos anunciou que tinham que se mudar.

“Vamos para Piedade, meu coração. É mais tranquilo, você vai gostar.”

A mudança no meio da noite deixou Guida desconfiada. “É que a caminhonete não podia vir outra hora, meu coração.” A promessa de um lugar tranquilo também fez Guida desconfiar. Tranquilidade, ali? Só se Marcos entendesse como tranquilidade o alívio que sentiam depois que o trem passava na frente de casa

A essa altura o convívio do casal não estava tão agradável. Acostumado a viver entre pérgolas e mármore de Carrara, Marcos estendeu os limites de sua resiliência ao alugar a casinha de Vila Isabel. Era pequena, era singela, mas tinha tudo o que precisava, que era a Guida em decotes e lingerie. Mas, depois que se mudaram para Piedade Marcos passou a ver o entorno com olhos de escritor naturalista, e mesmo Guida cheirosa e macia não conseguia atuar como filtro. A eterna goteira no único banheiro marcava com ferrugem a louça branca da pia, os cantos do teto úmidos e manchados de mofo, as tábuas do chão descascando de tão velhas. As marcas de quadros antigos na parede branca da sala, a cozinha tão pequena com ladrilhos faltando no chão.

Pior do que a casa eram os arredores. Moravam de frente para os trilhos do trem e ao lado de um aviário. Era abrir a janela e ver entrar a poeira dos vagões e o cheiro das galinhas; era fechar a janela e ter o peito sufocado pelo calor. Os mosquitos eram tantos e tão famintos que agora Marcos tinha que dormir com o travesseiro sobre o rosto, não sendo mais possível aproveitar o lusco-fusco da noite para admirar os contornos de Guida. Havia também os galos de briga criados pelo vizinho, que começavam a cacarejar às cinco da manhã, e os cacarejos acordavam as galinhas do aviário, que cacarejavam ainda mais, e aquele era um cocoricó dos demônios, capaz de fazer qualquer um querer pegar o facão para resolver a situação no sangue.

Alguns meses depois Marcos anunciou a mudança de consultório.

“É uma sala em um prédio novo na praça Saez Peña. Tudo de primeira qualidade, ali não vão me faltar clientes.”

Guida assentiu calada, enquanto servia a sopa de grão-de-bico que tomavam quase todas as noites, com três rodela de chouriço — duas para o Marcos, uma para ela. O dinheiro que o marido deixava estava minguando. A sorte é que Guida foi criada por imigrantes portugueses e aprendeu a fazer das tripas um jantar honesto, e a fazer das sobras um almoço farto. Mas algo não estava certo. Como que ela, mulher de um

médico, tinha que contar moedas na hora das compras, enquanto a vizinha do fim da rua, mulher de um pai de santo, comia carne cinco vezes na semana?

A bonança no consultório da praça Saez Peña também teve dias contados. Depois, eram incontáveis os dias em que Marcos ficou sem pacientes. Voltava para casa afundado no assento de trem, pensando nessa realidade esquisita que não podia ser comprada. E, mesmo que pudesse ser comprada, ele não tinha dinheiro para pagar.

A epifania veio em meados de abril, e foi causada pelos mosquitos. As chuvas de março acumuladas nos vasos de planta aumentaram os criadouros de pernilongos e borrachudos. Eram tantos e tão agressivos que sequer respeitavam as espirais contra insetos espalhadas pela casa. Os mosquitos se concentravam em torno dos ouvidos de Guida e Marcos, que se batiam e chacoalhavam, tentando se livrar do incômodo. Numa noite Marcos pensou que um mosquito havia entrado em sua cabeça — o zum-zum-zum parecia vir de dentro para fora. Passou horas no escuro dando tabefes na própria orelha.

Levantou-se às três da manhã, sem saber se tinha dormido ou não. Teve a sensação de acordar de um sono ruim mas de ainda estar dormindo, porque tudo à sua volta fazia parte do pesadelo. Marcos era lento, mas naquele momento foi capaz de processar várias informações. A casa que de tão velha parecia abandonada, os insuportáveis jantares de sopa de grão-de-bico, as galinhas e galos e insetos que lhe invadiram a vida, o barulho do trem que passava para o Centro antes mesmo do amanhecer, aquele advogado inconveniente que lhe procurou dizendo que por culpa dele sua cliente tinha perdido uma perna (*O que aquele senhor estava pensando? Que tinha meios de fabricar um membro?*); e, mais recentemente, uma Guida com mãos na cintura, desconfiada de tudo, reclamando o tempo todo com uma única pergunta por trás de cada reclamação: “Por que a nossa vida tem que ser tão frugal?”.

A imagem de Guida na cama não foi suficiente para livrar Marcos do pesadelo. O dinheiro comprava felicidade sim, porque felicidade era um quarto sem mosquitos, mesmo que esse quarto ficasse em um palacete macabro em Botafogo. Marcos levantou-se, vestiu a roupa que estava sobre a cadeira e saiu em seguida, deixando um recado para a mulher na mesinha ao lado da porta.

O recado era a aliança de casamento.

“E foi isso o que este homem me fez, Eurídice. Ele me deixou ali, abandonada à própria sorte.”

Ai que aquela história estava melhor que radionovela, Das Dores pensava, ouvindo tudo por trás da porta da cozinha.

Guida sabia que Marcos estava indo embora quando ele se levantou naquela noite. Ela estava acordada, e permaneceu quietinha, de olhos semiabertos. Não adiantava conter o marido. Fazia meses que ela perdia Marcos, aquele era o final de um movimento iniciado com a constante decadência material do casamento. *Deixa estar*, ela pensou. *O que vai, volta. Dou menos de duas semanas para ele estar aqui de joelhos, jurando por Deus e a mim que isso nunca mais vai acontecer, implorando para ser aceito de volta nesta casinha cheia de bichos mas sem nenhum dos fantasmas daquele mundo velho de Botafogo.*

Quando as duas semanas se passaram e Marcos não voltou, Guida começou a achar que não sabia assim de tantas coisas. O que ela sabia, no entanto, era que estava grávida. A moça passava os dias enjoada, alimentando-se de broas de milho com pimenta malagueta, e pensando que precisava avisar a Marcos que ele seria pai. Assim que se sentiu um pouco melhor foi procurá-lo no consultório.

Saiu de casa de salto alto e vestido rodado. Flor na lapela e batom vermelho, para ressaltar os lábios ao dizer *volta com a gente, Marcos*. Chegou no prédio da praça Saez Peña e perguntou pelo dr. Marcos Godoy.

“Ele não trabalha mais aqui”, disse o porteiro.

“Não pode ser, moço. É um senhor alto, com um jaleco branco. Médico. Os olhos são claros.”

“Esse mesmo, senhora. De vez em quando vem gente procurar por ele. Outro dia foi um advogado, e teve uma senhorinha muito indignada, com a filha usando um tapa-olho.”

Guida sentiu o peito latejar. Pegou o bonde até Botafogo, apenas para ser barrada no portão do palacete e ouvir que nenhum Marcos tinha aparecido ali. Depois foi até a prefeitura, perguntou pelo gabinete do

senhor prefeito e esperou por duas horas, até receber de uma secretária a notícia de que o sr. Godoy não sabia do paradeiro do filho.

Já estava escurecendo quando pegou o trem de volta a Piedade. Contou o dinheiro que guardavam para emergências dentro do pote de mantimentos e calculou que seria suficiente para os próximos dois meses. Avaliou os bens da casa, pensando no que poderia vender. A aliança de Marcos seria a primeira a ser empenhada. Marcos também tinha uns sapatos e calças muito bons, que deveriam valer algo. Terminadas as contas ela teve um desejo muito grande de encerar o chão e limpar o banheiro. Passou óleo de peroba sobre os móveis e tirou com a vassoura as teias de aranha dos cantos da sala. Bateu a poeira do tapete e limpou os vidros com jornal velho. Trocou a roupa de cama, lavou os lençóis e pendurou-os no varal. Pôs os panos de prato de molho e areou as panelas de alumínio. Picou cebola para refogar o arroz, fritou dois ovos no azeite e sentou-se para fazer a primeira refeição em dias.

Depois de arrumar a cozinha Guida sentou-se no sofá e ficou acariciando a medalha de Nossa Senhora no peito. Quem disse que não podia ter aquele filho sozinha? Ela poderia atrasar o aluguel e fugir sem pagar, mudando-se de madrugada para um lugar em que fosse desconhecida. Manter as aparências e a aliança no dedo, anunciar aos vizinhos que era viúva e que buscava um emprego. Precisava conseguir trabalho antes que a barriga ficasse aparente. Quando o empregador descobrisse a gravidez seria tarde demais, e não teria coragem de demiti-la. Depois do parto ela encontraria alguém para ajudar com o bebê e voltaria a trabalhar.

Ia dar certo, pensou. Ela era capaz de fazer tudo isso, ai de quem dissesse que não. Apagou o abajur e levantou-se para ir dormir, talvez rápido demais. Sentiu a cabeça girar e desabou no sofá.

Não, aquilo jamais daria certo. Que ideia estapafúrdia. Como é que eu vou fingir que sou viúva? E quem me daria emprego? E, mesmo se conseguisse um emprego, como poderia mantê-lo após dar à luz? Eu digo, olhe, seu chefe, preciso ficar uns tempos em casa, quem sabe uns três meses, e o senhor por favor continue pagando o meu salário e me espere voltar. E com quem o bebê ficaria? Como se houvesse no mundo um lugar em que as mulheres pudessem deixar seus filhos pelas manhãs e buscá-los depois do trabalho!

Não fazia sentido. O que fazia sentido era procurar pelos pais. Mandar o orgulho às favas, contar o que houve e pedir para ser aceita de volta.

No dia seguinte Guida se arrumou novamente para sair, mas sem salto alto ou batom vermelho. Pegou o trem, o ônibus e o bonde que subia Santa Teresa. Na medida em que se aproximava da casa dos pais aumentava a vontade de deixar de ser mãe para voltar a ser filha. Queria caber de novo no colo da d. Ana, queria receber carinhos e dormir sonos de criança que sabe que o dia seguinte vai ser tão bom quanto o que passou. Queria acordar novamente com o pai encostando em seu ombro, queria tomar mingau morno com Eurídice, todos os dias pela manhã.

Ela ainda estava dentro do bonde quando avistou a quitanda, e os olhos de seu Manuel. A mãe e a irmã deviam estar em casa, preparando o almoço. Pai e filha se encaravam enquanto ela se aproximava. Seu Manuel baixou o rosto quando Guida entrou na quitanda.

“Pai?”

...

“Pai?”

...

“Sou eu, pai. Sua filha Guida.”

Seu Manuel não levantou a cabeça, e só deixou de cerrar os dentes para pôr fim à situação.

“Só tenho uma filha. Ela se chama Eurídice.”

Guida se mudou para o Estácio no meio da madrugada. Estava de negro quando abriu a janela da quitinete pela manhã. Apresentou-se para a vizinha do lado como Guida Gusmão, viúva e sem família, vinda de Poços de Caldas. Disse para a vizinha da frente que estava procurando emprego.

“Se souber de algo te aviso”, disse a vizinha.

Depois do almoço saiu para conhecer a área. Havia um armazém e uma padaria. Dois bares e algumas lojas de quinquilharias. *Posso trabalhar em uma delas*, pensou. De tardinha foi tomada por um cansaço imenso. Voltou para casa e enfiou-se embaixo dos lençóis.

Aquela mudança, a busca por um emprego aos dois meses de gravidez, tudo aquilo continuava sendo uma ideia estapafúrdia. O que ela tinha que fazer era se livrar daquele bebê. Sim, era isso. Guida foi até a cozinha,

ferveu alguns paus de canela e derramou o líquido marrom na xícara. Era tomar o chá e ter um aborto. Depois seria vida nova, e mesmo se essa nova vida não fosse assim tão boa Guida sabia que um dia ia melhorar.

O chá estava quente, Guida esperou esfriar. Quando esfriou achou que ainda estava um pouquinho quente, melhor esperar mais. Depois o chá ficou frio, frio demais. Segurava a xícara com as duas mãos, olhava fixo para o líquido. Sentiu novamente o cansaço e a urgência em dormir. *Amanhã eu penso nisso. Amanhã.*

No dia seguinte Guida perguntou se precisavam de ajuda no armazém.

“Você tem experiência?”

“Meu finado marido tinha uma quitanda, que se perdeu por dívidas.”

“Sabe mexer no caixa?”

“Sei sim senhor.”

Seu Zé disse o salário, Guida disse tudo bem. Era bom para os negócios ter moça bonita no caixa, era bom para Guida poder pagar as contas.

Nos meses seguintes a moça bonita foi engordando, seu Zé fez que não notou, até Guida chamar o chefe no canto e contar entre lágrimas que o marido a tinha deixado naquela condição antes de falecer. As lágrimas amoleceram o coração do seu Zé, que disse, “Pois muito bem, filha, continue no seu trabalho, depois a gente vê o que faz”.

Guida já sabia o que fazer. Ia entregar a criança para adoção. Não era uma ideia estapafúrdia, era a única forma de continuar sua vida. A barriga crescia e Guida nem olhava para baixo. A barriga mexia e Guida fingia que não era com ela. Quando o pezinho daquela coisa chutava sua costela, Guida avisava: “É daqui pro hospital e do hospital pro orfanato”.

A primeira parte do plano funcionou sem imprevistos. Guida sentiu as dores do parto num domingo de manhã, e como pareciam suportáveis achou que podia caminhar até o hospital. Chegou na praça da Cruz Vermelha sem conseguir fechar as pernas. Foi levada por desconhecidos até a entrada do hospital. Não lembra direito o que aconteceu em seguida, mas teve a impressão de ter passado duas horas (ou quatro, ou seis) sentada sozinha no fundo de um corredor (ou seria um salão?). Arqueava o corpo nos momentos insuportáveis, até sentir uma dor que extrapolou o insuportável. Olhou para baixo, viu a cabeça do filho. Apareceram enfermeiras, foi levada para a sala de parto. Lembra de ter dado mais gritos e de seguir ordens de pessoas que não sabiam seu nome. Um choro de

bebê, o chão imundo, sangue que parecia brotar de roupas brancas, gente indo e vindo como se aquela fosse a rua da Quitanda. Alguém a colocou numa maca (ou numa cadeira de rodas?), ela reapareceu num quarto. E depois, quando finalmente pensou que descansaria sobre a roupa de cama que continha cabelos e manchas recentes de outra mulher, entregaram-lhe um pacotinho branco.

“Não quero este bebê aqui.”

“Estamos com falta de berços no hospital.”

A Guida de outros tempos acharia um acinte ter que passar a noite ao lado de um câncer que acabara de extrair. Mas aquela Guida era capaz de preferir a morte se tivesse que fazer força para respirar. Ajeitou-se de lado e tentou pegar no sono, mas foi só fechar os olhos para abri-los em desespero. *O pacotinho vai cair!* Virou-se para abraçar o bebê. Se antes ela queria perder o filho, agora podia perder tudo, menos o filho. Guida aninhou o bebê entre os seios e sentiu-se em paz. *Que bom que você está aqui, Francisco.*

Ela nunca mais estaria sozinha.

8.

Quando Guida voltou para casa encontrou na porta uma sacola com roupinhas e fraldas de pano. Um bercinho apareceu não se sabe de onde, e chupeta, mamadeiras e um chocalho. No Estácio daqueles tempos um filho de mãe solteira ganhava o bairro como padrinho. Guida não tinha sido a primeira a aparecer sozinha, inventando uma história estapafúrdia. Eram muitas as mocinhas defloradas e perdidas, muitas que mudavam de status de um dia para o outro, por causa de um deslize.

Todo mundo que podia ajudava, e num caso como aquele todo mundo podia, e ajudava. A vizinha da frente mandou uma panela com canjica (“é bom pro leite”). A do lado disse que podia lavar as roupas (“você ainda está fraquinha”). Outra vizinha trouxe uma colcha de crochê e sapatinhos vermelhos (“para dar sorte”). Perguntou se Guida conhecia Filomena.

“Filomena?”

Sim, Filomena. Filomena tinha sido a prostituta mais requisitada do Estácio. Não era a mais bonita ou a mais versada, mas tinha um sorriso tão bom que os homens gostavam de descansar em seu peito. Até o sorriso ir embora, junto com os dentes careados. E a sífilis chegar, junto com marcas no rosto. Perdeu todos os clientes, e só não passou fome porque o bairro retribuiu as refeições e pousos que recebeu dela nos dias fartos da zona. Para Filomena dinheiro era como o ar que a gente respira — uma hora entra, uma hora sai.

Não estava em seus planos viver de favor, e por isso começou a cuidar de uma ou outra criança enquanto a mãe trabalhava. Mãe e filho ficavam tão felizes que outras mães apareceram, e mais outras. Filomena tornou-se a babá mais requisitada do Estácio. Sua casa de três cômodos recebia crianças dia e noite.

“Mais que sete por vez eu não cuido”, dizia, quando a mãe de um oitavo aparecia na porta. “Tente a Maria da Penha. Ou a Efigênia.”

A mãe fazia um muxoxo e perguntava quando teria vaga.

“Quando estes forem pra escola eu aviso. Bote seu nome ali no caderninho.”

A mãe colocava o nome, embaixo de outros tantos.

Aquela mulher tinha métodos inéditos de disciplina, que não envolviam surras. E tinha uma voz de sereia, capaz de fazer todo mundo obedecer. Na hora da sesta as crianças só queriam dormir com ela. Filomena abraçava um pela direita, outro pela esquerda, botava um terceiro por cima, ajeitava mais um pelos lados e iam todos juntos para a cama, com a mulher presa numa teia de crianças. Andava pela casa com uma cauda de meninos, que ninguém queria ficar longe da cuidadora.

As prostitutas, operárias e funcionárias do comércio não se importavam em ter uma mulher tão estragada cuidando dos filhos. As crianças pediam para ver a cuidadora, e protestavam na hora de ir embora.

“Chore não, Paulinho, que amanhã você está de volta”, dizia Filomena, se desgarrando de um lourinho.

Ninguém nunca tinha visto Filomena triste, ou mal-humorada. Sorria muito e gargalhava ainda mais, mesmo quando não tinha nada de muito engraçado acontecendo. Cobria os lábios com as mãos para não assustar os outros, mas quando a coisa era muito boa de rir se esquecia da mão, e eram uns risos que revelavam amídalas e cáries profundas.

Filomena não podia com mãe desamparada, ainda mais uma que nem Guida, tão fraquinha. “É de dar peteleco e ver cair”, ela disse, quando se conheceram. A mulher também tinha uma queda por recém-nascidos. Quando pegava um no colo se lembrava dos oito filhos que teve. Cinco foram encaminhados para a adoção e três foram sufocados pelo companheiro da vez, nos fundos do cortiço.

“São meus anjinhos que estão me esperando no céu”, ela dizia, de sorriso desfalcado e hálito podre.

Filomena disse que Guida podia passar uns tempos na sua casa até se recuperar do parto. Guida aceitou, não só porque se olhasse para os lados não veria ninguém, mas porque aquela mulher lhe trazia uma paz que não sentia há tempos. Era uma paz parecida com a dos anos de solteira, quando cochilava na sala ao som da flauta de Eurídice. Uma paz que só soube definir como tal muito tempo depois, quando lhe faltou.

E foi ali, num quarto da casa de Filomena, ao lado do bercinho branco com barras de ferro, ouvindo o contínuo som das crianças brincando na sala, que Guida conseguiu, finalmente, descansar.

Chico tinha muito da mãe. Parece que também já nasceu sabendo de tudo, ou pelo menos sabendo que tinha que se comportar para conquistar a mãe e Filomena. Aconchegava-se em colos e dormia sonos tranquilos a ponto de fazer qualquer mulher querer levá-lo para casa. Ou a ponto de fazer Filomena não querer que fosse embora. Foi crescendo com o jeito de Guida e os olhos claros do pai, o que incomodava a mãe no começo. Depois o azul dos olhos de Chico deixou de ser o azul dos olhos de Marcos. Tornou-se um azul só do Chico. Era só o filho que Guida via, quando olhava para o menino.

Filomena ensinou Guida a colocar um pedaço de algodão molhado na testa do filho, “para o soluço passar”. Disse que estava proibida de comer feijão, “para não dar cólicas no neném”. Mandou a moça passar três meses enfiada dentro de uma cinta apertada, “porque estava de resguardo mas não estava morta, e hõmi acha que abraça poste quando envolve mulé sem cintura”. O bebê tinha que comer pirão de peixe duas vezes por semana, “pra crescer inteligente”. Era a própria Filomena que escolhia a cabeça de peixe para fazer o pirão do Chico. Chegava na feira na hora da xepa, os feirantes lhe reservavam as melhores partes entre as piores partes dos peixes que iriam para o lixo.

“Achei que você não ia aparecer, Filomena.”

“Pois como não, seu Joel? O meu Chico precisa do seu peixinho. Veja aí o que eu posso levar com estes quinze réis.”

Filomena voltava para casa com o embrulho cheirando a maresia, sorrindo para quem encontrasse no caminho.

Os meses foram passando. Guida já estava serelepe, Chico já se apoiava nas paredes para andar, e cadê de a moça sair da casa da Filomena? Começou a ajudar com as crianças, porque quem cuida de um pode cuidar de dois, ou três, ou quatro. E Filomena aceitou a hóspede permanente, porque quem alimenta um alimenta dois, ou três, ou quatro, ou dez. Guida cancelou o aluguel da quitinete, chamou um burro sem rabo para levar os poucos pertences até a casa de Filomena e pregou na parede em frente ao berço do Chico um quadro com a imagem de Nossa

Senhora Aparecida. Formava-se, assim, um novo núcleo familiar, composto por Chico, suas duas mães e seus muitos irmãos.

Primeiro Guida se recuperou do parto, e depois, do abandono. Quem disse que não podia criar aquele filho sozinha? Pois estava criando, ninguém podia negar. A moça voltou a andar com costas eretas e cabeça alta, usando as estreitas calçadas do Estácio para desfilas seu orgulho.

Tanta segurança deixava os homens atordoados. Guida passava, eles não conseguiam fechar a boca. Aproveitavam os lábios abertos para emendar um convite para sair, que só servia para Guida virar o rosto, fechar os olhos e desconversar.

Ela não queria saber de namoros. O único homem da sua vida era Chico. Quando o menino acordava no meio da noite ia correndo para a cama de Guida, e era tão bom estar junto da mãe que começou a acordar no meio de todas as noites. Depois de meses dormindo abraçada ao menino Guida teve que se fingir dura. “Você já é um homenzinho, tem que dormir na sua cama.” Chico voltou a dormir em sua caminha, e agora era Guida quem acordava de madrugada, por falta de seu menino.

Se havia no mundo uma cara-metade para Guida era Filomena, meio irmã, meio mãe e meio sócia. Guida profissionalizou o trabalho de Filomena, que até então funcionava na base do *pague quando puder*, e por isso na hora de saldarem as contas era um *seja o que Deus quiser*. Aumentou o valor pelos serviços de cuidar e estipulou um horário para a entrada das crianças. Menino doente não podia ir, que era para proteger os outros. Uma vez por semana as mães deviam mandar toalhas limpas para o banho das crianças. E quem aparecesse depois do horário de pegar os filhos pagava um pouco mais.

“Você foi um anjo que apareceu na minha vida”, Filomena dizia, a boca com uns dentes extras que mandou fazer com o dinheiro que entrou.

“O anjo aqui é você, Filomena”, Guida respondia.

Guida e Filomena compraram um rádio GE. Mandaram fazer um novo estofado para o sofá, que o antigo já estava puído. Consertaram o vazamento do banheiro e a goteira no telhado. Pintaram a frente da casa e trocaram o vidro quebrado da janela. Guida decorou seu quarto, escolhendo um papel de parede com listras rosa e flores do campo, igualzinho a um que ela tinha visto no *Jornal das Moças*. As novas cortinas eram de voile azul-claro, a mesma cor escolhida para a colcha de babados.

Comprou uma penteadeira e preencheu a bancada com perfumes da Casa Sloper. Num canto do quarto, destoando da decoração, ficava a caminha do Chico, coberta por uma colcha branca de piquê.

Durante o dia Guida gostava de passar pela porta do quarto para admirar seu trabalho de decoradora e pensar se estava bom daquele jeito, ou se precisava de algo mais. Foi assim que adquiriu os três quadrinhos com tulipas. A escrivaninha para Chico fazer o dever de casa. E decidiu que o toque final viria com almofadas em tons de rosa, para cobrir a cabeceira da cama.

“Almofadas salmão”, disse Guida na porta do quarto, repetindo uma expressão que tinha acabado de ouvir no rádio, porque ela mesma nunca tinha visto um salmão.

No dia seguinte foi às lojas de tecido da rua Buenos Aires. Entrou na maior de todas, ignorou os tecidos da bancada em promoção. Procurou a estante dos tecidos nobres, fez sinal para um vendedor.

“O senhor por favor me veja três metros deste gorgorão de seda em salmão?”, ela disse para o homem que já estava de boca aberta, olhando os dentinhos separados de Guida.

“A senhora quer dizer este rosa-claro?”

“Sim, este rosa-salmão.”

Viu Eurídice ao sair da loja. Uma Eurídice com cara de mulher-feita, mas que mantinha o mesmo ar compenetrado, usado agora para analisar os tecidos da bancada em promoção. Ela conhecia aquele jeito da irmã. Quando Eurídice se dedicava a algo o resto do mundo virava fumaça. Guida podia estar ali, bem pertinho, que também seria vapor. Eurídice olhou tecido por tecido, tirou da bolsa um caderninho para conferir o que pareciam ser medidas e mandou o vendedor cortar meia dúzia de panos.

Guida recostou-se em uma pilastra, sem saber o que fazer. Ela podia ver a marca de catapora que a irmã tinha em uma das têmporas. Podia sentir o cheiro do Leite de Rosas que Eurídice continuava passando no rosto. Podia ver a imagem de Nossa Senhora que a irmã levava no peito, igual à que segurava, naquele momento, também em seu peito. Se estendesse o braço seria capaz de tocar Eurídice. Mas será que deveria tirar a irmã do transe? Era imensa a saudade, mas era maior a vontade de parecer vitoriosa. Seu quarto decorado ainda ficava no Estácio, seu filho continuava sem pai. Suas unhas vermelhas ainda eram usadas para trocar fralda dos filhos dos

outros, e seu sustento vinha da parceria com uma ex-prostituta. Acreditava que um dia isso tudo ia mudar, e que portanto não era hora de abraçar a irmã. Esperou Eurídice pagar pelos tecidos, seguiu-a pelo Centro e sentou-se no último banco do bonde que a irmã pegou.

“E foi assim que eu descobri onde você morava”, disse Guida.

“Quanto tempo faz isso?”

“Não muito. Foi no ano passado. Você estava com um vestido amarelo-claro com listras brancas na barra.”

“Sei qual é. Eu que fiz, o vestido.”

“Você que fez? Quando você aprendeu a costurar?”

“No ano passado mesmo.” Eurídice olhou para a estante que tinha na frente. “Mas agora deixei isso de lado.”

Enquanto Guida se recuperava do abandono Chico crescia, feliz nos primeiros anos, e não tão feliz nos anos seguintes.

Quando era pequeno Chico pensava que todas as outras famílias eram que nem a dele. Todos os meninos tinham duas mães, e todas as mães eram tão doces quanto as suas (mas as suas mães eram as mais doces de todas). Acreditava que teria olhos de super-herói se comesse todas as formigas que apareciam em volta do açucareiro, porque “elas faziam bem pros olhos”. Pensava que quando ganhava um galo na cabeça ia sair um pintinho por trás do calombo. Achava que a chaleira apitava porque estava viva, e que se comesse muito pirulito sua boca ficaria vermelha para sempre. Acreditava que o Capitão América vivia num lugar muito distante, que era aquele que existia atrás do morro.

Cresceu um pouco, e viu que a coisa não era bem assim. Famílias como a dele não existiam. Tinha que ter um pai, como aquele que aparecia nas cartilhas da escola, de terno escuro e cabelo lustroso. Mãe era só uma, e irmãos podiam ser muitos, mas eles não iam e vinham como os dele. Formiga só fazia bem para os olhos quando uma ou outra caía dentro do mingau e Guida tinha preguiça de tirar. O galo da cabeça só doía, embora ele ainda tivesse esperanças de ver sair um pintinho dali. Por que a chaleira apitava ele continuava sem saber, mas ela não estava viva. A sua boca ia mesmo ficar vermelha para sempre se ele comesse muito pirulito, e isso as suas duas mães juravam ser verdade verdadeiríssima. Já o Capitão

América não vivia atrás do morro. O Capitão América vivia num lugar onde só se podia chegar de avião. Quem vivia atrás do morro era o Saci-Pererê.

Chico cresceu um pouco mais, e aos dez anos achou que sabia de tudo. Suas duas mães eram sirigaitas, porque foi isso que ouviu de um colega da escola, que Chico chamou para uma briga, mesmo sem saber o que era sirigaita. Chegou em casa sangrando e levou uma bronca de Guida, que depois se arrependeu e lhe preparou um mingau. Guida estava tão preocupada com a cara inchada do menino que tirou ela mesma as formigas do prato do filho. “É mentira isso das formigas, né mãe?” Ela desconversou. Chico já sabia que não ia sair um pintinho do galo que se formou na testa depois da briga, e sabia que a chaleira apitava por causa do vapor, como aconteceu naquela noite, porque além das feridas ele tinha o peito encatarrado, e Filomena ferveu um pouco de água com extrato de eucalipto. Depois lhe deu um pirulito e nem disse que a sua boca ia ficar vermelha para sempre. E como eram boas as noites em que estava doentinho, porque a mamãe Guida deixava ele dormir com ela na cama, e assim não teria medo dos tantos monstros que existiam atrás do morro, e ele ali, tão indefeso, porque o Capitão América morava muito longe e nunca teria tempo de chegar para salvar a todos.

Apesar dos pirulitos e carinhos e mingaus, Chico foi crescendo meio revoltado por ter uma vida que era boa mas não era a certa. Por ter duas mães tão doces quanto renegadas. Por que aquela mulher tinha trocado de calçada e soltado um cuspe junto com um *marafona* ao ver Filomena na rua? Por que naquele dia na feira chamaram sua mamãe Guida de mulher da vida, e por que sua mamãe ficou muito brava quando ele perguntou qual era o problema em ser uma mulher da vida, já que todas as mulheres eram da vida, e não da morte? Por que Filomena só podia chegar na igreja depois que a missa começava e sair pouco antes de terminar? Tudo errado, ele pensava, e quanto mais sabia sobre o mundo mais raiva ele sentia. Preconceito, pobreza, a falta de um pai, a vida dura das mães, todas essas coisas formavam as duas pontas de um mesmo barbante, que na época ele só sabia que estavam ligadas por intuição.

Quando completou onze anos Chico passou de meio revoltado a revoltado inteiro. Filomena, a sua mamãe Filomena, começou a sentir umas dores no seio, causadas por um imenso calombo. Uma tarde ela

voltou do hospital sem nenhum sorriso, e câncer se tornou uma palavra mais proibida que sirigaita, marafona e mulher da vida. Vendo o desespero nos olhos de Chico, Filomena voltou a sorrir. “Não se preocupe que isso não é nada!” Tentou pegar o menino no colo, mas deu um grito assim que seus corpos se tocaram. A dor no seio era maior que sua capacidade de disfarçá-la.

Guida e Filomena dispensaram metade das crianças que frequentavam a casa. Filomena passava os dias gemendo no quarto, enquanto Guida inventava braços e multiplicava pernas para cuidar das crianças e da amiga. Chico pedia para ajudar e era ignorado pela mãe. “Seu trabalho é estudar e tirar boas notas.” Afundava a cara nos livros e se perdia em histórias. Quando levantava a cabeça achava tudo muito horrível, e sumia de novo, dentro de um livro qualquer.

Aos poucos: foi assim que Filomena se foi. A radioterapia só serviu para deixar seus braços queimados, a cirurgia de mama só serviu para deixá-la fraquinha. O câncer se movia pelos órgãos como bolinha de mercúrio, doutor nenhum conseguia agarrar. Filomena e câncer habitavam o mesmo corpo, mas o câncer ganhava espaço e Filomena perdia. Ela sabia que estava partindo, era só uma questão de tempo. O problema era que o tempo estava demorando para passar.

“Vixe que eu ainda estou aqui!”, Filomena dizia quando acordava de um sono agitado.

Ela tinha metástases na cabeça, nas pernas e entre as costelas. Os médicos não podiam fazer muito além de poupar-lhe da fila na hora do atendimento e dizer palavras de ânimo nas quais não acreditavam.

E a morte não chegava. A mulher nem era mais assim tão mulher, a mulher era um monte de feridas amontoadas em cima da cama, mas a morte teimava em não chegar. De dia ela não falava, de noite ela só gemia, e morte que é bom, nada. Quando Chico estava na escola ela dizia, “Eu quero morrer, eu quero morrer!”. Deus escutava e respondia, “Tá legal, mas hoje não”. E Filomena perguntava, “Se não hoje quando, meu Deus?”. E Deus dizia, “Quando chegar a hora, Filomena, quando chegar a hora”.

Essa era uma hora que nunca chegava. Quem via Filomena na rua numa das idas ao hospital virava o rosto para deixar de ver; quem morava perto tapava os ouvidos para deixar de ouvir. As mães foram tirando seus

filhos dos serviços de cuidar, e no final só restaram na casa Guida, Chico com a cara nos livros e uns trinta por cento de Filomena.

As economias guardadas no pote de mantimentos dariam para sustentá-los por alguns meses na base da sopa de grão-de-bico, mas Guida tinha assuntos mais importantes com que se preocupar.

“Eu quero a injeção, eu quero a injeção”, Filomena pedia entre gemidos.

A dose diária de morfina enviada pelo hospital não estava dando conta de tanto câncer. Guida contou as notas no pote e foi até a farmácia.

“Bom dia, seu João. O senhor poderia me arranjar algumas ampolas de morfina?”

“Morfina? Isso eu não posso fazer, d. Guida. Só com autorização do médico.”

“Eu pago bem, seu João.”

Tentou convencê-lo com o relato da última noite.

“É para a Filomena. Ela se levantou de madrugada e tentou fugir de casa, disse que não ia dar mais tanta tristeza pra gente. Desmaiou no corredor, tivemos que carregá-la até a cama. Acordou delirando, dizendo que tinham fechado o portão no céu, e que podia ver os seus oito filhos do outro lado. E que por mais que gritasse e balançasse as grades ninguém vinha abrir.”

“É uma droga que vicia, a senhora sabe...”

“Quanto custa, seu João? Eu pago o que for.”

A dose extra custou a metade das economias. A segunda dose custou a outra metade. A terceira dose custou o colar com a medalha de Nossa Senhora que Guida nunca tirava do pescoço. A quarta dose custou Guida deitada sobre o tapete dos fundos da farmácia, com seu João resfolegando por cima. A quinta dose custou o mesmo, e a sexta dose não foi necessária. Filomena partiu entre devaneios de morfina, do jeito que Guida queria.

Chegou no céu ainda doidona, e encontrou enfim o portão aberto. A cada passo que dava sentia-se um pouco melhor. Depois de alguns metros estava tão forte quanto a moça que foi aos quinze anos.

“Que linda”, disse um anjo que estava por perto.

“Linda, eu?”, disse Filomena, e o anjo disse “linda sim, você”, e lhe entregou um espelhinho. Filomena viu sua pele perfeita e seus dentes brancos. Ficou tão feliz que deu um beijo no primeiro que viu na frente.

“Isso são modos, Filomena?”

“São modos sim, o senhor sabe que são!”, ela disse, gargalhando.

“Tá certo, Filomena”, disse São Pedro. “Seja bem-vinda. Seus oito anjinhos estão ali na frente te esperando.”

Ele sabia que sim, aqueles eram os modos no céu. São Pedro também riu muito quando chegou e viu sua própria cara limpa. Precisava ver como eram seus dentes na Terra. Ou suas marcas de sífilis

9.

Naqueles últimos dias de câncer Filomena ficou viciada em morfina, e seu João ficou viciado em Guida. Mesmo depois do enterro o dono da farmácia não se cansava de procurar a moça para a finalização de negócios inconclusos nos fundos da loja. Como Guida não precisava mais de injeções de morfina, e precisava de muita paz, as respostas para seu João eram variações de não no começo e ameaças de queixa no final.

“Se o senhor insistir novamente vou até a polícia falar com o delegado.”

“Pois vá. O delegado vai rir na sua cara, é isso o que vai acontecer!” E para reforçar o ponto seu João ria ali mesmo, na cara de Guida.

Guida virava as costas e tentava pensar noutras coisas. Ela era Guida Gusmão, a mulher que só dormia com quem queria, e quando queria.

Depois da morte de Filomena Chico ficou tão revoltado que Guida deixou que, ele sim, dormisse de novo em sua cama. Corpo de mãe é excelente remédio contra raiva. Abraçavam-se sob as cobertas, Guida achando que protegia o filho, o filho achando que protegia a mãe. Guida respirava profundo para Chico pensar que estava dormindo, Chico respirava profundo para Guida pensar que estava dormindo. Adormeciam juntos. Guida acordava em seguida, e voltava a respirar curto.

Não adiantou espalhar pelo bairro que estava recebendo crianças para cuidar. As mães do Estácio tinham conseguido outras cuidadoras, por preços melhores que os exigidos por Guida. O pote dos mantimentos em que guardava o dinheiro não tinha dinheiro nem mantimentos. O fim do mês ia chegar, e o dono da casa em que moravam já estava olhando Guida com uns olhos de muita fome.

Conseguiu trabalho como caixa de um armarinho no Rio Comprido. Era uma loja estreita e escura, que recebia a poeira dos bondes e ônibus que subiam a rua do Bispo. A loja pertencia a uma turca com seios imensos, que ficavam ainda maiores dentro dos vestidos estampados que

usava. D. Amira estava viúva há anos, e para se manter como dona do seu negócio e do seu destino descobriu que tinha que se portar como um homem. Nem mesmo os brincos de pingente e as unhas compridas conseguiam fazer com que ficasse um pouco feminina. Todos no bairro respeitavam seus bons-dias sem um sorriso, a sua boca em formato de arco e o seu total desinteresse por tudo aquilo que não eram agulhas, tesouras e dedais.

A lojinha da rua do Bispo era o latifúndio de d. Amira. Ali ela mandava e desmandava, ou, melhor dizendo, ela mandava e remandava. Minutos de atraso eram descontados do ordenado de Guida. Tempo livre no caixa não podia haver, que Guida tinha que se levantar para passar o espanador na loja. Ou a vassoura, ou o pano úmido por cima dos vidros do mostruário, e o que essa Guida parva estava fazendo com o espanador do outro lado do armarinho? Olhe lá aquela senhora na frente do caixa querendo pagar pelas linhas! Incompetência era uma coisa que deixava d. Amira muito irritada, e como ela precisava de irritações para se sentir viva, Guida passou a ser uma incompetente. “Você é incompetente!”, ela dizia, e Guida acatava.

Guida sabia que a sua incompetência estava ligada à falta de amor na vida de d. Amira, e por isso não ligava. Sabia que o trabalho estava ligado ao bem-estar que daria ao filho, e por isso aceitava. Essa Guida também sabia o principal: era melhor ter uma mulher como chefe do que um homem, mesmo que essa mulher fosse capaz de transformar um armarinho no purgatório, porque era melhor estar no purgatório que nos fundos de uma sala qualquer, embaixo de um patrão.

Além do mais tudo haveria de melhorar no mês seguinte, quando o período de “experiência” de Guida acabaria, e ela poderia finalmente ganhar um salário mínimo e ter a carteira assinada. D. Amira condicionou a contratação de Guida a três meses de avaliação, pagos com apenas a metade do ordenado. Segundo a turma, eram necessários noventa dias para se assegurar de que a moça sabia manejar a caixa registradora. Guida aceitou a condição. Não só porque não havia outras condições a serem aceitas, mas porque essa d. Amira, muito versátil nas artes econômicas, deu a Guida um adiantamento, fazendo com que a moça pudesse pagar o aluguel atrasado e se sentisse desde cedo em dívida com a patroa.

Depois de passar o dia entre mandos e desmandos Guida voltava para casa um pouco apagada, com uma crosta de poeira sobre a pele. Chico estaria na sala lendo um livro, ou no quarto lendo um livro. Mãe e filho jantariam juntos e em silêncio, porque Guida não tinha nada para falar do trabalho, e Chico não queria falar da escola. Faltavam na casa o barulho das crianças e os risos da Filomena. Jantar em silêncio era, de alguma forma, como jantar com Filomena, porque o vazio lembrava aos vivos o espaço que ela ocupou.

Numa noite de julho Chico reclamou de dor de garganta, e Guida lhe preparou um gargarejo. Teve um pouquinho de febre, e Guida lhe deu aspirinas. Alguns dias depois o menino não conseguia sair da cama. Passou a manhã curvado sob os lençóis, se esforçando para não gemer.

Chico estava com febre reumática. Precisava de injeções de Benzetacil, corticoides e remédios para o coração.

“Por quanto tempo é o tratamento, doutor?”, Guida perguntou, torcendo as mãos.

“Até os dezoito anos.”

Continuou torcendo as mãos, como se dali ela pudesse extrair alguns cruzeiros. Guida nunca foi boa em matemática (embora fosse boa em disfarçar os erros de conta no caixa do armarinho), mas nem precisava somar o valor de todos os remédios receitados, multiplicá-los pelos doze meses do ano e pelos sete anos de tratamento para saber que não teria condições de pagar aquilo.

Ou talvez tivesse, talvez tivesse.

Voltou para casa fazendo contas e planos. Além de trabalhar como caixa não sabia fazer muito mais. Guida só entendia de decoração, de cabelos bem-feitos, maquiagem, unhas pintadas. Então... então era isso! Guida podia abrir um salão em casa. Podia trabalhar aos sábados e aos domingos, e clientes não iam faltar. Todas as mulheres do Estácio cobiçavam seus jeitos e trejeitos, e queriam no fundo parecer-se um pouquinho com ela.

Pedi outro adiantamento para d. Amira, que aumentou a boca em arco, mas não recusou. Comprou escovas, bobes, esmaltes, alicate. Botou na sala a penteadeira que ficava no quarto, arrumou as revistas femininas do lado da poltrona e espalhou pelo bairro que sua casa era agora um salão de beleza nos fins de semana.

Guida era mesmo muito boa com as mãos, e com os gostos. Mulheres chegavam um pouco estragadas e saíam consertadíssimas. O dinheiro que entrava era a conta certa para os remédios do Chico. O elixir para o coração custava quatrocentos cruzeiros! O mesmo que dez dias de seu ordenado no armarinho.

Aquele era o último sábado do segundo mês de tratamento do Chico. Guida tinha acabado de apagar as luzes da sala. A última cliente tinha saído havia pouco, e agora ela descansava no escuro, pernas por cima do sofá. Seus pés estavam inchados, as costas doíam muito. Pegou uma das revistas femininas, folheou sem prestar atenção nas páginas. Dentre todas as mãos que tocaram aquelas revistas as suas eram as únicas que continham unhas com esmalte descascado. No dia seguinte as mulheres começariam a chegar às nove, Guida mal teria tempo de varrer a sala, fazer comida e limpar o banheiro. Jogar fora o lixo de cabelos e algodões com esmalte e acetona, arrumar a pilha de revistas, fazer um carinho no Chico e ter a sensação de que tinha apenas piscado os olhos, nas breves horas em que dormia. Sentia-se cansada, mas tranquila.

Estava conseguindo pagar as contas, e era isso o que importava. Levantou-se para pegar os remédios do Chico. Abriu o gabinete do banheiro, onde estava a injeção de Benzetacil que aprendeu a dar no filho e que doía tanto, nos dois. Era uma agulha grossa que passava o líquido espesso, e que deixava o bumbum do Chico doendo por muitos dias. Às vezes o menino não conseguia sair da cama por causa da dor. Os amigos deixaram de chamá-lo para o futebol no terreno ao lado da igreja porque seu bumbum estava sempre doendo, aí se uma bola tocasse ali. Guida colocava uma bolsa de água quente, e não adiantava. Colocava um saco de água fria, e adiantava menos. E fazia massagens, e dava beijinhos, o que adiantava um pouco. Pegou também as pílulas de corticoides e o vidro com o elixir para o coração.

Na saída do banheiro ela tropeçou no tapete e a agulha da injeção entrou pela palma da mão. Deu um grito e soltou os remédios. O vidro com o elixir spatifou-se, formando no chão uma poça vermelho-escura.

Por dois segundos Guida pensou em chamar o filho para lambe o remédio que salvaria a vida dele, e a dela. Ali estavam oito dias de trabalho no salão. Oito dias penteando o cabelo de outras mulheres e pintando unhas que não eram suas. Oito dias mentindo para as clientes — “você está

linda com este penteado”, “que mãos tão longas a senhora tem”. Oito dias no meio de quatro semanas de trabalho tão intenso que Guida tinha deixado de ser um pouco Guida para ser a pecinha de uma engrenagem que ela não sabia para que servia, só sabia que funcionava, e desde que lhe retornassem com um canto para morar, um pouco para comer e a saúde do seu Chico podiam tratá-la como pecinha, que ela não ligava.

Ela poderia ter ficado sentada no vaso do banheiro por meia hora ou hora e meia, lamentando pelo elixir derramado, se não tivesse assuntos mais importantes com que se preocupar. Chico tinha que tomar os remédios no dia seguinte, sem falta. O médico foi estrito: uma única falha no tratamento faria o menino ter problemas crônicos de coração.

Voltou para os fundos da farmácia, e para debaixo do corpo de seu João. Os meses de celibato causaram naquele homem uma crise de abstinência, que se manifestava através dos cuspes que dava em Guida. Era como se nunca tivesse comido melado, porque se lambuzava, lambuzava Guida, e segurava seus braços, a pressão nas mãos dizendo, “O remédio é meu, e pro remédio ser seu você tem que ser minha, e tudo o que é meu está embaixo do meu corpo, e seguro por minhas mãos”.

Guida olhava para o lado com olhos de vidro. Esperou o homem terminar e saiu da farmácia com os medicamentos. A dose da quinzena estava garantida.

Dois dias depois ela bateu na porta de Eurídice.

* * *

Não foi essa exatamente a história que Guida contou para Eurídice. Sentada de pernas cruzadas, tendo para si a atenção da irmã, Guida sentiu o corpo relaxar e ganhou de volta um pouco da autoestima. Na versão contada para a irmã Filomena era uma professora aposentada. “Só mesmo trabalhando com educação pra entender daquele jeito de criança, Eurídice!” Seu João era o santo que ajudou Chico com os medicamentos. “Não sei o que seria de mim se aquele homem não quisesse tanto me agradar!” A parte sobre Marcos é que Guida contou inteira, acrescentando uns salafrários, safardanas e paquidermes pelo meio, contando detalhes que faziam os olhos de Eurídice ganhar o formato de bolas de gude.

“Pois no começo do casamento Marcos me perguntou pra que é que servia coador. Ele nunca tinha visto um coador, Eurídice! Disse que era pra tirar a nata do leite, e ele disse que o leite na casa dele já vinha coado da cozinha. Pode isso, Eurídice, um homem não saber o que é um coador? Marcos nunca tinha cortado uma laranja. Botei umas na mesa depois do almoço e ele cortou a fruta assim pelos lados, nem dava pra comer de barquinho. E só conseguia dormir com uma fronha cobrindo os olhos. Disse que não se acostumava com o sol da manhã batendo perto da cama, porque o quarto de Botafogo tinha cortinas de veludo que tapavam até sol de meio-dia. Um maricas, Eurídice, um maricas.”

Eurídice ficou um pouco aliviada com as histórias da Guida. Era inevitável a comparação com Antenor, que ela sempre soube ser um bom marido. Pelo menos Antenor sabia o que era um coador. Coador era aquele troço que a tia Dalva e a mulher Eurídice usavam na hora de fazer o suco de laranja, para ele não morrer entalado pelos gominhos.

Na parte da história em que entrava d. Amira Guida inventou um pouco mais. Patroa meiguíssima. Quando recebeu o pedido de demissão teve que se sentar para conter o abatimento, e disse, com a mão no peito: “Você é uma filha para mim, ó Guida”.

“Precisava ver como ela chorava! Mas eu disse que estava na hora de eu mudar de vida, e de me dedicar mais à educação do Chico.”

Era exatamente por não ser filha de d. Amira que Guida estava na casa da irmã. Deixou a xícara na mesa e sentou-se na ponta do sofá.

“Pois então, Eurídice. Está na hora de eu me reaproximar do papai e da mamãe. Pensei que poderíamos ir juntas até a casa deles. Talvez o papai não entenda a minha fuga, mas a mamãe, eu sei que a mamãe vai me perdoar.”

Eurídice respondeu de olhos baixos.

“Mamãe morreu no ano passado.”

Guida botou a mão no peito, procurando a medalhinha de Nossa Senhora que nunca mais estaria ali.

Ninguém sabe exatamente o que d. Ana teve. Era uma doença que crescia de forma imperceptível, dia após dia. D. Ana foi ficando cada vez mais encurvada e fraquinha. Até pedaços de bacalhau ela agora deixava

intocados, e olha que antes essa mulher só terminava as refeições com um pão limpando o prato. Quando não estava triste no caixa da quitanda d. Ana estava triste arrumando a casa, ou triste cozinhando, ou triste sendo só triste, olhando o porta-retratos de Guida.

De tempos em tempos ela ia a um médico diferente. É anemia, é falta de vitamina, é falta de cálcio, é falta de minerais, eles diziam. Era falta de Guida, mas isso não estava nos livros, e por isso d. Ana voltava para casa com uma receita de Fosfol e promessas de melhoria. A senhora precisa de um tônico para os nervos, ou para o coração, ou para os músculos, eles diziam. Tônico para esquecer que a filha foi embora não havia, então d. Ana continuava adoecendo, deixando pedaços de bacalhau no prato e olhando para a esquina, em busca do único antídoto que faria a saúde voltar.

Um dia abriu os olhos e achou que não precisava sair da cama. Virou para um lado, virou para o outro e tirou uns cochilos. No dia seguinte abriu os olhos e achou que não precisava virar para os lados. No terceiro dia não abriu os olhos.

Seu Manuel enlouqueceu um pouco com a morte de d. Ana. Como bom português preferiu fazer isso sozinho e contra a parede do quarto, onde bateu a cabeça em desespero nas sete primeiras noites sem a mulher. Ele queria ter cabelos para puxar, mas agora só tinha uns poucos fios por trás das orelhas, penteados para cima para cobrir a careca. Os fios raros lhe eram tão preciosos que achou por bem deixá-los em paz. Ele tinha no peito o mesmo remorso que Guida sentiu quando soube da morte da mãe. Remorso por coisas que nem eram muito sua culpa, como o jeito durão como foi criado, e que dizia que não há nada mais importante do que honra. Foi essa crença que fez seu Manuel renegar a filha, porque era melhor ter uma filha longe e uma mulher morrendo aos poucos do que aceitar a moça pródiga, e transformar a vergonha em algo tangível.

Quando Antenor chegou em casa naquela tarde se deparou com uma cena de novela. Pois essa mulher que ele nunca tinha visto tão linda — mesmo fazendo caretas — se debatia no sofá, enquanto Eurídice a consolava, e Das Dores esperava em pé com um copo de água com açúcar na bandejinha de prata. Cecília e Afonso tinham chegado da escola havia

pouco e também olhavam a cena, que dramas como aquele ninguém podia perder. E tinha o menino gordinho com cara enfezada, que abraçava a moça e balançava com ela, no ritmo do desespero.

Antenor nem ficou muito bravo nem nada, porque pela primeira vez em muito tempo notou interesse nos olhos de Eurídice. Gostou de ver a mulher desperta, mesmo que fosse como coadjuvante de uma cena dramática, e mesmo que essa cena se passasse ali na sua sala, ao lado do rádio de pés palito, que ele tinha esperanças de ver sair intacto da performance.

Achou que podia beijar a testa da mulher outra hora e foi direto para o quarto trocar de roupa e colocar os chinelos. Quando voltou para a sala a moça tinha se acalmado. Ela continuava jogando o corpo para frente e para trás, mas agora chorava baixinho, abraçada pelo menino e por Eurídice.

Quando Guida voltou a si foi apresentada a Antenor. Ela tinha rios de tinta preta que desciam dos olhos, e olhos que não se importavam com isso. “Prazer”, disse Guida; “prazer”, disse Antenor, e mais não se falou. Eurídice levou a irmã e Chico para o quarto de hóspedes, mostrou onde ficava o banheiro e disse que o jantar seria servido em meia hora.

Quando os seis lugares da mesa de jantar de Antenor e Eurídice foram ocupados naquela noite, tudo pareceu natural. Era natural receber os convidados exóticos, e se tornou natural vê-los andando pela casa, primeiro por uns dias, e depois por alguns meses. A rotina de trocas entre Eurídice e Antenor — o bom-dia pela manhã, o sentar-se juntos para o café, o telefonema que ele dava à mulher depois do almoço, o beijo na testa às cinco e meia da tarde, a hora do jantar e o boa-noite ganharam este sentido muito forte e nunca dito: *Minha irmã ficará conosco pelo tempo que precisar. Ela irá embora quando estiver preparada, o que pode acontecer em um mês, em um ano ou sabe-se lá quando.*

Antenor consentiu. Era bom ver Eurídice feliz, dando sorrisos e muitos beijos em Cecília e Afonso. Bom ouvir as gargalhadas da mulher atravessarem a casa inteira. Ele nem sabia que a mulher podia gargalhar assim, em camadas. Também gostou de ter Guida por perto. A irmã de Eurídice trouxe para o sobrado dos Gusmão Campelo o toque Guida de decoração. Os vasos de cristal apareceram com flores, paninhos bordados apareceram nas mesas, e que lindas as almofadas que surgiram do nada, e

que eram o que faltava para completar aquele sofá. Chico não fedia, não cheirava e não falava. Vivia num mundinho só dele, composto principalmente pelo colégio Pedro II, para onde tinha passado no início do ano. Ele era o melhor aluno da melhor instituição de ensino do Rio, mas não parecia se importar com isso. Só se importava com os livros, o que deixava Cecília um pouco incomodada. Pois como um garoto que nem era assim o ó do forrobodó poderia ignorar aquela que tinha conquistado o R de Rainha do Sarau do Colégio Batista, escolhida quase que por unanimidade pelas três classes do segundo ano ginásial? (A segunda colocada ganhou oito votos, que, segundo Cecília, foram comprados através da distribuição de pão de queijo na hora do recreio.)

De vez em quando Chico tirava a cara do livro para jogar botão com Afonso, o que Cecília considerava outro acinte. Para ela os únicos botões que mereciam atenção eram aqueles que adornavam os seus vestidos. Tirando esse pequeno conflito, a adição de Guida e Chico ao resto da família foi feita de forma natural. Era como se aqueles convidados fossem esperados há tempos, como se fossem aquilo que faltava para a família Gusmão Campelo ficar completa.

Era também só o que faltava para aumentar o disse me disse sobre aquela casa. Zélia passou muitos dias de braços e pernas cruzados, com a cara e o corpo fechados para o mundo, balançando o pé e pensando no que raios havia de tão engraçado acontecendo do outro lado da parede para Eurídice gargalhar daquele jeito. Umas gargalhadas indecentes, ela pensava, sendo indecente tudo aquilo que ia contra a moral e os bons costumes, e não era um bom costume naquele tempo mostrar-se assim tão feliz. E quem era aquela mulher tão, tão, tão... exótica, e aquele menino tão, tão, tão... menino? Era a irmã de Eurídice com o filho, Zélia descobriu através de suas artimanhas de ornitorrinco, e parece que ela tinha perdido o marido numa batalha contra o câncer, que Guida fez questão de contar em detalhes para a vizinha interessada. “Fomos para Cleveland fazer o tratamento, alugamos uma casa em estilo Tudor e passamos o inverno sob a neve. Bebíamos chocolate quente como se fosse água, Nicanor me comprou um casaco de vison e Chico aprendeu a patinar no gelo. Mas a senhora sabe, quando Deus chama, ninguém pode fingir que não ouviu, e Deus chamou o meu finado Nicanor, aquele homem tão bom, aquele diplomata tão alto, fiel servidor do nosso querido

Brasil... É o que dizem, d. Zélia. O lado de lá está ficando mais interessante que o lado de cá.”

Ai que o coração da Zélia apertava de raiva. Apertava e não desapertava, porque não havia meios de ela descobrir onde estava o cabelo no ovo da vida da Guida. Mas ela sabia que tinha cabelo ali, isso ela sabia.

10.

Eu devia ter feito isto há mais tempo, eu devia ter feito isto há mais tempo, Guida pensava durante aqueles meses tão preciosos e de tantos risos trocados com a irmã. Elas riam por qualquer coisa e por coisa alguma. iam juntas à mercearia, discutiam o destino dos personagens das novelas e passavam tardes inteiras vendo as vitrines da praça Saez Peña. Os risos só deixavam as duas quando Eurídice tentava convencer Guida a rever o pai. Nessas horas a irmã fazia uma cara igualzinha à das artistas de TV, quando querem mostrar que as adversidades da vida não são capazes de dobrar seu caráter.

“Nunca mais porei os pés em Santa Teresa. Nunca mais.”

As duas ficavam em silêncio por um tempo, até se esquecerem de por que estavam tristes, para então voltarem a se divertir. Eurídice e Guida se sentiam mais novas que Afonso, Cecília e Chico, mesmo porque os três estavam entrando nesses anos tão chatos da adolescência. Depois de Cecília, foi a vez de Afonso e Chico descobrirem seus hormônios e, no caso deles, aquela coisa por vezes dolorosa que lhes crescia entre as pernas. O inchaço inoportuno precisava de alívios imediatos, que Chico aprendeu a fazer no banheiro, e Afonso aprendeu a fazer em Das Dores.

“Olhe que seu pai vai descobrir”, Das Dores dizia enquanto Afonso levantava as calças.

“Vai nada. E se descobrir você perde o emprego.”

Das Dores ouvia, e Das Dores se calava. Pois seus três meninos ainda precisavam dela, e parece que um deles não ia ser malandro que nem o pai, porque gostava dessas coisas de estudar. E se apenas um filho lhe saísse bem ela já podia morrer em paz, o que era agora uma das únicas coisas que queria. Ela inclusive já tinha visto o preço do caixão; tinha escolhido um de madeira clara com alças douradas. Já estava pagando as prestações do cemitério do Caju, que em cova rasa não ia ficar. A vida não tinha lhe

sorrindo, mas ela faria a morte lhe tratar melhor. Para Das Dores uma saia levantada a mais ou a menos não fazia muita diferença. Que mal havia em aliviar as angústias do menino? Ruim foi sua primeira vez, porque aos treze anos não sabia de muito e tentou resistir, voltando para casa com manchas de sangue que não eram apenas pelo fim da virgindade.

Mas deixemos Das Dores de lado. Voltemos para Guida, que agora se recupera de mais de uma década de bordoadas por acreditar no lema da Revolução Francesa. Apesar do peito triturado por Marcos, apesar dos longos meses de grávida solitária, apesar dos anos cuidando dos filhos dos outros, apesar das noites tão longas ouvindo Filomena gemer, apesar dos tempos empoeirados no armarinho e dos dias de acetona em sua sala, apesar de todos os fluidos depositados contra a sua vontade entre as suas pernas, Guida era uma espécie peculiar de João Bobo. De boba ela não tinha nada, mas podia bater que voltava. E voltava com mais força, e com mais sorrisos, e com mais crença em seu destino de vencedora.

Foi essa Guida radiante que seu Antônio, o dono da papelaria eternamente apaixonado por Eurídice, conheceu. Sim, era linda. Mas era também muito mais. Guida era um pouquinho de Eurídice, porque as duas levantavam a testa quando gostavam de escutar algo, e davam o mesmo sorriso na hora de se despedir. Eram diferentes em muitas outras coisas, mas seu Antônio não precisava de mais. Só precisava encontrar um jeito de passar mais tempo perto de Eurídice, ou perto de tudo o que fosse um pouco Eurídice.

Os primeiros bons-dias de seu Antônio para Guida vieram entre gaguejos, acompanhados de uma indisfarçável coceira no pescoço. Guida achou aquilo muito bonitinho. Sentia-se protegida perto da irmã, e por que não aceitar as boas intenções desse senhor de bigodinho e camisa abotoada até a gola, que só se referia a ela como “sra. Guida”, tendo nessas palavras muito mais respeito do que todos os outros “sra. Guida” que tinha ouvido até então?

Aceitar a corte do seu Antônio era como sair por aí com um radinho de pilha grudado no ouvido e sintonizado em todos os sucessos da Rádio Nacional. Ele fazia poesia com as frases, e tudo o que dizia parecia sair da boca de algum compositor. *Alguém como tu, assim como tu, eu precisava encontrar./ És láctea estrela, és mãe da realeza/ És tudo enfim que tem de belo em todo esplendor.*

Guida ficava de frente para o seu admirador, bebendo as palavras que ele dizia. Por muitos anos ela se fez surda para os gracejos masculinos, e era bom voltar a escutá-los.

Depois de algum tempo ouvindo que ela era uma “camélia impoluta”, uma “ninfa airosa” e uma “musa venusta”, Guida achou que era hora de abrir seu “peito de alabastro” e a sua “boca de néctar” para acrescentar palavras novas ao cortejo, como vida a dois, compromisso, planos. Ela podia vislumbrar no rosto de seu Antônio os anos restantes de sua vida. Os dois juntos no apartamento do solteirão, Chico ganhando a figura do pai que tanto lhe faltava. Guida passando as roupas em frente à TV, paninhos de crochê sobre os bibelôs da estante, e nunca, nunca mais, sopa de grão-de-bico para o jantar. Não era exatamente amor o que ela sentia por Antônio. Era afeto, que naqueles meses de flerte foi promovido a amor, para justificar o sonho das roupas passadas em frente à TV e a decoração em tons de azul do quarto do Chico. Era sobre Chico inclusive que ela queria conversar naquela tarde de sábado, depois de pedirem os folheados e o suco de groselha na Confeitaria Colombo.

“Seu Antônio, entendo que o senhor tem por mim uma estima profunda. E que seria uma dádiva ter-me como companheira. Mas, o senhor sabe, eu tenho um filho. E dele não me separo, nunca.”

Seu Antônio não disse nada por alguns segundos. Tirou o lenço do bolso, limpou o suor na testa e começou a coçar uns pontinhos vermelhos que saíram no pescoço.

“Sra. Guida, entendo que a senhora tem por mim uma estima profunda. Mas, a senhora sabe, eu tenho uma mãe. E de mim ela não se separa, nunca.”

E Guida, que estava com o corpo inclinado para a frente, voltou a se recostar na cadeira.

D. Eulália era a mãe de quatro filhos, sendo Antônio o caçula. O pai dela foi o dono de uma das primeiras fábricas de cerveja do Brasil, a Cervejaria Tupã. No começo a bebida era feita em casa e sob as queixas da mulher, Hortência, que quando não estava enjoada por estar grávida estava enjoada por cuidar de bebês, e não suportava aquele cheiro de mofo fermentado. “Vai dar certo, mulher”, ele dizia, enquanto enchia os tonéis e

recebia da gráfica os rótulos com o índio sorridente. Luiz era um brasileiro visionário, capaz de ver nos burros sem rabo que circulavam seu produto pelo Centro a certeza da fatura iminente. “Vai dar certo”, repetia, mesmo quando suas garrafas eram recusadas pelas adegas da Rio Branco, mais interessadas no vinho português, ou pelos bares da Carioca, mais interessados na cerveja alemã.

Foi mais ou menos nessa época que se formou a essência da cidade, e quem morava no Rio deixou de ser português imigrante, turco de nascença, brasileiro legítimo, chinês expatriado, meio branco, meio mulato ou meio índio para se tornar carioca. E logo depois que essas pessoas entenderam que eram cariocas passaram a sentir o desejo de ter nas mãos um copo de cerveja estupidamente gelada.

“Me veja um copo de Tupã”, começaram a pedir para os donos de todas as biroskas, assim que a tarde caía. Inventavam naquele momento o hábito do chope do fim do dia, e fizeram de seu Luiz o primeiro milionário da Nova República.

A fábrica de cerveja foi transferida da cozinha para novas facilidades, em São Cristóvão. A cozinha da família também foi transferida, da rua de terra no Santo Cristo para uma chácara em Laranjeiras. Agora uma galinha assada não tinha que durar três refeições, que terminavam com ossos chupados, mas apenas meia. Seu Luiz ganhou uma barriga maciça, acompanhada de um relógio que tirava do bolso menos para ver as horas e mais para mostrar que era de ouro. As três filhas ganharam uma governanta alemã que ele também gostava de exibir por aí, e por isso mandava ir de tempos em tempos até a confeitaria da esquina para pedir *quatrrro pans franceses, porrr favorrr*, agradecendo depois com um *obrrigada*.

Eulália nasceu na casinha do Santo Cristo, mas só começou a entender do mundo na chácara de Laranjeiras. Suas lembranças mais remotas eram a do comprido corredor que separava os oito quartos do salão principal, a dos quadris das cozinheiras negras que passavam o dia em pé na cozinha, e a do gramado contornado por flores imaculadas, independentemente da época do ano.

Quando acordava não era a imagem da mãe que ela via através do cortinado de filó, mas a imagem da ama, que a banhava, vestia, penteava e alimentava. Hortência tinha assuntos mais importantes para tratar que cuidar das filhas. Tinha que aprender a ser rica. A vida era singela nos

tempos da cerveja caseira, e quando aquele monte de dinheiro apareceu não sabia como proceder. Saía em sua nova carruagem até a rua do Ouvidor, observava a elegância das mulheres na rua e entrava nas lojas francesas, onde se fartava de comprar chapéus, sombrinhas e leques. O problema era combinar os acessórios com os vestidos da modista, e naqueles primeiros anos de bonança ela cometeu excessos. Aparecia na missa com corpetes bordados em ouro e camadas de renda na saia. Seus chapéus se passavam por enxertos da Amazônia, tamanha era a fartura de plumas, flores e frutas. Hortência era ao mesmo tempo ignorada pelas mulheres e o principal assunto comentado entre cochichos.

Nas noites de quarta-feira ela ouvia os sons de festa que vinham de uma chácara próxima. Era o salão de Heitor Cordeiro, que abria as portas de sua casa para a elite carioca. Hortência e Luiz nunca foram convidados, e logo eles, que moravam tão próximos! Ora, aqueles eram os primeiros anos da República, as castas fechadas da monarquia foram substituídas pela meritocracia burguesa, então por que aquele Heitor Cordeiro, ou a Bebê Silveira, ou o Raul Régis, que organizavam os mais finos salões do Rio, não viam no dinheiro novo de Hortência e Luiz um mérito a ser considerado, e não convidavam o casal para beber e recitar versos?

Bando de esnobes, aqueles. O que Hortência precisava era se tornar tão esnobe quanto eles. Apertou ainda mais o espartilho e colocou mais faunas e floras em seus chapéus. Por ordens da mulher Luiz agora só podia sair de casa com casaca e cartola, corpete de seda importada e gravata plastrom. As filhas viviam engessadas em roupas de linho, calçando botinas lustrosas que machucavam os pés.

A chácara também se transformou. Perdeu os ares de casa de campo para se tornar um castelo de torres góticas e portas mouriscas. O jardim ganhou uma fonte, e a fonte ganhou um cupido. Hortência comprou dois leões de louça para vigiar a entrada da casa e instalou na varanda as estátuas de Apolo e de Júpiter. Comprou bergères estofadas em seda, cadeiras com costas de tapeçaria, mesas com incrustações em bronze e livros para decorar a biblioteca. Comprou tantos bibelôs que foi preciso adquirir mais mesas e mais cristaleiras para abrigar os bibelôs. Estando as mesas e cristaleiras já compradas, Hortência adquiria novos bibelôs, e se calhava de exagerar na compra dos bibelôs arranjava novas mesas e cristaleiras, e por aí a coisa foi.

Depois de alguns anos a chácara-castelo dos donos da Cervejaria Tupã se tornou um dos lugares mais exóticos do Rio de Janeiro. Não havia dama da sociedade carioca que não quisesse botar ali seus pezinhos escondidos em borzeguins. Hortência só precisou elaborar os convites e abrir as portas de seus salões para o que ficou conhecido como O Grande Baile Tupiniquim.

Ainda na esquina da casa os convidados podiam sentir o cheiro dos jasmims que cobriam as paredes do grande salão. Depois de passar pelos leões de louça eram recebidos por um negro albino vestido como bobo da corte. O circo de cavalinhos que naquela manhã tinha desaparecido da pracinha foi remontado no jardim. Dois palhaços, um engolidor de espadas e um homem-canhão faziam performances ininterruptas. Um lago artificial foi construído no salão, onde se podia ver um cisne importado de Petrópolis nadando num mar de cerveja Tupã. Até um índio apareceu, embora tenha sido poupado da performance. Foi considerado indolente por não aprender a tempo a lidar com malabares.

Codornas, perdizes e pombos selvagens, fios de ovos, foie gras e sorvetes de frutas, presuntos com cravo, lombinhos e filés de badejo, castanhas açucaradas e bombons com licor eram servidos por vinte e cinco empregados que usavam perucas brancas dos tempos joaninos. Os copos só circulavam com a cerveja fabricada por Luiz, tornando explícita a mensagem de que a partir daquela noite os convidados teriam que engolir não só a bebida, mas também os anfitriões.

Apesar dos anos de vida remediada Hortência tinha o que precisava para agradar a grande sociedade, que era um pouco de imaginação e muito mau gosto. Já no dia seguinte começou a receber convites para os saraus e salões da cidade. Depois de alguns acertos baseados nas agendas de seus novos amigos decidiu-se que sua casa também abrigaria um salão, nas noites de segunda-feira.

Ernesto Nazareth aparecia para compor e treinar no piano. Só levantava a cabeça das teclas para tomar uma cerveja, e seis saideiras. Olavo Bilac recitou envergonhado, e vendeu para Hortência dez exemplares de seu primeiro livro, que ela não leu, não gostou e usou para forrar a gaiola de suas cacatuas. Angelo Agostini sentava-se num dos cantos da sala e fazia caricaturas dos convidados, enquanto Hortência se apresentava como odalisca e oferecia aos convivas um narguilé recém-trazido do Marrocos,

com o fumo de maçã com cannabis muito recomendado por um amigo. Até Machado de Assis apareceu uma vez, embora tenha ido de polainas, e para reclamar do barulho.

Eulália cresceu achando que a fartura era um direito. Era normal ter dezenas de roupas, mesmo com seu corpo crescendo na proporção inversa à possibilidade de usar todas elas. Normal ter os sapatos amarrados pela ama, normal alimentar o fox terrier com os pedaços de peito de frango negados à criadagem. Pobres existiam para ela usar luvas novas e não sujar as mãos ao dar esmolas depois da missa. Escola existia para ela aprender francês, e saber pedir um *croissant* na *boulangerie*, nos meses de férias em Paris. E os salões de sua casa existiam para ela conhecer um pretendente tão ilustre quanto ela, se casar e dar à luz quatro filhos, que seriam criados por uma ama, pois ela tinha assuntos mais importantes para tratar do que cuidar deles, como por exemplo continuar sendo rica.

Era bom e intenso e eterno. Até deixar de ser.

Seu Luiz, já na casa dos sessenta, passou a ter certas dificuldades de locomoção. Mesmo como dono da maior fábrica de cervejas do Rio ele nunca esqueceu os anos de penúria, e se lembrava deles principalmente na frente de uma picanha. O homem comia a carne com salivas só contidas pelo guardanapo, acompanhada por batatinhas fritas recém-saídas do óleo. Deixou de ver os pés, mas mesmo assim exibia a sua forma com orgulho, por ser a antítese dos anos frugais.

Estava escrito em seu destino que morreria de picanha, mas não porque teve as artérias entupidas. Foi porque, numa tarde, saindo da fábrica, atravessou a rua e calculou mal o tempo necessário para chegar à calçada. De um lado vinha um bonde, do outro vinha outro bonde, seu Luiz apertou a barriga, mas acabou comprimido entre os dois. As tripas aprisionadas se libertaram com a pressão, sujando as pernas de alguns passageiros. O caixão do homem teve que ficar fechado, porque os miolos sujaram os braços de outros.

Hortência ficou devastada. Não só porque Luiz foi o melhor brasileiro que conheceu, mas porque sabia que seus genros iam destruir o negócio em menos de uma década. Estava errada. O negócio foi destruído em menos de dois anos.

A chácara de Laranjeiras foi vendida para pagar dívidas. Hortência se mudou para uma casa de cômodos com uma cama de solteira, um baú

com vestidos dourados e uma caixa de madrepérola, que continha o dinheiro da venda de cristaleiras e bibelôs. Era seu o último quarto do último andar, e dali ela só saía para comer, ir ao banheiro ou sentar-se ao sol junto às roupas no varal, por uma hora, todas as tardes. Ficou conhecida como a nobre dama dos vestidos longos, aquela que contava sorrindo histórias de bailes magníficos, que às vezes tinham um negro albino como bobo da corte e um cisne nadando em cerveja. Outras vezes era o negro albino que nadava em cerveja, enquanto o cisne se vestia de bobo da corte. Foi no piano de sua casa que Ernesto Nazareth compôs os tangos brasileiros. Santos Dumont cuspiu enquanto falava, Olavo Bilac era um pouco gago, e Angelo Agostini não conseguia acertar nos desenhos o formato do seu nariz. Ninguém acreditava no que saía da boca da pobre mulher, mas gostavam dela. E, quando Hortência perdeu todo o dinheiro contido no baú, porque não soube fazer a troca das moedas de mil-réis para os cruzeiros que surgiram na década de 40, os moradores da casa de cômodos se juntaram para pagar o aluguel, tornando possível a rotina de banhos de sol e histórias fantásticas até sua morte, aos cento e dois anos.

Infelizmente Eulália não soube lidar com a pobreza com a mesma naturalidade da mãe. Nunca soube o que era ser pobre, e não gostou de saber. Puxaram-lhe o tapete com tudo o que havia por cima — dos sapatos italianos aos móveis de jacarandá. Mudar-se da chácara de Laranjeiras para um apartamento de dois quartos em Quintino foi um golpe em seus sentidos. Um golpe que ceifou qualquer tipo de doçura que sua indolente personalidade pudesse ter. Eram claustrofóbicas as paredes daqueles cubículos, e logo após a mudança não havia meios de ela entender como podia caber ali uma família de seis pessoas. A resposta chegou depois de alguns dias, em que nada de extraordinário aconteceu. Cabia porque tinha que caber. Eulália foi ficando cada dia mais mal-humorada, e foi infernizando a vida de todos à sua volta.

O marido de Eulália, que até então se chamava Onofre Francisco de Pádua Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, passou a se chamar *Onofre, seu imprestável*. Ele vinha de uma família que acreditava na riqueza endêmica. Algo que pertencia a eles por direito, e a que tinham acesso por um simples processo de osmose — só precisavam ficar perto do poder para receber as vantagens que lhes permitiriam continuar ricos. Coube ao bisavô de Onofre, o marquês de Ouriçal, uma das boas casas do Rio, ao

desembarcar do navio com a família real. Coube ao seu avô um posto na alfândega, para receber um salário sem trabalhar. Coube ao pai de Onofre o sobrenome distinto, que ele trocou pelo casamento com a filha de um traficante de escravos. E coube a Onofre o restinho de brilho desse sobrenome, que ele trocou pelo casamento com a filha de um empresário.

Depois de ter seu investimento em um futuro tranquilo triturado entre dois bondes Onofre não sabia o que fazer. Na verdade ele nunca soube, só que agora as consequências eram mais graves. Eram seis as bocas que precisava alimentar, e depois de passar muitos dias só pensando numa solução, não teve alternativa além de voltar a se mexer. Conseguiu emprego numa imobiliária, mas seus dias de labuta eram tão frequentes quanto anos bissextos. As comissões que ganhava eram até mais raras que anos bissextos, e o dinheiro que entrava não conseguia encher a despensa. Para fugir desse monstro hediondo chamado realidade Onofre começou a beber. Primeiro um vinhozinho do Porto. Depois uma caninha conhecida como xixi de anjo, capaz de corroer estômagos e diluir fígados.

Onofre, o Imprestável, morreu de cirrose. Eulália, a amarga, tirou os filhos da escola e botou todo mundo para trabalhar. No fim do mês ela interceptava o salário dos filhos, e se estava de bom humor liberava trocados para um cigarro — *um* cigarro. Descobriu ter dado à luz uns meninos bastante românticos, que mal completavam dezoito anos para anunciar casamentos com moças jamais aprovadas pela mãe. Antes de partir escreviam o novo endereço no caderninho, com umas letras de médico que nem vidente poderia decifrar.

A cada ano partia um. Quando Eulália se deu conta só restou o caçula, Antônio. Agarrou-se ao rapaz com braços de polvo, e fez do apartamento seu reino, e do filho, seu servo. “Você não me deixará, jamais”, decretou.

Foi mais ou menos por essa época que começou a ter problemas de saúde. Eram palpitações, formigamentos e indisposições, misteriosas até para os médicos que a atendiam. Se Eulália tossia, pensava em tuberculose; se tinha dores de cabeça, podia ser um tumor. As doenças vinham acompanhadas de premonições, porque se dormia pensando em azia sentia ardores antes das seis. Se dormia pensando na circulação acordava com pés que não entravam em sapatos. Suas gripes se transformavam em pneumonia; brotoejas podiam ser psoríase; e seu

coração que nunca bateu por ninguém começou com um murmuro constante.

As doenças de Eulália intensificaram-se durante os anos de juventude do filho, quando ele era o braço direito dos portugueses donos da papelaria Casa Cruz. Pioraram quando o rapaz deixou o emprego para abrir o próprio negócio na Tijuca, atraindo a visita de moças perfumadas que nunca tinham em casa canetas que funcionassem. Eulália melhorou na década seguinte, quando Antônio começou a apresentar cabelos brancos e tinha como único interesse a coleção de selos.

Era a genética que fazia Eulália doente. Não aquela presente em seu DNA, mas a que estava no DNA do filho. Antônio era um homenzarrão de um metro e oitenta, com peito de escudo e um topete negro que lhe caía nos olhos, e que causava nas mulheres vontade de pentear seus cabelos. Os dentes perfeitos faziam mocinhas corarem, por descobrirem-se capazes de pensar em funções para a boca que transcendiam a hora das refeições. Uma delas chegou a desmaiar na papelaria, depois de ver os bíceps de Antônio explodindo sob a camisa, ao levantar uma caixa de papel almaço. Voltou a si minutos depois, e em local indesejado. Era Eulália que comprimia sua pélvis contra as costas da moça, que lhe dava tapinhas nas bochechas, e enchia suas narinas com um hálito de cebola.

11.

Apenas duas das cento e oitenta e nove mulheres que foram à papelaria de seu Antônio em busca de algo além de mata-borrões conseguiram desbancar os agouros de d. Eulália. A primeira se chamava Isabelle Bouquier. Isabelle era filha do maior livreiro do Rio de Janeiro, o francês Jean Bouquier. Ela tocava piano, falava quatro línguas, não era feia e passava os verões em Paris. Isabelle poderia ter qualquer homem que caminhasse na rua do Ouvidor ou no Boulevard Saint Germain. E, para provar que poderia ter qualquer homem, quis um que não caminhasse pela rua do Ouvidor, ou por Paris. Conheceu Antônio num domingo de tédio, ao acompanhar a família para a apresentação da banda marcial no coreto da praça Saez Peña. A cabeça do rapaz sobressaía na plateia. Ele gostava de comer pipocas uma a uma, e olhava para a banda com o interesse de quem assiste a uma ópera no Municipal. Depois da apresentação a plateia se dispersou, e Isabelle pôde analisar o que restava de Antônio. Terno de alpaca, sapatos ordinários e uma senhora que lhe dava o braço.

Nas primeiras vezes que Isabelle apareceu na papelaria teve que enfrentar o bico de d. Eulália, que naqueles anos só deixava a caixa registradora para fazer um xixi por dia. Mas quando a mãe de Antônio inteirou-se sobre a família da moça o bico transformou-se em sorriso, para

depois transformar-se de novo em bico, ao dizer *Bonjour, comment allez-vous? À bientôt, à bientôt!*

Jean Bouquier era um homem de muitos contos de réis, não só porque sabia vender, mas porque sabia não comprar. Da porta para fora sua casa era uma das mais luxuosas da rua Conde de Bonfim. Da porta para dentro era uma das mais frugais. Examinava os selos das cartas que recebia, e aqueles que não continham carimbos eram descolados do envelope para ser utilizados em nova remessa. Seus sapatos passavam por um processo de metamorfose peculiar, que fazia Jean usar o mesmo par desde os dezoito anos: mandava trocar a sola de tempos em tempos, e se a sola estivesse boa mas a superfície rota, ele usava a base em um novo par. O pó do café peneirado era reaproveitado no dia seguinte, e nas poucas vezes que comia em restaurantes retornava pratos tão limpos quanto os que tinha recebido. Não estava ali para devolver grãos de arroz já comprados com seu dinheiro.

O único excesso eram as viagens a Paris, feitas a título de investimento. Jean tinha três filhas para casar, e o trânsito em dois continentes aumentava as chances de bom matrimônio. Além disso, a estada em Paris era doce por ser gratuita. A família acomodava-se na casa do irmão de Jean, o também livreiro Jacques Bouquier. Favor, aliás, que Jean nunca teve que retribuir. “Não, meu irmão, você não quer expor sua família aos perigos do Brasil. O Rio é um lugar imundo, com ruelas fétidas e mal arejadas. As poucas brisas só servem para disseminar doenças misteriosas que dizimam os estrangeiros. Um horror! Um horror!”, ele dizia.

Não foi exatamente um romance o que se passou entre Isabelle e Antônio. Foi uma faísca, que se acendeu numa quinta-feira de chuva, quando a moça foi instruída por Eulália a procurar com Antônio um bloco de notas no estoque da papelaria. “Os que estão na vitrine ficaram queimados de sol, mostre à moça os modelos que chegaram semana passada. Tinoco colocou na prateleira dos fundos”, disse Eulália.

A única lâmpada do estoque não dava conta de iluminar o espaço, o barulho da chuva no telhado aumentava a sensação de isolamento. Enquanto Antônio mostrava à cliente a pilha de blocos o braço de Isabelle tocou o seu. Tocou e continuou tocando, tocou e não deixou de tocar. Antônio sentiu os órgãos rearranjarem-se na barriga, e uma quentura lhe subir o pescoço. Segundos depois a quentura se transformou numa coceira medonha, daquelas que as unhas não curam. O que Isabelle sentiu

permanece um mistério. Durante o momento infinito do tocar de braços a moça continuou olhando a pilha de blocos com interesse peculiar, como se fosse a bandinha da praça Saez Peña, ou uma ópera no Municipal.

Antônio nem teve tempo de se perguntar por que seus órgãos se rearranjaram na barriga, ou por que seu pescoço coçava tanto. Isabelle também não chegou a ouvir as queixas do pai, que certamente reclamaria da compra de um bloco, tendo em casa tanto papel de embrulhar pão, perfeito para anotar recados.

No dia seguinte ao do roçar de braços Jean Bouquier sofreu uma apoplexia, que o deixou paralisado da cintura para baixo. Quando entendeu que seria necessário contratar um gerente para a livraria, que teria que pagar pelas visitas de um médico, pelos frascos de remédio e por enfermeiras de plantão, fez as contas e achou mais negócio morrer.

Viúva e filhas choraram muito durante o enterro. De raiva. Jean Bouquier deixou a fortuna para o irmão, e alguns contos de réis para a mulher. Ela agora teria que tomar as próprias decisões. A começar por decidir se devia gastar a herança para viver cinco anos na fartura, como a rica que tinha sido até então, e que não teve como aproveitar a vida. Ou usar o dinheiro para viver o resto de seus dias de forma frugal, como os anos que passou com o marido.

Quando Isabelle chegou de olhos vermelhos na papelaria a notícia da morte e do testamento de Jean Bouquier já tinha corrido o bairro. O bico de d. Eulália não tinha nada de francês, e a moça entendeu que jamais voltaria a procurar por um bloco de notas no estoque.

O tempo passou. O pescoço de Antônio curou-se das feridas causadas pela coceira. Seus dentes amarelaram, o peito esvaziou-se de músculos. Algumas casas da Tijuca foram demolidas e deram lugar a pequenos prédios de três andares. D. Eulália deixou a caixa registradora, e agora passava seus dias ao lado de um rádio.

Numa tarde de sexta-feira Eulália apareceu na papelaria ao lado de uma moça ruiva. Usava um vestido de seda marfim e brincos de pérolas gordas.

“Antônio, veja quem está aqui. Henriqueta!”

Henriqueta era uma prima distante, por parte de pai. Tão distante que seu lado na família era aquele que ainda tinha dinheiro. Usava cabelos curtos, tinha olhos estreitos e um sorriso acanhado, daqueles que pedem permissão para se abrir.

“Você se lembra de Henriqueta, *não lembra?* Daquela casa na Glória, onde costumávamos passar o Natal, *não lembra?* Daquele piquenique nas Paineiras para comemorar o aniversário do seu irmão, *não lembra?*”

Antônio não se lembrava do piquenique. Mas se lembrava de uma árvore de Natal tocando o teto de um salão, seu pai interceptando os garçons que serviam champanhe, e uma menina mais alta, que lhe chutava as canelas com botas ortopédicas.

Durante as décadas seguintes Henriqueta consertou os pés chatos e ganhou alguma graça. Graça que já era para ter desaparecido, porque naqueles tempos as graças não gostavam de acompanhar as moças com mais de trinta. Mas Henriqueta era uma das raras mulheres da época que se recusavam a envelhecer, mantendo no rosto uma frescura incomum a seus muitos anos. Tinha tudo para ser feliz, mas estava desesperada. Arrependeu-se de ter escolhido demais num tempo em que as mulheres escolhiam de menos. Passou a juventude recusando noivos que não lhe caíam bem. Um era muito alto, outro era muito baixo, outro era muito feio, outro mais feio ainda, e todos, todos eles, uns chatos. Descartou homens demais, e quando ganhou dois ou três cabelos brancos passou a ser descartada por eles.

Diante da possibilidade de passar o resto da vida como as duas tias solteironas, que preenchiam a existência com papos de anjo e picuinhas, a independência de Henriqueta se esfacelou. Meteu na cabeça que tinha que se casar, ou não se chamaria Henriqueta de Pádua de Albuquerque Lacerda. E, exatamente por se chamar Henriqueta de Pádua de Albuquerque Lacerda ela sabia que não seria assim tão difícil adquirir um marido. Tinha um brasão na gaveta, uma herança no banco e muita, muita vontade de ser feliz. Iria encontrar um companheiro, e sabia que podia se apaixonar por aquele que seu dinheiro pudesse comprar.

Paixão de verdade era o que estava se dando entre Eulália e Henriqueta. Parece que a prima precisava de um lugar aconchegante, porque abandonou os salões da mansão na Glória por tardes inteiras na salinha do apartamento de Antônio. Ainda do hall ele podia ouvir os risinhos que as duas trocavam. Chegava em casa e via na mesa de centro as xícaras vazias de café e as migalhas do bolo consumido.

Durante o affaire de Henriqueta e Eulália foram vários os antepassados que voltaram à vida. A começar por Onofre, o Imprestável, que foi

redimido de seus pecados étlicos e alçado à posição de mártir do destino. Não foi por falta de caráter, mas por excesso de adversidades, que sua vida terminou entre destilados. As duas mulheres passavam horas tentando encontrar vínculos que justificassem as longas tardes de conversa. Mas o único vínculo era aquele que abria a porta às seis e um quarto da tarde, que mantinha a cabeça baixa depois de dar boa-noite e que seguia para o quarto em silêncio.

“Antônio, meu filho, venha se sentar conosco!”

Ele agradecia o convite, mas dizia-se ocupado. Precisava anexar à coleção uns selos novos, recém-chegados de além-mar. Só saía do quarto quando a sala ficava em silêncio, e para ouvir durante o jantar os elogios à prima Henriqueta. Ela tinha viajado o mundo, e tinha uma casa em Petrópolis. Tinha estudado no Porto, e tinha um Ford 1934.

A indisposição de Antônio aumentava. Ele deixava a colher na mesa para se livrar de uma coceira que começava na cintura, subia pelo peito e se instalava no pescoço.

Antônio emagreceu muito naquelas semanas. Acostumou-se a abandonar o jantar pelo meio e a tirar lascas de pele do pescoço. D. Eulália levantava os olhos para o céu pedindo à Virgem por um alívio, e baixava os olhos para preparar a mistura de Minancora e maisena que aplicava nas feridas do filho. Não adiantou, e ela trocou a maisena por aveia. Depois trocou a aveia por polvilho Granado, e o polvilho por farinha de trigo. A farinha de trigo por creme Rugol, o creme Rugol por Leite de Rosas, e o Leite de Rosas por emulsão de cânfora com fubá.

Numa tarde de março Henriqueta estava na sala com Eulália quando o céu da Tijuca se fechou. As chuvas tão desejadas durante o mês estavam prestes a cair, numa única hora. Henriqueta levantou-se aflita, Eulália disse para se sentar. Imagine se ia deixar a moça ir embora, em horas como aquela as ruas se transformavam em rio. Henriqueta insistiu na partida, Eulália insistiu na estada, e mesmo depois de alguns minutos de fica-não-fica as duas já sabiam que a visita ficaria.

“Hoje você janta conosco.”

Era o momento perfeito para transformar o affaire entre as duas mulheres num triângulo amoroso. Mas as velas só foram acesas porque a energia foi embora. O jantar só foi a dois porque Eulália anunciou enxaqueca. E o homem do outro lado da mesa só estava ali porque tinha

que estar. Henriqueta entendeu tudo isso muito rápido. Tão rápido quanto os clarões que iluminavam a sala e o primo cabisbaixo que não tirava a mão do pescoço. Levantou-se da mesa, aproximou-se de Antônio e beijou sua bochecha. Um beijo que não deixou Antônio nervoso. Era como se estivesse sendo beijado por uma irmã.

No dia seguinte as feridas do pescoço de Antônio começaram a sarar. Algumas semanas depois Henriqueta pegou um navio para Nova York, onde pretendia passar alguns meses. Ouviu dizer que naquela cidade todas as moças com mais de trinta anos viviam como se tivessem vinte. Nunca mais voltou para o Brasil.

Pelos anos seguintes mãe e filho teriam uma vida tranquila. Eulália com seu rádio e suas pílulas, Antônio com seus papéis e Eurídice. Eurídice, que ele acompanhava de longe e admirava tanto, e que sabia com tranquilidade que jamais seria sua.

Tudo mudou naquele inverno. Antônio começou a gaguejar diante de Guida, e Eulália voltou a adoecer. A pressão baixou, o açúcar subiu, e como era possível viver com o barulho inusitado de seu intestino? Eram poucos os seus dias de vida.

“Aproveite o pouco tempo que me resta”, ela dizia para Antônio, debaixo de seu cobertor.

Isso era uma meia verdade, já que o dia da morte não aparece no calendário. Ou talvez seja melhor dizer que era uma meia mentira. Havia duas coisas que Eulália não pretendia fazer, nunca. Uma era morrer. A outra era permitir que o filho se casasse.

Mas Antônio, talvez por estar cansado de ter uma mãe carpideira, talvez por precisar de algo além de selos e papéis, deixou de escutar Eulália com os dois ouvidos e o coração aberto. Tirava a temperatura, media a pressão, administrava os remédios e cozinhava para a mãe um arroz sem sal, sem tempero, sem gordura e quase sem arroz, de tão frugal. Depois lavava as mãos, trocava de roupa e ia todo pimpão se encontrar com Guida.

Guida Gusmão. Quem era aquela mulher? Era irmã da Eurídice, aquela de quem Eulália nunca gostou, mas que não fedia nem cheirava, porque mulheres compromissadas não possuíam odores capazes de despertar os faros de Eulália. Ela nunca tinha visto a moça, mas recebia

relatórios precisos de sua comadre Zélia. Guida pintava as unhas de vermelho e tinha um filho adolescente. Usava maquiagem até para ir à feira, e não botava os pés na igreja. Andava com um peito mais estufado que os dos perus de Natal, como se fosse maior do que ela mesma, e certamente maior do que as outras mulheres do bairro. Uma afetada, essa Guida, tão afetada quanto a irmã, só que de um jeito diferente. Eurídice era afetada por gostar de viver em seu mundo, e Guida era afetada por gostar de ser a mais bonita, neste mundo de todos nós.

Era uma adversária à altura do amargor de Eulália. Pois se essa Guida está pensando que vai ter com o meu Antônio algo mais que passeios de mãos dadas está muito enganada, era o que Eulália dizia, o dia todo. Antônio nunca vai me deixar, ele nunca vai deixar este apartamento, Eulália repetia para si.

O mantra de Eulália se parecia com um outro, emanado a algumas quadras adiante. Guida já tinha se dado conta dos planos de dominação de Eulália, mas estava certa de que Antônio um dia seria dela. Vai ser meu, todo meu, ela dizia. Só meu, ela repetia.

Não demorou para as doenças de Eulália se agravarem, e os encantos de Guida se multiplicarem. Numa noite, pouco depois da troca de palavras práticas na Colombo, Guida e Antônio estavam jantando um fondue à luz de velas na Casa da Suíça quando o garçom interrompeu o casal.

“Sr. Antônio Lacerda?”

“Sim, eu mesmo.”

“É a senhora sua mãe no telefone.”

“Chegou a hora, chegou a hora”, Eulália dizia do outro lado da linha. “É meu peito que se fecha em espasmos, nem sei mais como posso respirar. Restam-me poucas horas ou minutos, minutos! Venha me ver pela última vez, e chame o padre para me dar a extrema-unção.”

Antônio ultrapassou sinais, invadiu a sacristia para acordar o padre, subiu as escadas engolindo degraus e encontrou a mãe tricotando no sofá.

“Eu poderia ter morrido de enfisema”, ela disse, sem levantar a cabeça.

Enquanto Eulália quase morria uma vez por mês Guida ia ficando cada vez mais jovem e bonita. Seus peitos pareciam não caber dentro dos vestidos. Suas pernas alongaram-se ainda mais, e seus sorrisos foram se expandindo tanto, mas tanto, que seu Antônio às vezes se esquecia de Eurídice quando olhava para os dentinhos separados. Os momentos de

amnésia foram se intensificando à medida que Guida mostrava a Antônio o verdadeiro sentido da vida, que ele descobriu estar ligado à abertura dos ganchos de um sutiã.

Junto daqueles peitos — e daquelas pernas, e daquela bunda — seu Antônio se esquecia de Eurídice, se esquecia da mãe, se esquecia das coceiras. E quando Guida voltou a usar palavras práticas, como *compromisso*, seu Antônio desconversou e ela negou o acesso a partes do seu corpo já antes desfrutadas. O homem ficou maluco. Esqueceu-se de ainda mais coisas, como das consequências terríveis de pedir a amada em casamento. Soltou as palavras num borbotão, sentindo-se em seguida arrependido e aliviado.

“Sim, sim, sim!”, disse Guida, atropelando o pobre homem com um abraço.

Ela era uma vencedora.

Depois que Guida disse *sim sim sim* ela franziu a testa. Continuava casada com Marcos, e para se comprometer com outro homem precisava, primeiro, pedir o desquite.

Nos anos posteriores ao abandono ela reconstruiu muitas vezes na memória o tempo de casada, tentando encontrar provas de que tinha feito alguma coisa errada, ou muita coisa errada, para o marido fugir assim. Não conseguiu encontrar um motivo, e chegava sempre à mesma conclusão: além de canalha, patife, pulha e safardana, Marcos era uma criatura fraca e despreparada, e por isso merecia o codinome Maricas.

Marcos Maricas, ela entendeu, não tinha condições de seguir uma vida independente. Retornou para Botafogo. *Ele devia estar por trás das cortinas de veludo quando eu apareci na mansão procurando por ele*, Guida pensou. Era verdade. Marcos estava por trás das cortinas, e permaneceu ali enquanto Guida recebia do porteiro a notícia de que ele não tinha voltado para a casa dos pais. Quando a moça deu meia-volta rumo ao ponto do bonde Marcos afastou a cortina. Teve a impressão de ver Guida um pouco curvada, e por alguns segundos pensou em correr para protegê-la. Os segundos passaram, e Marcos foi tomar um café.

Se ele retornou para a mansão de Botafogo era para a mansão de Botafogo que Guida deveria endereçar a carta com o pedido de desquite.

Pensou muito no que escrever, mas toda vez que alguma ideia lhe parecia boa na cabeça perdia o sentido quando chegava ao papel. Decidiu escrever apenas o necessário, “Quero assinar os papéis do desquite”. Era o que saberia escrever, e era o que precisava ser dito.

Mas assim que se apoderou da caneta Guida foi tomada por uma coerência inédita e preencheu quatro folhas de papel ofício com a rapidez dos médiuns psicográficos. Descarregou tudo no papel — as privações pelas quais passou, a falta de hombridade do marido, os duros anos no Estácio. De Marcos ela não queria nada além da sua liberdade. Guardou para o clímax o filho que tiveram, e que fazia questão de criar sozinha. “Seu nome é Francisco Gusmão. Tem seus olhos, e nada mais.”

A carta de Guida chegou em boa hora. Marcos também estava à procura da moça, pelo mesmo motivo. Queria oficializar a união com uma prima de segundo grau, chamada Maria Ester.

Algumas semanas depois Marcos e Guida se encontraram para assinar os papéis na frente de um juiz. Aquilo foi, na verdade, um não encontro. Marcos identificou na sala os contornos da ex-mulher e dirigiu seus olhares para tudo aquilo que não era Guida. Guida só tirou os olhos do juiz para assinar os documentos. Quando Marcos pegou a caneta ela ainda continha o calor da mão de Guida. Seu nome saiu tremido.

Depois do desquite Marcos foi morar no apartamento da prima. Era uma cobertura em Copacabana com grades art nouveau, que davam no moço a sensação de estar numa prisão. Talvez tenham sido os hormônios, talvez tenham sido os nervos, talvez tenham sido as novas responsabilidades da vida a dois. O fato é que Maria Ester mudou muito depois da união. Deixou o bigode crescer, passou a arrotar grosso e ficava sentada que nem um buda entre almofadas, dando ordens para a empregada e para o marido. O único consolo de Marcos era saber que desfrutava de liberdade condicional. Seu pai arranhou-lhe um emprego no governo, em que nada acontecia. Passava suas horas livres num escritório na praça da República, olhando para um caderno pautado e sublinhando com força as linhas de um jogo da velha. Pensava de vez em quando no filho que nunca veria, calculava a sua idade e não sabia se fazia as contas para imaginar o filho adolescente, ou o tempo longe de Guida.

Guida, por sua vez, precisava contar para Antônio sobre Marcos. Passou dias torcendo as mãos e andando de um lado para o outro do quarto,

tentando pensar na melhor forma de revelar a verdade, sem encontrar a resposta em nenhuma das paredes em que quase batia o rosto a cada poucos segundos. Pediu conselhos para Eurídice, que pôs fim à agonia com uma única frase: “A melhor forma de falar a verdade é falando a verdade”.

Naquela manhã de quinta-feira Guida acompanhou Chico até a porta da escola. Passou em seguida na papelaria, para falar com o namorado. Os olhos aflitos da moça fizeram Antônio dispensar o assistente Tinoco e trancar a porta da loja, colocando na frente o sinal de *Volto já*.

Os dois se sentaram nos fundos da papelaria, e foi olhando o chão e torcendo as mãos que Guida contou a verdade para Antônio. Sim, ela tinha sido uma criança louca e inconsequente: tinha fugido de casa na mais tenra idade, para se casar com aquele que se vendeu como um grande provedor. Esse grande provedor não passava de um oportunista, abandonando Guida com o filho ainda no ventre, deixando um rastro de destruição que se iniciou no coração da moça e se estendeu por todos os confortos materiais furtados do cotidiano da jovem mãe e de seu terno filho. Ela teve que sustentar sozinha a nova família, e foi assim que se tornou a caixa de um armarinho no Rio Comprido, de propriedade de uma senhora turca, chamada d. Amira.

Guida levantou os olhos e encarou o namorado.

“É por isso, meu amor, que nós não podemos casar. Fui casada, não posso me comprometer novamente. Prometo ser a sua terna companheira, pelo resto de seus dias. Mas nunca poderemos botar os pés na igreja, ou no cartório.”

Antônio descontraía o rosto na medida em que Guida falava. A mulher que amava não poderia, jamais, se casar com ele. Nunca teriam um compromisso formal. Não teria que assinar papéis, não teria que fazer promessas na frente de um juiz. Não teria que ouvir as ameaças implícitas na fala do padre, quando diz que o que Deus une não se pode desunir, para o resto de todos os dias de toda a nossa existência. Pela primeira vez em semanas deixou de sentir uma coceira medonha. Segurou as mãos de Guida e com o mais amplo sorriso de todos os que deu até então disse que sim, que ele aceitava nunca se casar com ela. Os dois se abraçaram, e Guida não se importou em sujar o rosto com o emplastro de fubá que Antônio tinha no pescoço, e que agora não tinha mais serventia.

Em maio daquele ano Antônio e Guida anunciaram ao bairro da Tijuca que iriam se casar. Fariam as bodas em Portugal, de acordo com o desejo da avó de Guida. Parece que essa avó era uma senhora muito religiosa, que se ajoelhou por meses até esfolar os joelhos, enquanto pedia à Virgem um segundo marido para a neta, tão bom quanto o primeiro. Agora que o pedido se realizava era necessário consumir o casamento na cidade de Fátima, de quem a avó era devota.

A viagem a Portugal sofreu uma série de modificações, não divulgadas por Antônio e Guida. Trocaram a Europa por Campos do Jordão, e a cerimônia na igreja por duas semanas no Hotel Vila Inglesa. Mal saíram do quarto, não tiveram que se preocupar com o possível encontro com conhecidos.

Nem todos no bairro acreditaram na história divulgada. Algumas mulheres disseram-se surpresas ao descobrir as qualidades casadoiras de Nossa Senhora de Fátima, uma santa que até então mostrava-se mais preocupada com as grandes questões da humanidade, como o fim das guerras, ou o dia do juízo final. Outras desconfiaram de um casamento sem a presença de convidados — nem mesmo a mãe de Antônio pôde estar presente. Muitas se indignaram com a crueldade do noivo. Como era possível um homem de quarenta e nove anos abandonar a mãe por tantos dias, deixando-a entregue aos cuidados de duas enfermeiras, que se intercalavam para não a deixar sozinha nem por um segundo?

Foram muitas as questões naqueles dias, mas ninguém no bairro conseguiu provar que a história de Antônio e Guida não era verdadeira. Havia, no entanto, um único consenso: a grossa aliança exibida por Guida na mão esquerda era feita de ouro maciço.

12.

Ninguém sabe ao certo o que aconteceu primeiro. Estes foram fatos que se misturaram no tempo e no espaço, e depois se diluíram na memória dos participantes. Uma testemunha vai dizer que foi assim, outra vai dizer que foi assado, e o único consenso possível é o que diz que o passado, de fato, aconteceu.

E foi isto o que se deu naqueles anos nebulosos: Antenor, essa alma inglesa aprisionada no corpo de um mameluco, foi superando todas as provas de resistência, mérito e politicagem administradas pela cúpula do Banco do Brasil. A mesa que ocupava passou por transmutações imperceptíveis a olhos nus, mas consideráveis depois de alguns anos. Ela aumentava gradativamente, e se movia para espaços mais arejados e próximos de grandes janelas.

Depois de décadas de constância e progresso a mesa se estabilizou numa sala exclusiva, que recebia o sol da manhã de cinco janelas neoclássicas da sede do banco, na rua Primeiro de Março. Uma sala menor, habitada por uma secretária de scarpins negros, separava Antenor dos outros funcionários públicos, que a essa altura tinham se tornado mais públicos que ele.

A promoção de Antenor a vice-presidente do Banco do Brasil não tinha em si grande novidade. Havia a sensação de que ele estava predestinado a ocupar a cadeira de couro trabalhado na sala dos tapetes persas. Aquela parecia ser apenas a ordem natural das coisas. Ele estava apenas seguindo o curso do rio, um rio que nunca apresentou correntes inversas, desde os tempos da memorização da tabuada.

Foi mais ou menos por essa época que Antenor trocou os empréstimos da verdade pela completa aquisição da mesma. Os melhores sapatos eram os da Casa Aguiar, rádio GE era melhor que Emerson. Pomada Minancora servia para tudo, Leite de Rosas não servia para nada. Não importa o que

outra pessoa falasse, aquilo se tornava um zum-zum-zum interrompido por Antenor, que dizia, “Não me interrompa, não me interrompa! Rádio GE é melhor porque é”. Afonso era excelente estudante, Antenor sabia. Quem estavam erradas eram as notas do boletim. Cecília era moça exemplar, que apareceu com o batom borrado porque a amiguinha esbarrou em seu rosto. E Eurídice era uma mulher realizada e desprovida de preocupações, graças a ele, Antenor, que nunca deixou a pá dos potes de mantimento tocar o plástico do fundo. Sempre houve fartura, sempre haveria estabilidade, e por isso sua mulher era feliz.

Eurídice olhava o marido com olhos de caso perdido. Depois perdia seus olhares na sala, de frente para a estante de livros. A melancolia da moça, que tinha melhorado com a presença da irmã, piorou quando Guida foi morar com seu Antônio. A casa voltou a ficar em silêncio, o dia voltou a ter mais horas do que devia. Antenor tinha o trabalho, Das Dores tinha a faxina, os filhos tinham a vida toda. E Eurídice, o que tinha?

As tardes na sala de estar, encarando a estante de livros. De vez em quando Das Dores saía da cozinha para olhar a patroa, os pés esparramados nos chinelos, os braços apoiados na barriga, um deles segurando a colher de pau. Eurídice nem notava, ou fingia não notar. A empregada voltava um pouco triste para a cozinha, balançando a cabeça em negativo. Quando Cecília e Afonso chegavam Eurídice disfarçava e olhava para outros lugares, e quando Antenor chegava ela disfarçava ainda mais, que não queria dar satisfações ao marido.

Talvez tenha sido a constância. Anos e anos sentando-se no mesmo lugar, encarando o vazio na forma de estante. Ou talvez tenha sido porque tinha que ser. O fato é que nessa nova temporada de olhares perdidos Eurídice começou a se sentir diferente. Era uma sensação bastante leve no começo, quase como uma cosquinha. Percebeu que a sensação só aparecia quando ela estava sentada no mesmo lugar, olhando para o mesmo ponto.

Eurídice passou a sentar-se em seu posto menos para olhar o nada e mais para esperar a sensação chegar. A sensação chegava, e encontrava no silêncio o espaço para crescer. E foi assim que a sensação aumentou até ser vista por Eurídice, e Eurídice viu que a sensação era isso. A sensação era o dom de ver.

Eurídice *viu* a estante de livros na estante de livros.

Ela viu a estante de livros.

Levantou-se e passeou a mão direita pelas lombadas. Dostoiévski, Tolstói, Flaubert. Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Antonio Candido. Virginia Woolf e George Eliot, Simone de Beauvoir e Jane Austen. Machado e Lima Barreto, Hemingway e Steinbeck. Alguns livros ela tinha lido e esquecido, outros tinha comprado e esquecido de ler. Alguns foram acrescentados por Antenor, que comprava livros como quem compra lanternas: é bom ter em casa os maiores pensadores do mundo, para se um dia precisarmos deles.

Era uma biblioteca sólida. Voltou para o sofá na companhia de um livro, e pela primeira vez em muito tempo dedicou às páginas sua total atenção. Depois pegou outro, e mais outro, e foi ligando os pontos imaginários que faziam de todos aqueles textos apenas um.

Dessa vez Eurídice colocou um de seus vestidos de sair para ir ao Centro comprar uma máquina de escrever. De volta à casa ela abriu espaço na mesa do escritório que até então tinha sido de Antenor. Mandou Das Dores encontrar outro lugar para as apostilas de contabilidade que ele teimava em guardar desde os dezoito anos. Colocou sobre a mesa a máquina de escrever Olivetti e ficou procurando as letras pelo resto da tarde. *Tec tec tec era um barulho bom de se ouvir*, Das Dores pensou. Enquanto o barulho existisse ninguém na casa estaria olhando para a estante de livros.

Tec tec tec foi o som daqueles tempos. No começo eles eram um pouco lentos, tipo um *tec* aqui e outro ali. Depois se transformaram num único e constante som, um *tectectectectec* que preenchia a tarde inteira, e era tão intenso que deixou de ser percebido como ruído.

Além da escrita ela arranjou naquele ano uma nova função para as mãos, que era a de acender o cigarro que fumava escondida no banheiro do primeiro andar. Começar a fumar naquela altura da vida lhe parecia genial. Cada cigarro era um grito de liberdade que se consumia em si, sem deixar pistas. Ganhou dentes amarelos, e um hálito de hortelã misturado com algo que Antenor não sabia direito como definir. Ganhou também um olhar seguro, que vinha da mistura das baforadas que soltava com os livros que lia.

A única que sabia sobre os cigarros — e nem era uma testemunha ocular, era apenas olfativa — era Das Dores. Ela via a patroa se trancar no banheiro, sentia o cheiro do cigarro saindo pelo basculante e ouvia os

esguichos de perfume que Eurídice jogava no ar, para enganar a si mesma, achando que tinha enganado Das Dores. A empregada não ligava. Achava inclusive que Doneurídici tinha demorado muito para achar um paliativo. Ela mesma, quando estava chateada com algo — do tipo meu marido apareceu, roubou o dinheiro e baixou a vassoura nas crianças —, era nas garrafas do bar de Antenor que se aliviava. Evitava o Ballantines — porque sabia que o patrão continuava consumindo a bebida nas Noites de Choro e Uísque — e se aventurava por licores que ficavam ali como totens. Quando a bebida na garrafa baixava muito era completada com água e açúcar, e a vida seguia mais leve.

Assim que Eurídice ouvia a porta de casa abrir com os filhos voltando da escola tirava da máquina a folha escrita, para trancá-la com as outras na gaveta da escrivaninha. Ia então para a sala, perguntar aos filhos como tinha sido o dia.

“Foi bom”, Afonso dizia.

“Tirei um oito na prova de matemática. Meu professor disse que se eu continuar assim não vou ter problema para passar no vestibular. Luiza apareceu com as unhas pintadas à francesa. Disse que é um salão na Mariz e Barros que faz. A senhora pode me comprar o novo disco do Dorival Caymmi? Eu quero muito, mamãe”, dizia Cecília.

Antenor chegava em seguida. Dava um beijo na testa da mulher, ia para o quarto trocar de roupa, voltava para a sala de chinelos. A família comia reunida, com um pedindo para passar a bandeja com o arroz, outro dizendo que aquele foi um dia de muito calor.

Todos sabiam sobre a nova rotina de Eurídice, mas ninguém ousava perguntar o que tanto ela escrevia. Foi numa noite de outubro, quando os escritos de Eurídice já estavam bastante avançados, que ela soltou entre uma e outra garfada a informação que satisfiz a curiosidade da família.

“Estou escrevendo um livro. É sobre a história da invisibilidade.”

O jantar seguiu em silêncio. Ninguém se importou em saber mais sobre o livro, se por acaso ela queria ver a obra publicada, se era uma história de amor ou de aventura, e quem era ela para começar a escrever assim. Havia a convicção de que Eurídice só podia ser levada a sério quando dizia que o jantar estava na mesa, ou que era hora de acordar para a escola. Seus projetos estavam confinados ao universo daquela casa. Ou quiçá do bairro,

se o projeto em questão envolvesse fazer sanduíches de queijo para as vizinhas nos dias das festas de aniversário.

Eurídice não ligou. O *não ligar* fazia parte da nova fase. Passava seus dias trancada no escritório, e se não havia *tectecs* na máquina era porque havia livros abertos, com a cabeça de Eurídice sobre eles. De vez em quando Das Dores escutava alguém falar e saía da cozinha para saber se a visita queria um cafezinho. Chegava na sala e descobria Eurídice falando sozinha, por trás da porta do escritório. Das Dores dava um suspiro e voltava de pés esparramados para a cozinha.

Era com os livros que Eurídice falava. “Isso aqui me parece genial, não concordo com este argumento, este parágrafo combina com este aqui do outro livro, ó”, ela dizia para as páginas. Sublinhava passagens, escrevia nas margens e às vezes exagerava nos pontos de exclamação.

De vez em quando Eurídice pegava o ônibus até a Biblioteca Nacional. Abria os arquivos do catálogo, escrevia uns quantos números e passava o dia entre escadinhas de livro. Fazia anotações num novo caderno pautado, que seu Antônio lhe vendeu com gosto. Voltava para casa de tardinha. Caminhava até o ponto de ônibus, abrindo espaço entre os pombos esfomeados na praça em frente à biblioteca. Mas ela não via os pombos, a fila ou o ônibus. Era só o que tinha lido que Eurídice conseguia ver, ao olhar distraída pela janela da lotação.

O único que parecia entender um pouco essas manias de Eurídice era Chico. Nos almoços de domingo, quando os Gusmão Campelo recebiam a visita de Guida, Antônio, Chico e Eulália (esta última só aparecia quando não estava doente, e ela nunca estava doente quando Eurídice fazia bacalhoadas), Chico sumia no escritório com a tia. Ninguém escutava muito a conversa, porque era feita a portas fechadas, e porque não interessava a ninguém.

O que incomodava nessa nova fase de Eurídice era o olhar: ele agora parecia entrar por dentro das pessoas, como se fosse roubar seus segredos. Mas desde que a rotina de casa fosse mantida, desde que Afonso tivesse os cabelos cortados e o uniforme limpo, desde que Cecília mantivesse a saia na altura correta e não risse alto por aí, desde que os chinelos de Antenor e as almofadas do sofá estivessem no lugar correto, Eurídice podia ter o olhar que bem entendesse.

Os Gusmão Campelo tinham enfim uma vida que parecia normal.

Tá.

Essa não é a verdade toda.

Essa é quase toda a verdade.

Antenor continuava empenhado em se tornar um corno retroativo. Continuava bebendo mais do que devia nas Noites de Choro e Uísque, continuava culpando a mulher por noites de luxúria anteriores ao casamento. “Quem era ele?”, Antenor perguntava, e Eurídice continuava dizendo que ele nunca existiu. Mas agora ela achava que essas noites teriam sido boas, para ela e para Antenor.

Guida estava presente numa das Noites de Choro e Uísque. Dispensou Das Dores assim que ouviu os primeiros gritos e lavou sozinha os pratos do jantar. Estava secando a louça quando Eurídice apareceu na porta da cozinha, de cabeça baixa.

“O Antenor tem destas coisas. Ele acha que eu não me casei virgem porque não sangrei na primeira vez.”

Guida continuou secando os pratos.

“Isso aconteceu comigo também.”

“Quê?”

“Aconteceu comigo também. O lençol não ficou manchado, mas o Marcos não ligou.” Parou um instante, olhou para a frente. “A gente estava muito apaixonado naqueles anos.”

Eurídice olhou a irmã como se olhasse para um livro interessante. Depois foi guardar os talheres na gaveta.

Era pacata a vida dos escritos de Eurídice, naquele fundo escuro da gaveta da escrivaninha. A luz do sol só entrava uma vez por dia, junto com outras páginas de texto. Ruídos quase não havia, além do barulho da máquina. Apesar do marasmo esses escritos tinham o poder quase mágico outorgado a alguns papéis, que era o de incomodar muita gente.

O *muita gente* que os escritos de Eurídice incomodavam eram as outras mulheres do bairro. Para as seguidoras de Zélia os novos hábitos de Eurídice extrapolaram o atrevimento, e se tornaram insulto. Quem era ela para ler autores complicados e para escrever algo além de receitas de bolo?

Eurídice estava desrespeitando um dos princípios básicos do Estatuto do Vizinho, que diz que a felicidade de um grupo só é possível se todos nesse

grupo se parecerem, nas contas bancárias e nas aspirações.

Ao saberem por Zélia sobre os *tectecs* da máquina de Eurídice, ao cruzarem na rua com a vizinha abraçada a uns tantos livros, ao perceberem que para uma tijuicana igual a elas o disse me disse do bairro não tinha nenhuma importância, a corporação de mulheres dos arredores da rua Uruguai se sentiu diretamente atingida. O comportamento de Eurídice era de uma arrogância só explicável pela perda da razão.

Provas de demência eram muitas: Eurídice deixou de respeitar as leis da moral e dos bons costumes, por continuar cumprimentando a Sílvia depois do desquite. Não quis participar do Conselho Tijuicano contra o Comunismo, formado por d. Iaiá. Eurídice recusou o convite para tesoureira do comitê filantrópico do América Futebol Clube, empenhado em erradicar a miséria no mundo através da produção de sapatinhos de crochê para os pés descalços dos mulatinhos do Borel.

Certa vez d. Efigênia perguntou a Eurídice o que levava naquela sacola da Livraria da Vinci, e Eurídice teve o atrevimento de responder que eram as obras completas de Shakespeare e um dicionário Oxford, *porque ela achava que Shakespeare deveria ser lido no original.*

Pobre Eurídice, diziam as vizinhas. Agora seus delírios serão bilíngues. Estavam todas muito tristes pela moça. E, quando ela passou a usar um turbante verde-água, ficaram muito felizes, porque podiam ficar ainda mais tristes por ela. Eurídice já não se importava com a aparência. Não se importava em passar uma hora em frente à penteadeira, ou duas horas embaixo dos cogumelos dos salões de beleza, para depois desfilar pelo bairro com penteados de colmeia, daqueles que a pessoa parece que enrolou a camisola, botou no cocuruto e cobriu o troço todo com uns cabelos.

É então que tudo muda na avaliação dessas senhoras. Um caminhão da Gato Preto estaciona em frente à casa dos Gusmão Campelo. Descem homens de macacão com caixas, e mais homens de macacão com mais caixas. Quem vê não pode fazer nada além de continuar vendo, e se alvoroça.

Zélia demorou uma hora e meia para divulgar o primeiro relatório, porque Antenor estava nervoso acompanhando a embalagem da sua TV, Eurídice estava compenetrada acompanhando a embalagem das louças, os

carregadores estavam concentrados em desenvolver hérnias, causadas por carregar tantas caixas com os livros de Eurídice.

Sim, eles estavam de mudança, Zélia disse. E para onde iam?

Zélia disfarçou como pôde a cara de decepção.

“Para Ipanema.”

Ipanema. Mudar-se para Ipanema no início dos anos 60 não era apenas transferir a mobília para alguns quilômetros adiante. Era atravessar os portões do tempo, para viver num lugar que fazia o resto do Rio se parecer com o passado. Ipanema era o bairro dos escritores, poetas e músicos. Atores, pintores e escultores. Jornalistas, dramaturgos e diretores de cinema. Ipanema também era um bairro familiar, com casas de muro baixinho, prédios de poucos andares e confortáveis apartamentos de andar inteiro, os mais caros do Rio de Janeiro.

Foi para um desses apartamentos que Eurídice e Antenor se mudaram. As seis janelas da sala emolduravam o Atlântico, o extenso corredor dava para quatro quartos com armários embutidos e vista para a copa das amendoeiras.

Aquilo de que se desconfiava com os excessos de eletrodomésticos dos Gusmão Campelo se tornou, naquele momento, oficial: a família tinha se tornado rica. Eles não estavam mais sujeitos às regras da classe média da Tijuca, e uma nova avaliação foi feita sobre Eurídice. Ela não era, de fato, louca. Eurídice era uma criatura exótica. Exótica pelo turbante, exótica pelos escritos. Exótica porque não havia mais parâmetros que fundamentassem a comparação.

Foi como Carlota Joaquina deixando o Brasil que Eurídice deixou a Tijuca. Sem olhar para trás, sem lamentar o fato de ter abandonado no bairro tantas lembranças de sua vida. Da Tijuca ela não queria nem o pó. Com todas as caixas já no caminhão ela entrou no Aero Willys da família rumo à Zona Sul. Antenor deu a partida e Eurídice cruzou os braços fazendo o gesto de uma banana, embora jure que estava só usando a mão esquerda para jogar um papel de bala pela janela.

Ipanema, ela logo descobriria, também tinha seus ornitorrincos. Mas era um novo bairro e era uma nova Eurídice, e isso, ela sabia, fazia toda a diferença.

13.

Depois do casamento Guida enfrentou mais um desafio: os momentos de ócio da sogra. Esses momentos eram compostos por todos os segundos de todos os minutos de todas as horas do dia, usados tão somente para infernizar a vida de Guida. D. Eulália não se conformava com o rompante de iniciativa que acometeu Antônio, o *seu* Antônio, um menino que por meio século tinha sido tão bom. O casamento com Guida foi um golpe que debilitou sua saúde, ao mesmo tempo em que a tornou imortal. Eulália prometeu a si mesma que, para Antônio e Guida permanecerem juntos teriam que passar por cima do seu cadáver, e morrer nunca esteve em seus planos.

No início Guida fez o que pôde para agradar Eulália. O banho estava frio? Ela enchia a banheira com água quente. Estava quente? Jogava na banheira um balde de água fria. Agora estava um pouco frio? Botava mais água quente. Agora estava um pouco quente? Botava mais água fria. A resiliência de Guida incomodava Eulália, que não podia reclamar que o banho estava molhado. O feijão estava ralo? Guida esquentava a panela para a água evaporar. Agora estava grosso? Guida botava mais água. Era o tempero que não estava bom, e Guida ficava do lado de Eulália recebendo ordens sobre alhos e azeites, e se pudesse contaria os grãos de sal para fazer exatamente do jeito que a sogra pediu.

Logo entendeu que não poderia contar os grãos de sal de todos os pedidos de Eulália. Era o banho, era o feijão, era o jeito de passar e de dobrar as roupas. A forma de arrumar os alimentos na geladeira e a camada invisível da poeira que não tirava.

Guida então recorreu a Deus. A moça acendia uma vela a cada sete dias no banheiro do apartamento e rezava pedindo uma solução para Jesus Cristo Nosso Senhor, para São Sebastião do Rio de Janeiro, para Santo Expedito das Causas Urgentes, para Santa Rita dos Casos Desesperados,

enquanto d. Eulália esmurrava a porta do banheiro, dizendo que a nora tinha que sair naquele instante, porque ela estava com uma infecção urinária e não podia passar cinco minutos longe do vaso.

O único efeito das velas foi tornar preto o teto do banheiro. Era Chico, e não os santos, que consolava Guida. Era ele que a punha no colo numa ou outra noite em que Eulália exagerava nas críticas. “Vai melhorar, mãe”, ele dizia, só por dizer.

Nos meses seguintes, a infecção urinária de d. Eulália piorou. Ela não conseguia mais fazer o percurso até o banheiro sem um descarrego pelos corredores. Guida limpava o chão, trocava a roupa da sogra e a colocava sequinha no sofá. Lavava a calcinha no tanque e voltava à sala, para ouvir que estava gastando muita água.

Momentos entre a vida ou a morte eram comuns, nas noites de fim de semana. Eulália agonizava ao ouvir os primeiros acordes de “Besame mucho”, vindos da sala em penumbra. “Chegou a hora, chegou a hora!”, Eulália gritava do quarto, e Antônio corria para mais uma vez não ver a mãe morrer. Guida acendia a luz e cruzava os braços. Batia o pé ao som do bolero, esperando o marido voltar. A música terminava com Antônio no quarto da mãe.

Quando a sogra começou a ter descarregos intestinais Guida falou com Antônio. D. Eulália parecia muito doente, não seria melhor interná-la num asilo, para que pudesse receber tratamento especializado de profissionais capacitados?

Antônio olhou Guida como se ela tivesse antenas. Jamais abandonaria a mãe. Como iria dormir, sabendo que aquela que lhe deu a vida estaria na companhia de estranhos, e que poderia morrer a qualquer hora, e que ele, apenas ele, seria o culpado por tanta maldade?

E Guida olhou o marido como quem foi curada de miopia. Antônio estaria para sempre atrelado à mãe. O cordão umbilical foi extraído no parto, ao qual a sogra teve a má ideia de sobreviver. Mas na cabeça do marido ele não seria cortado, nunca.

Guida passou a manhã seguinte envolta em pensamentos inéditos, enquanto a sogra comia balinhas de coco de frente para a televisão. A trégua entre as duas só seria possível com a morte. Se a disputa levasse em conta o número de anos vividos, Guida estaria em vantagem. Mas se levasse em conta a resistência das partes, a vencedora seria Eulália.

Foi ali que começou a pensar numa coisa em que nem queria muito pensar, mas que foi entrando em sua cabeça assim, como quem não quer nada, ao mesmo tempo que entrou porque escutou um chamado, que Guida jura que nunca fez. E como essa coisa que entrou não foi expulsa nem nada, criou raízes e foi crescendo. Guida nem gostava de pensar nessa coisa com muita vontade, mas também não fazia nada para deixar de pensar. Era na verdade uma hipótese, uma ideia, algo que podia acontecer, mas que se perguntassem a ela se iria acontecer ela diria que não, de jeito nenhum, aquilo jamais aconteceria. E essa coisa era essa ideia: *quem sabe eu não mato a minha sogra*.

Passou a analisar d. Eulália com novos interesses. Pelas manhãs a velha tomava o café com oito comprimidos. Reclamava das migalhas na mesa, ou do sol da manhã entrando pela janela. Depois ligava o rádio ou ficava de frente para a TV, chupando balinhas de coco. Reclamaria da falta de luz, “por que raios a Guida fechou a janela?”, do barulho dos bifés na frigideira e da almofada preferida que se encontrava tão longe, na outra ponta do sofá. Almoçava ao meio-dia, junto com onze comprimidos. D. Eulália reclamava da sobremesa — “Gelatina, de novo? Dê-me um doce de verdade, que meu tempo é curto. Pudim, numa terça? Você quer que eu morra de diabetes?”.

À tarde d. Eulália intercalava os programas de TV com longas estadas à janela, chupando balinhas de coco. Só saía do posto para ir ao banheiro. “Como fede este banheiro, Guida. O que você está usando para limpar, seus pensamentos?” Jantava às seis, junto com nove comprimidos e críticas ao tempero da carne.

E a coisa estava assim — Guida com essa ideia que era e não era dela, e d. Eulália como rainha soberana e moribunda ocasional, quando numa tarde de quarta-feira uma baiana doceira passou pela rua.

“Tem bala puxa-puxa?”, d. Eulália gritou da janela.

“Tem simsinhora”, a negra respondeu, e d. Eulália mandou Guida comprar as balas da baiana.

Guida voltou com as balas e foi até a cozinha arrumá-las num pratinho. “Isso só serve pra sujar louça”, disse Eulália.

A moça deu um suspiro — nos últimos tempos Guida não respirava, só suspirava — e foi para a cozinha temperar o feijão com três dentes de alho, meia cebola média picada, três colheres e meia de azeite e duas pitadas de

sal, conforme instruções da sogra. Podia ouvir o céu da boca de Eulália estalando com as balas puxa-puxa. *Stac, stac. Stac, stac. Stac, stac.*

É aí que aquela ideia que não era bem da Guida volta, e as coisas ficam um pouco confusas. Porque Guida pensa que pode fazer ela mesma as balinhas puxa-puxa, e pode fazê-las sempre, sabendo que se ela fizer as balas a sogra ficaria feliz, e sabendo que poderia, quem sabe, talvez, morrer entalada por uma.

D. Eulália nem criticou as balinhas que agora Guida fazia todas as manhãs. A velha parecia um cocker spaniel, olhando para a nora com olhos de quero mais. Se dentadura tivesse cáries, a de d. Eulália estaria preta. Ela passava o dia in-tei-ro estalando o céu da boca. *Stac, stac. Stac, stac. Stac, stac.* Quando um pedaço maior ficava preso entre os dentes ela enfiava o indicador para tirar. Quando o pedaço preso era muito grande a dentadura se deslocava, e Eulália arrumava os dentes, com um barulho de *crect. Stac, stac. Stac, stac. Crect. Stac, stac. Stac, stac. Crect. Stac, stac. Stac, stac. Crect.*

As balas puxa-puxa foram responsáveis por uma trégua entre Guida e Eulália. Trégua que se deu um pouco antes da batalha final. Aconteceu numa terça-feira. Guida estava na cozinha fazendo bifés à milanesa, d. Eulália estava na sala chupando balas puxa-puxa. Os *stacs* que vinham da sala eram tão constantes quanto as batidas de um metrônomo. *Stac, stac. Stac, stac. Stac, stac. Crect. Stac, stac. Stac, stac. Stac, stac. Crect. Stac, stac. Stac, stac. Stac, stac. Crect.* Até que a sala ficou em silêncio, e Guida escutou algo cair no chão, seguido de um *argh, argh, argh.*

Esta é a parte nebulosa da história.

Quando Guida escutou um *argh, argh, argh,* pensou o mesmo que vocês, leitores, estão pensando. Mas aí achou que não era bem isso o que estava escutando, e decidiu passar na farinha de rosca os três bifés que faltavam, enquanto cantarolava “Desafinado”. Ela não sabe se achou que não era isso o que estava acontecendo porque essa seria uma hipótese implausível, ou se achou que isso não estava acontecendo porque queria muito que acontecesse, e para acontecer ela teria que passar na farinha os bifés restantes. *Argh, argh, argh,* ela ouvia. Foi quando Guida se chacoalhou e correu até a sala e sim, aquilo que ela queria e não queria pensar que podia acontecer estava, de fato, acontecendo. Os porta-retratos

da mesa estavam no chão e d. Eulália estava de olhos arregalados, entalada com uma bala puxa-puxa.

Guida se desesperou. Enfiou a mão de farinha na goela da sogra, e nada de a bala sair. Jogou longe a dentadura de Eulália, e nada. Esmurrou as costas da sogra, virou a velha de cabeça para baixo, gritou por socorro pela janela, voltou para esmurrar a sogra. E a bala ali, em local desconhecido. Ela sabia que tinha um jeito de fazer d. Eulália voltar a respirar, que era só cortar algum lugar do pescoço para o ar voltar a passar, mas a única coisa que se lembrava das aulas de biologia era que pelo pescoço também passava a jugular, e que essa tal de jugular se encontrava num local tão desconhecido quanto o da bala.

Os vizinhos chegaram em seguida. Alguns tiveram a oportunidade de socar as costas de d. Eulália. Outros só viram o corpo. A ambulância chegou meia hora depois.

Foram sinceras as lágrimas de Guida no enterro da sogra. Ela chorava por Antônio, que soluçava de dor, e que podia ser considerado o único órfão do mundo com problemas de coronária e pelos na orelha. O luto no apartamento do casal durou uma semana. No sábado à noite Guida deu um dinheiro para Chico ir ao cinema e colocou “Besame mucho” na vitrola. Aquela foi a noite em que Antônio deixou de ser órfão.

A vida na Tijuca naquele início dos anos 60 estava calma até demais. Fazia meses que nenhuma mocinha engravidava e sumia por uma semana, para fazer um aborto ilegal, ou por nove meses, para dar à luz um filho bastardo. Nenhuma empregada foi despedida porque a barriga crescia, levando com ela a roupa do corpo e a certeza de que não conseguiria trabalho. Nenhuma família anunciou uma viagem ao exterior por parte do homem da casa, sendo o trajeto ao exterior aquele feito até o Hotel dos Descasados, em Santa Teresa. Zélia começou com uma mania de tirar as pelezinhas entre os dedos e a unha, de tão entediada que estava. Foi quando ela soube de uma história que era, talvez, A Melhor do Ano, quiçá da década.

A convite da prima, ela foi na quermesse da igreja de São Joaquim, e nessa quermesse conversou com uma amiga da prima casada com um relojoeiro. Esse relojoeiro tinha uma cliente que morava na Muda, e essa

cliente tinha uma meia-irmã, que tinha por sua vez uma outra meia-irmã, que contou para ela a história que ouviu de uma comadre, sobre uma vizinha dela no Estácio que tinha desaparecido da noite para o dia. O que fez a história dessa mulher passar por tantas bocas foi o fato de ser ela tão bonita quanto atrevida. Era mãe solteira, que negava seus favores a homens necessitados, e morava com uma ex-prostituta — sabe-se lá o que faziam juntas na mesma casa. Dizem que a ex-prostituta morreu de forma hedionda, talvez para ter que pagar os próprios pecados, e que a mãe solteira era um pouco relaxada nos cuidados com o filho, pois o menino ficou muito doente. Parece que essa mãe solteira prestava favores para o dono da farmácia local, e que seu sumiço estava relacionado com a internação do homem após o consumo excessivo de Lacto-Purga que, segundo consta, estava escondido num bolo de chocolate, ou numas broas de milho, ou num pudim de claras, que a tal mulher levou para ele num dos encontros de pecado. Até hoje o dono da farmácia cerra os punhos ao se lembrar da mulher, que se chamava Guida Gusmão.

Guida Gusmão. Então é de família, Zélia pensou. Vagabunda não era só Eurídice, imortalizada pelos gritos de Antenor. Precisava informar a verdade às partes interessadas o mais breve possível.

Zélia pôs-se a trabalhar na divulgação, mas mesmo depois de uma semana a notícia não conseguiu chegar ao alvo principal, que eram Guida e Antônio. Depois da morte de Eulália o novo núcleo familiar não queria saber de atividades sociais. Financiado pela mãe, Chico descobria os prazeres do cinema, enquanto Antônio descobria os prazeres do casamento.

Quando Zélia aparecia na papelaria era só o mulato Tinoco que via atrás do caixa.

“Sabe de seu Antônio?”

“Esteve aqui pela manhã, mas disse que estava indisposto.”

Algumas semanas depois os integrantes da nova família voltaram à rotina. Puderam de novo prestar atenção no que acontecia no entorno, abrindo olhos e ouvidos para histórias de terceiros, e tornando possível ouvir de terceiros a história sobre eles mesmos.

Era uma manhã de segunda-feira. Seu Antônio estava atrás do balcão, o mulato Tinoco espanava blocos do outro lado da papelaria. Zélia entrou com uns olhos cheios de pena e nem se preocupou em disfarçar a visita,

pedindo meia dúzia de lápis ou mais folhas para um fichário. Emendou a história de Guida depois de um bom-dia, enriquecendo o relato com detalhes só possíveis de serem vistos por moscas em cantos de sala. Falou de juras de amor e de beijos apaixonados, e de pérolas e esmeraldas, trocadas por mais juras de amor e mais beijos apaixonados. Estava inspirada, pensou que um farmacêutico não daria conta de tanta luxúria, e se preparava para acrescentar um padeiro, um oficial do corpo de bombeiros e um torneiro mecânico, quando foi interrompida pelo rosto indignado de Antônio.

“E quem é a senhora para vir aqui maldizer minha mulher?”

“Mas seu Antônio, não foi essa a intenção...”

“Ponha-se já para fora da minha loja.”

Naquela noite Antônio contou para Guida a história que ouviu de Zélia. Ele cuspiu salivas, arregalava olhos e se indignava com a maldade no mundo.

“Uma vida no Estácio, no Estácio! O convívio com uma prostituta, colares de pérolas e anéis de esmeralda, como é possível inventar tantas calúnias sobre você, minha ninfa?”

Guida segurava as mãos de Antônio e dizia que sim, aquilo não era possível. Era inveja, só podia ser. Inveja do amor dos dois, nem todo mundo podia ser feliz assim. Pediu para Antônio pousar a cabeça em seu peito e lhe fez cafunés e carinhos. Antônio levantou o rosto uma única vez.

“É tudo mentira. Não é?”

“Lógico que sim. Tudo mentira.”

Antônio voltou a afundar a cabeça. Guida tinha em seus braços um menino. Um menino de têmporas brancas, que colava o ouvido no peito de Guida para não ter que escutar outra coisa além das batidas de seu coração.

E foi assim que os detalhes escatológicos inventados por Zélia e os cuspes que seu João deu em Guida passaram a fazer parte de um único grupo, o dos fatos que nunca existiram. Ali ficaram as joias em troca de favores que Guida nunca ganhou. Ficou também o bolo de coco, feito por Guida para o farmacêutico, e que continha vinte e três comprimidos de Lacto-Purga. Ali ficaram os dias de muito trabalho no Estácio e as noites de agonia de Filomena. Ficaram os momentos críticos da doença do Chico e os armários da cozinha sem mantimentos. Nada daquilo existiu. Mais

tarde, de olhos abertos na cama e tendo ao lado o marido adormecido, Guida pensou que aquele era um excelente lugar para abrigar aqueles anos de seu passado.

14.

Aquela foi a primeira manhã em quarenta anos que a quitanda da rua Almirante Alexandrino não abriu as portas. Do lado de dentro estava seu Manuel, jogado no chão e rodeado pelas laranjas em que tentou se apoiar quando sentiu os primeiros sinais de um AVC. O derrame tirou-lhe os movimentos do lado direito do corpo e o deixou com um rosto ainda mais rabugento do que aquele que tinha depois da morte da mulher.

O velho português logo descobriu que a pior consequência do derrame não era a perda dos movimentos do corpo, mas a falta de comando sobre o destino. Papéis foram trocados de uma hora para outra, e se antes era seu Manuel quem ditava as regras, agora eram as filhas que lhe davam ordens. E as duas decidiram (entre devaneios, na sua opinião) que dali por diante Guida cuidaria do pai.

Até que a cara torta não lhe caía tão mal, ele chegou a pensar. Manuel não tinha planos de trocar nada além de grunhidos com a filha. Guida por sua vez tentou conter os próprios grunhidos. Olhava o velho na cama e via o responsável por tantos anos de sofrimento, por lhe negar a volta quando tinha o Chico a caminho. Mas o velho na cama também era aquele que lhe fazia barquinhos de jornal nos dias de muita chuva, para soltarem juntos nas corredeiras que se formavam nas ruas de Santa Teresa. Era ele quem fazia curativos impecáveis nos joelhos quando ela se ralava. E era ele, principalmente, quem lhe ensinou o que era um coração, explicando o som que ela ouvia em seu peito, quando se recostava ali para dormir.

Pai e filha sempre foram como imagens refletidas no espelho. Ele grunhia, ela grunhia. Ele ficava mal-humorado, ela ficava mal-humorada. Ele achava que sabia tudo, e isso era ela que achava.

As semelhanças eram celebradas por d. Ana. Quando mais alguma aparecia, ela escondia num sorriso *o bem-feito* que nunca disse. As discussões com o marido eram sempre as mesmas: “Por onde você andou

quando solteira pra não sangrar na lua de mel? Como eu posso saber se Guida é mesmo a minha filha?”. Ana respondia acanhada, dizendo que nunca abraçou homem algum além dos irmãos, e naqueles primeiros tempos chegou a pensar que foram esses abraços que lhe tomaram a virgindade.

Depois, quando se estabeleceram no Rio, a quitanda prosperou e havia algum dinheiro para médicos particulares, Ana procurou um especialista. Arrependeu-se de marcar a consulta assim que a assistente chamou por seu nome, na sala de espera. Com muito esforço, mãos torcidas e um relato que envolvia fatos mas ocultava palavras, Ana descreveu sua noite de núpcias com pistas suficientes para o médico recriar a cena.

Era um senhor intransponível, com óculos que diminuía seus olhos e lábios que não sorriam. Estava profundamente interessado na caneta que tinha em mãos. Foi olhando a Parker que respondeu à paciente, no mesmo dialeto utilizado por Ana. Disse que aquilo podia acontecer, que nem todas as mulheres nascem iguais. Que as partes íntimas de algumas senhoras eram diferentes das de outras, que nem sempre a abundância daquilo que se é esperado é de fato abundante, podendo ser tênue, ou quase nada. Que não havia motivos para se preocupar, pois certamente houve algo imperceptível, porém real. Que passasse bem e não pensasse mais naquilo, e se fosse necessário ele poderia indicar um elixir para os nervos.

Quando voltou à quitanda Manuel perguntou como tinha sido a consulta.

“Dr. Diógenes disse que estas indisposições são coisas da idade e que não há motivos para preocupações.”

Informou ao marido sobre a compra do elixir, enquanto colocava o avental sobre a roupa e seguia para o canto da loja. Explicar ao marido o verdadeiro motivo da consulta e o vago retorno do médico estava além do que Ana podia fazer, e do que Manuel podia escutar.

Foi o passar dos anos que trouxe a vingança a Ana. Guida parecia ter nascido só do pai. Os dois tinham as maçãs do rosto saltadas e o mesmo nariz afilado. Precisavam balançar o pé ao dormir e roncavam fino quando resfriados. Foi necessário fazer outra filha para Ana se ver, e sim, ela se via em Eurídice. Principalmente quando a menina olhava melancólica pela janela, como que pensando em tudo o que tinha para viver e que jamais

seria vivido. Ana conhecia esse sentimento. Ele foi abafado pela vida em tamancos, que fez do seu mundo o abrir e fechar das portas da quitanda. Era tão inteligente quanto Eurídice, mas nunca pôde ver nada além das dúzias de tomates.

Depois que o português renegou a filha arrependeu-se profundamente, desse jeito português de se arrepender, que implica não deixar ninguém nunca descobrir sobre o arrependimento. Quando d. Ana morreu ele se arrependeu ainda mais, e tornou-se ainda mais português, não deixando ninguém saber de nada. Tudo estaria bem, desde que pudesse se sentar atrás do balcão da quitanda todos os dias, na mesma hora.

Foi Guida que sugeriu cuidar do pai quando soube do derrame. Ela estava longe de d. Ana quando morreu e não queria aumentar os arrependimentos de suas lembranças. “Não se preocupe, a gente vai se acertar”, prometeu para Eurídice.

Mudar-se para Santa Teresa seria bom para Guida, Antônio e Chico. Naquele ano as vendas na papelaria diminuíram, o que Antônio atribuiu à abertura de uma Casa Mattos na rua Conde de Bonfim, e Guida atribuiu ao incidente entre Zélia e Antônio. O negócio foi posto à venda, o dinheiro investido em um terreno em Laranjeiras, e os três se instalaram no apartamento em cima da quitanda, junto com seu Manuel.

Com o passar dos meses seu Manuel foi melhorando do derrame, até chegar a um ponto em que ninguém sabia se ele grunhia por causa do AVC ou por causa das rabugices. Quem achava muita graça nesse jeito do velho era Chico, que sempre quis ter um avô. Gostava de ler para Manuel os poemas de Guerra Junqueiro, seus preferidos.

*E é triste ver assim ir desfolhando,
Vê-las levadas na amplidão do ar,
As ilusões que andámos levantando
Sobre o peito das mães, o eterno altar.*

*Nem sabe a gente já como, nem quando,
Há de a nossa alma um dia descansar!
Que as almas vão perdidas, vão boiando
Nesta corrente eléctrica do mar!...*

Chico fingia não notar os olhos molhados do avô. E ficava pensando naquele velhinho de lábios tortos, que nunca tinha feito nada na vida além de vender frutas e que gostava, nas horas vagas, de pensar nas almas perdidas em correntes elétricas do mar.

Eurídice vinha visitá-los duas ou três vezes por semana, com turbante verde-água e cheiro de hortelã nos lábios. Não podia vir mais porque estava cursando história na PUC. Ela era a aluna mais vibrante do primeiro ano, a aluna ligeiramente vibrante do segundo, a interessada no terceiro, e a cética no quarto. Continuava escrevendo muito, e foi com Chico em algumas das passeatas estudantis que aconteceram depois de 64.

A família se encontrava aos domingos para almoçar na casa de Eurídice. Seu Manuel sentava-se em um sofá perto da janela. Olhava o Atlântico por horas, talvez em busca das almas perdidas em correntes elétricas, talvez pensando na sua Ana, talvez só olhando a bunda daquela morena, e como é que pode se vestir com uma roupa assim tão curta, este mundo já foi melhor. Cecília participava dos encontros um pouco avoada, ouvindo menos as conversas e mais os toques do telefone. Podia ser uma amiga convidando-a para o cinema ou — no caso de ter ido a alguma festinha no sábado — pensando que podia ser ele, ai meu Deus, podia ser ele. Afonso continuava guardando a maioria das palavras para si. Almoçava calado e tinha como hobby terminar com as namoradas depois de levá-las para um último encontro na avenida Niemeyer. Antônio estava sempre feliz, olhando para Guida, ou para Eurídice. Chico lia, comia, falava com Eurídice e ia embora. Antenor se tornou essa coisa ainda mais antenoriense. Cheio de si, seguro de tudo, incapaz de erros, e ai de quem lhe dissesse que falhou em algum momento — se todos falhassem como ele o Brasil seria uma potência.

Quando a família se mudou para Ipanema, Das Dores continuou na casa, mas teve que deixar o trabalho depois do segundo ano. Eram as pernas que lhe doíam, ela disse. Por intermédio de uns conhecidos Eurídice lhe arranjou uma consulta no Hospital do Fundão, sem que tivesse que amargar os sete meses da fila de espera. Parece que Das Dores teria que operar, e mais não se soube. Antenor e Eurídice não podiam ter em casa uma empregada que não conseguisse limpar em cima da geladeira. Pagaram-lhe os benefícios, deram por fora uns tantos cruzeiros e

Das Dores sumiu no mundo, tão quietinha como sempre viveu na casa de seus patrões.

Depois do Golpe de 64 Eurídice passou a escrever com mais raiva, o que se pode deduzir pela intensidade dos *tectecs* na máquina. Mandou alguns textos para o *Jornal do Brasil*, que nunca foram publicados. Alguns anos depois, quando um novo jornal chamado *O Pasquim* foi lançado, ela também tentou contribuir, mas nunca obteve retorno.

A vida em Ipanema, ela descobriria, não era assim tão diferente da vida na Tijuca. É verdade que a proximidade do mar arejava os ambientes, mas o cocô de cachorro espremido entre as pedras portuguesas parecia advir da cabeça de alguns moradores.

Com uma filha que se mostrava cada dia mais diferente, um filho que só era dela porque saiu dentre suas pernas e um marido que só se achegava para beijos na testa, Eurídice voltou-se ainda mais para dentro de si, e para dentro do escritório com estantes de livros até o teto, onde passava a maior parte do dia. Nunca tirou a medalhinha de Nossa Senhora do peito, mesmo quando deixou de acreditar em Deus.

A vida seguiu por aí, e um único som permaneceu constante:

Tec tec tec, tec tec tec, tec tect tec...

Tec tec tec, tec tec tec, tec tect tec...

Tec tec tec, tec tec tec, tec tect tec...

Nota da autora

Não se sabe se os escritos de Eurídice receberão algum dia a devida atenção. Talvez, após a morte da autora, quando Cecília estiver arrumando sozinha o escritório de Eurídice (porque Antenor estará chorando uma represa de lágrimas, acumuladas desde o dia em que viu o corpo de Maria Rita), ela tenha um tempinho de folhear os papéis da gaveta.

Ou talvez Chico, para quem Afonso e Cecília darão a tarefa de organizar o escritório, e a permissão de ficar com os livros que lhe interessassem, por ser tão ligado à tia.

Ou mesmo Afonso, ainda um pouco atordoado pela morte da mãe, que entre organizar o closet de Eurídice e seus papéis, dirá “Eu quero os papéis! Cecília fica com o closet!”, na vã ilusão de que assim ficará mais longe do cheiro da mãe.

Ou Guida, chamada por Afonso e Cecília para cuidar das coisas de Eurídice, porque se pudessem recorreriam à própria mãe para pedir auxílio em atividade tão dolorosa, e na falta da mãe é à tia a quem se recorre.

Mas não Antenor. Este não conseguirá olhar para nada que pertenceu a Eurídice, na consequência de ter os olhos de novo transbordando, e de dizer, “Eurídice era uma grande mulher, Eurídice era uma grande mulher”.

De qualquer forma, se alguém, algum dia, achar na principal gaveta do escritório a encadernação de papel-ofício contendo na primeira página o título *A história da invisibilidade*, e tiver a sabedoria de ler aquelas páginas, entenderá que é um livro importante demais para pertencer a apenas uma biblioteca.



JORGE LUNA

MARTHA BATALHA nasceu em Recife em 1973, mas cresceu na Tijuca, no Rio de Janeiro. Formou-se em jornalismo com mestrado em literatura pela PUC-Rio, trabalhou nos jornais *O Dia*, *O Globo* e *Extra* e criou a editora Desiderata, hoje parte da Ediouro. Mudou-se para Nova York em 2008, onde completou o mestrado em Publishing da New York University e recebeu a maior distinção do curso, a Oscar Dystel Fellowship. Deixou o mercado editorial americano para se tornar escritora. Feito raro para um livro de estreia, *A vida invisível de Eurídice Gusmão* já teve os direitos vendidos para o cinema e para mais de dez editoras estrangeiras.

Copyright © 2016 by Martha Batalha

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Ilustração de capa

Bruno Romão

Preparação

Livia Deorsola

Revisão

Ana Maria Barbosa

Adriana Bairrada

ISBN 978-85-438-0565-8

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Capa

Rosto

Dedicatória

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

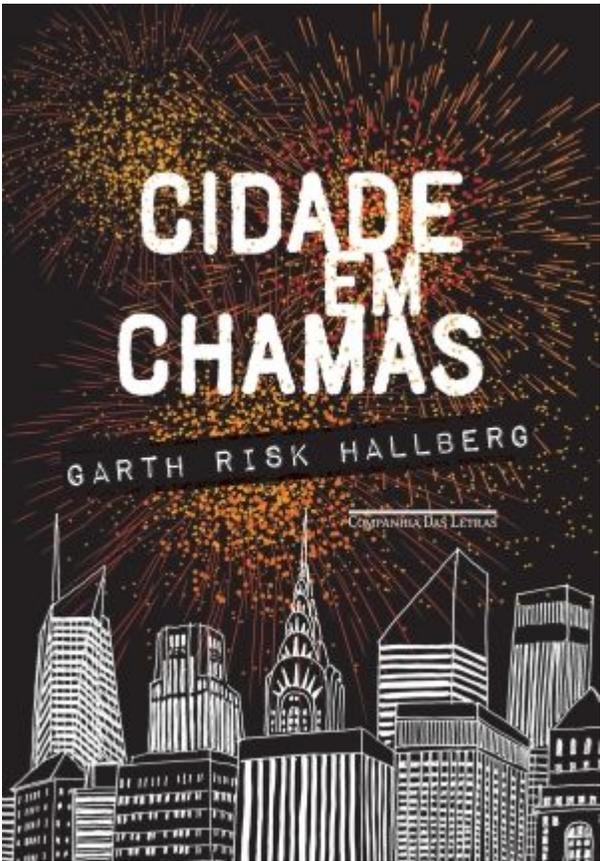
13.

14.

Nota da autora

Sobre a autora

Créditos



Cidade em chamas

Hallberg, Garth Risk

9788543805627

1040 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma das maiores estreias literárias de todos os tempos, "Cidade em chamas" recria a Nova York dos anos 1970 com a energia punk que alimentou a década.

Nova York, 1976. O sonho hippie acabou, e dos escombros surge uma nova cultura urbana, com guitarras desafinadas, coturnos caindo aos pedaços, galerias de arte e casas de show esfumaçadas. Regan e William são herdeiros de uma grande fortuna. Ela, uma legítima Hamilton-Sweeney, vê seu casamento desmoronar em meio às infidelidades do marido. Ele, a ovelha negra, fundador de uma mitológica banda punk e figura lendária das artes de Nova York. Ao redor dos dois gira uma constelação de personagens e acasos: uma jovem fotógrafa, um professor negro e gay, um grupo de ativistas, um garoto careta e asmático e um jornalista que sonha ser o novo nome do jornalismo literário americano. E, em meio a tudo isso, um crime que vai cruzar essas vidas de forma imprevisível e irremediável.

"Cidade em chamas" é um romance inesquecível sobre amor, traição e perdão, sobre arte, rock e o que significa a verdade. Sobre

peessoas que precisam umas das outras para sobreviver. E sobre o que faz a vida valer a pena.

[Compre agora e leia](#)



O LIVRO
DAS CRISES

COMPANHIA DAS LETRAS

TÁ TODO MUNDO MAL
JOUT JOUT

Tá todo mundo mal

Jout Jout

9788543805863

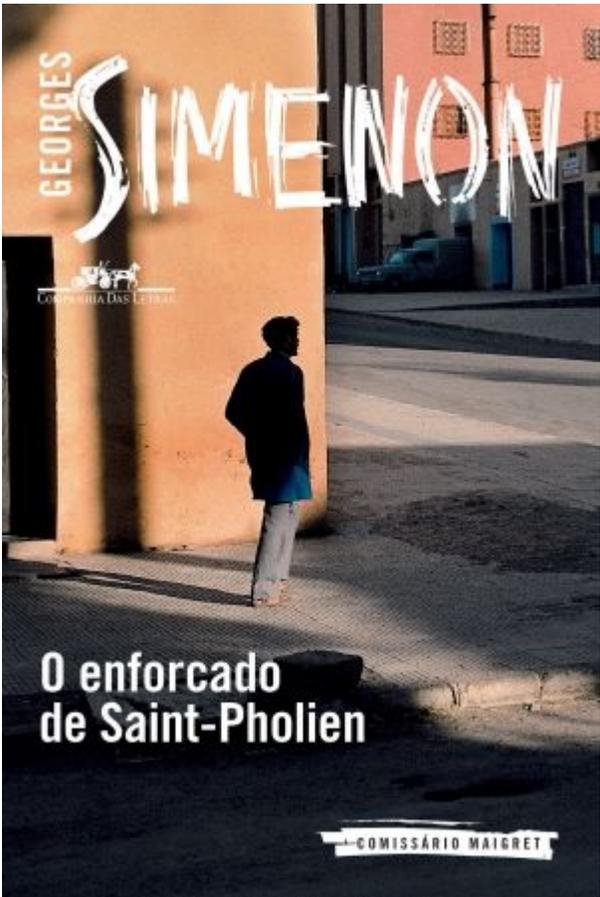
200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Do alto de seus 25 anos, Julia Tolezano, mais conhecida como Jout Jout, já passou por todo tipo de crise. De achar que seus peitos eram pequenos demais a não saber que carreira seguir. Em "Tá todo mundo mal", ela reuniu as suas "melhores" angústias em textos tão divertidos e inspirados quanto os vídeos de seu canal no YouTube, "Jout Jout, Prazer".

Família, aparência, inseguranças, relacionamentos amorosos, trabalho, onde morar e o que fazer com os sushis que sobraram no prato são algumas das questões que ela levanta. Além de nos identificarmos, Jout Jout sabe como nos fazer sentir melhor, pois nada como ouvir sobre crises alheias para aliviar as nossas próprias!

[Compre agora e leia](#)



O enforcado de Saint-Pholien

Simenon, Georges

9788580869934

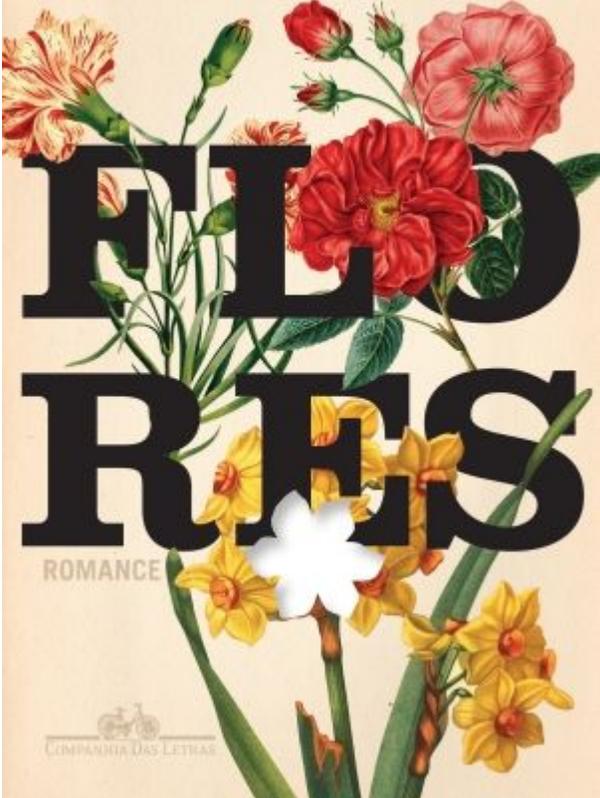
136 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maigret inadvertidamente causa o suicídio de um homem, mas seu remorso motiva a descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem desesperado a se matar. O que primeiro vem à mente quando se fala em Georges Simenon são os números: ele escreveu mais de quatrocentos livros, que venderam mais de 500 milhões de exemplares e foram traduzidos para cinquenta idiomas. Para o cinema foram mais de sessenta adaptações. Para a televisão, mais de 280. Simenon foi um dos maiores escritores do século XX. Entre seus admiradores, figuravam artistas do calibre de André Gide, Charles Chaplin, Henry Miller e Federico Fellini. Em meio a suas histórias policiais, figuram 41 "romances duros" de alta densidade psicológica e situados entre as obras de maior consistência da literatura europeia. Em O enforcado de Saint-Pholien, Maigret está em viagem para Bruxelas. Por acidente, o comissário precipita o suicídio de um homem, mas seu remorso é ofuscado pela descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem à decisão extrema de se matar.

[Compre agora e leia](#)

AFONSO CRUZ



ROMANCE


COMPANHIA DAS LETRAS

Flores

Cruz, Afonso

9788543805856

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história inquietante sobre o amor, a memória e o que resta de nós quando perdemos nossas lembranças.

Um homem sofre muito com as notícias que lê nos jornais, com todas as tragédias humanas a que assiste. Um dia depara-se com o fato de não se lembrar do seu primeiro beijo, dos jogos de bola nas ruas da aldeia ou de ver uma mulher nua. Outro homem, seu vizinho, passa bem com as desgraças do mundo, mas perde a cabeça quando vê um chapéu pousado no lugar errado. Contudo, talvez por se lembrar bem da magia do primeiro beijo — e constatar o quanto a sua vida se afastou dela —, o homem decide ajudar o vizinho a recuperar todas as recordações perdidas. Em seu livro mais recente, o português Afonso Cruz apresenta uma bela reflexão sobre o amor e a memória.

[Compre agora e leia](#)

JOSÉ SARAMAGO



CADERNOS DE LANZAROTE II

PRÊMIO NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Cadernos de Lanzarote II

Saramago, José

9788543801995

504 páginas

[Compre agora e leia](#)

José Saramago mora em Lanzarote, uma das ilhas Canárias. Ali, em 1993, começou a compor um diário cujo primeiro volume abrange os anos de 1993, 94 e 95 (Companhia das Letras, 1997), enquanto este cobre 1996 e 1997. O autor pode falar sobre tudo: a família, os amigos, as coisas cotidianas, as coisas extraordinárias, as viagens constantes, o Brasil, os muitos brasileiros que conhece, as tarefas que decorrem da sua profissão, do seu modo de escrever etc. Para um escritor, manter um diário é trabalhar. O tom pode ser mais informal e nenhum projeto propriamente dito se explicita, mas a obra é legível em cada página. Entre coisas e pessoas, hábitos e decisões, afetos e idéias, o trabalho de José Saramago é escolher suas afinidades e gerar sua escrita humanizadora.

[Compre agora e leia](#)